



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Ciências Físicas e Matemáticas

Centro de Ciências da Educação

Centro de Ciências Biológicas

Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica

Simoni Urnau Bonfiglio

**REFLEXÕES E SABERES DO ENSINO SUPERIOR NO PROCESSO
CIVILIZATÓRIO CONTEMPORÂNEO**

FLORIANÓPOLIS – SC

2021

**REFLEXÕES E SABERES DO ENSINO SUPERIOR NO PROCESSO
CIVILIZATÓRIO CONTEMPORÂNEO**

Tese submetida à banca examinadora do Programa de Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), para a obtenção do título de Doutora em Educação Científica e Tecnológica.
Orientador: Dr. Walter Antonio Bazzo.

Florianópolis- SC

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bonfiglio, Simoni Urnau
REFLEXÕES E SABERES DO ENSINO SUPERIOR NO PROCESSO
CIVILIZATÓRIO CONTEMPORÂNEO / Simoni Urnau Bonfiglio ;
orientador, Dr. Walter Antonio Bazzo, coorientador, Prof.
Dr. Juliano Camillo, 2021.
166 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós
Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis,
2021.

Inclui referências.

1. Educação Científica e Tecnológica. I. Bazzo, Dr. Walter
Antonio . II. Camillo, Prof. Dr. Juliano . III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Educação Científica e Tecnológica. IV. Título.

Simoni Urnau Bonfiglio

**REFLEXÕES E SABERES DO ENSINO SUPERIOR NO PROCESSO
CIVILIZATÓRIO CONTEMPORÂNEO**

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dra. Regina Celia Grando, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Sidnei Grippa, Dr.
Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Prof. Dr. Anderson Dorow, Postdoc
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Educação Científica e Tecnológica.

Prof. Dr. Juliano Camillo
Coordenador do Programa

Prof. Dr. Walter Antonio Bazzo
Orientador

Florianópolis, 10 de dezembro de 2021

Dedico

A todos os envolvidos nesta caminhada de formação profissional mais humana e condizente com meu 'Self', especialmente, ao encontro de pessoas especiais, por seu profissionalismo e dedicação, assim como paixão pela educação e sociedade. Aos inúmeros colegas de profissão e formação, pelos primorosos momentos de produção e discussão que muito contribuíram para este 'Todo' que agora se descreve em uma tese. Sem deixar de mencionar minha filha Athena que, em sua parceria, muitas vezes foi copartícipe deste trabalho, e a todos os 'Seres iluminados' que resplandeceram nesta caminhada - jornada.

AGRADECIMENTOS

Neste movimento de agradecer, volto-me ao significado de gratidão em declarar 'estar grata' e, como em todo movimento, seja ele circular ou não, o fluxo ocorre. Sendo dessa forma, peço licença para descrever esta fluidez de modo a trilhar um 'Caminho' que há muito tem sido percorrido.

Desde a adolescência envolta por dúvidas, esperanças, projetos e sonhos, como a maioria dessa faixa etária, já me via envolvida com a docência e suas peculiaridades. Filha e irmã de professoras, este tema, de forma constante, fazia parte de meu cotidiano, principalmente aos sábados, dia que, em função da presença do patriarca, que trabalhava fora durante a semana, mantinham-se longas conversas sobre educação, sociedade, política e humanidade, após o tradicional almoço.

Esses momentos eram envoltos de muitas reflexões que, somente mais tarde, puderam fazer sentido, afinal dada a idade e a incipiência, muito se ouvia e pouco se falava. Mas como toda fase passa, ela, por sua vez, também passou, e logo me senti à vontade para participar de forma mais ativa, dando opiniões e defendendo minhas ideias. Naquele contexto, todo pensamento era respeitado, independentemente da concordância e da coerência, pois as diferenças eram bem-vindas.

Ao ingressar no Ensino Médio, o curso do Magistério foi um caminho natural, pois, além de já ter conhecimento da área, a inquietação quanto ao 'o que fazer', 'como fazer' e 'para que fazer' na educação era uma constante e, assim, se fez. Passado mais um tempo, questões que permeavam a educação e que de certa forma a circundavam, passaram a ser a tônica daquilo que 'me chamava', como se fosse algo a 'cutucar', e a graduação não poderia ser adiada, necessitava ir além, a fim de poder ter a sensação de estar preparada para exercer a tão complexa tarefa de ser adulta e profissional.

A escolha pela psicologia foi, sem dúvida, outro passo que me preencheu com emoção e sensação de completude, afinal, nessa graduação, em diversos momentos, me vi repleta daquilo que parecia responder aos anseios antes tidos como lacunas. O primeiro trabalho como profissional graduada, não poderia deixar de ser, foi na educação e, diante da Orientação Educacional, tive inúmeras oportunidades de lidar com a tão complexa equação civilizatória e suas variáveis, como afirma meu orientador, Dr. Walter Antonio Bazzo. Mesmo não estando cônica do que isso significava na época, meu movimento era de refletir 'em, para e sobre' o contexto

educacional, suas variáveis sociais, associadas ao grande encontro com o bem-estar, as conquistas e inquietações emocionais, e a tal felicidade, mesmo que, para isso, por vezes fosse necessário fazer o movimento de um salmão, que se movimenta contra a maré para alcançar o seu lugar - objetivo.

Como o fluxo da vida é constante e infindável, sempre em movimento, outra vez passei por momentos de inquietudes e dúvidas quanto ao 'o que e como fazer', e a resposta sempre vinha associada à formação, à pós-graduação e aos cursos de aperfeiçoamento. Dentre muitos realizados, para alicerçar a psicologia clínica, uma paixão inerente ao meu SER (Self), na educação, busquei a Especialização em Psicopedagogia e outra em Educação, assim como o Mestrado também em Educação.

Nessa mesma etapa, agora já na fase adulta, contei com diversas pessoas especiais que, de forma imperiosa, foram o alicerce para o ultrapassar dessa etapa nada simples. Professores, tais como: Bernadette Beber e Francisco Antônio Fialho e o colega André Gobbo, o qual, mesmo findando o mestrado, permaneceu em constante presença pessoal, tal como na produção intelectual. Foram diversos finais de semana lendo, escrevendo e produzindo 'em e para' a educação.

Os anos se passaram, e a vida acadêmica voltou a fazer parte de minha vida, agora na qualidade de docente do Ensino Superior, e o 'bichinho' voltou a 'cutucar'. Nesse momento, eu estava no outro lado do contexto, podendo ser e agir de acordo com aquilo que sempre desejei. Com certeza, quando somos alunos, sempre temos muito a declarar sobre o ideal de ser e fazer da profissão, mas quando trocamos de papel, as dúvidas, anseios, desconfortos e demandas nem sempre nos parecem simples.

Mais uma vez a busca pela pós-graduação seria um caminho, e inicia-se outra etapa, mais melindrosa, a de buscar uma Universidade, um programa, uma linha de pesquisa e, mais complexo ainda, um orientador que me permitisse ser aquilo que fui construída para ser desde a adolescência: um ser livre, com oportunidade de agir e de pensar de acordo com as minhas crenças, valores e possibilidades, sempre me impulsionando a ultrapassar os limites da ignorância e que me fizesse ser capaz de comunicar, além de ouvir.

Não encontro um pai, como parece ser, deparo-me com um professor/orientador/parceiro de caminhada, produção e construção, Dr. Walter Antonio Bazzo, que, muito além de professor, proporciona justamente o que eu tanto

buscava: a possibilidade de ser psicóloga, professora, mãe, amiga e colega e simultâneo a isso, em meio a inúmeras e incessantes leituras, buscar o repertório pessoal para, de forma única, pensar e escrever com crítica, reflexão e liberdade sobre tudo que permeia a educação e a sociedade.

Como sabemos toda a criação é a manifestação do criador, sendo incriado, tudo se origina dele, por esse motivo, de certa forma este trabalho me representa e fala de mim. A isso relembro que no início não havia 'nada' somente um 'vazio' que aos poucos foi sendo manifestado do interno para o externo como uma dança que traz leveza e sintonia com que se sente.

Nestas horas lembro de Heráclito que nos memora que a vida está em um eterno movimento e é nesse movimento que constrói e reconstrói este vazio, de modo a preencher e completar o incompletável que, como num resplandecer de luz, ilumina. Frederick Perls (1893-1970), considerado o pai da Gestalt-terapia (abordagem da psicologia que me guia), fala de um humano que se constrói sendo fruto de suas escolhas, e que tem a liberdade de expandir seu *Self* de modo a alcançar sua plenitude nada estática e fechada e, assim, faz-se ciência e transcendência andando no mesmo caminho, em busca de uma compreensão condizente e confortável.

Nesse sentido, sou grata, pois, de uma forma ou de outra, com maior ou menor dificuldade, o caminho foi e está sendo trilhado, e pude contar com a generosidade dos 'Seres' que me encaminharam para os lugares que me permitiram ser o que sou: este SER em construção constante, repleta de dúvidas, angústias, dores, com muito desejo, amor e fé no que ainda posso alcançar e realizar, sempre privilegiando o SER em detrimento do TER.

Assim, agradeço por nunca ter perdido o 'bichinho que cutuca', por ter tido força e perseverança para ultrapassar todas as barreiras e por não ter me permitido acovardar, muito menos acomodar, diante das infinitas dificuldades que se apresentaram no caminho pessoal e profissional. Aproveito aqui também para agradecer à minha filha Athena, pelas inúmeras vezes que leu e releu artigos, tarefas, resenhas, capítulos do projeto e outros, agora fazendo um papel de corretora, tradutora e ouvinte das angústias acadêmicas. Parece que, de forma ímpar, os papéis se invertem, e, de ouvinte e mãe, passo a ser aluna e parceira, e a isso também sou grata, por me ser permitido viver este momento, repleto de amor e companheirismo, fruto da construção de um relacionamento regado de confiança e muito respeito.

Agradeço ao Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) pelo espaço concedido para este estudo, assim como por me dar oportunidade de ser docente nos cursos de Administração, Arquitetura, Direito, Engenharia Mecânica, Pedagogia e Psicologia, em nome da Reitora Rosemari Glatz, dos coordenadores, respectivamente: Günther Lothar Pertschy, Marcellus Oliveira de Aguiar, Anna Lúcia Martins Mattoso Camargo, Denis Boing, Eliane Kormann Tomazoni e Ademir Bernardino da Silva, pois, sem esta oportunidade de transitar entre cursos de formação do Ensino Superior, não teria sido 'cutucada' mais uma vez pelo bichinho da inquietação. Fazer parte de uma instituição comunitária que privilegia a formação ética e humanitária, com certeza auxilia muito nesta caminhada e, principalmente, sustenta a crença de que a humanidade em sua generosidade também está em processo de crescimento e evolução.

Seja como você é. De maneira que possa ver quem és. Quem és e como és. Deixa por um momento o que deves fazer e descubra o que realmente fazes. Arrisque um pouco, se puderes. Sinta seus próprios sentimentos. Diga suas próprias palavras. Pense seus próprios pensamentos. Seja seu próprio ser. Descubra. Deixe que o plano pra você surja de dentro de você. Afinal o que importa não é o que fizeram pra você, mas o que você faz com que fizeram para você.

Frederick Perls

RESUMO

Por vezes parece ser despropositado justificar o motivo pelo qual a Educação do Ensino Superior tem sido pauta de discussões e fonte de infinitas inquietações nestes tempos. Inalteradamente ela vem passando por imensuráveis desafios, os quais requerem, da sociedade como um todo, um olhar apurado, a fim de refletir sobre o modo como iremos congregar atitudes que sejam mais condizentes com a realidade versus necessidade. A era da Revolução Digital remete-nos indiscutivelmente à Educação, e a Sociedade em um processo civilizatório contemporâneo requerendo de todos uma visão mais prospectiva quanto ao fazer e ser na educação. Obstante a isso, as variáveis contemporâneas que se apresentam na educação e na sociedade, a citar: internet, mídias, fome mundial, pandemias, falta de emprego, desequilíbrio emocional, geração internet, entre outras, influenciada pela internet das coisas e a inteligência artificial, configuram valores, ações e até mesmo o pensamento dos agentes educacionais, que passam pelo processo de estabelecimento de sua identidade profissional. Tratar da educação e da sociedade contemporânea vem sendo uma constante, muito aquecida pelas práticas, discussões e leituras, em um exercício de análise do mundo sócio-político-educacional e emocional. Esta tese foi construída, de modo a ir ao encontro dessa civilização contemporânea e, para tal, busca-se em uma caminhada nada convencional, responder à seguinte problemática: De que forma os docentes do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) percebem a educação no que se refere aos saberes tecnocientíficos, os valores humanos e as variáveis do processo civilizatório contemporâneo? O caminhar nesse sentido, volta-se a responder aos seguintes objetivos: Investigar as demandas dos docentes do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) quanto aos saberes tecnocientíficos, os valores humanos e as variáveis contemporâneas; Compreender como as práticas educacionais evidenciam os saberes tecnocientíficos e os valores humanos a fim de proporcionar uma educação crítica, reflexiva e libertadora; e, Identificar de que forma as variáveis contemporâneas facilitam ou obstaculizam o desenvolvimento da prática cotidiana do docente do ensino superior. Para alcançar tal intento foi realizada a análise das categorias e da percepção dos docentes por meio de um questionário aberto enviado pelo correio eletrônico (*Google forms*) construído a fim de obedecer às categorias da pesquisa, e dessa forma foi possível reiterar a ideia de diversos autores contemporâneos e clássicos utilizados neste trabalho, os quais ressaltam a necessidade de se olhar a educação sendo menos linear, levando em conta a premente necessidade de uma ruptura tanto no contexto pessoal quanto profissional, adequando a prática educacional à atualidade. Nesse sentido, foi possível vislumbrar que mesmo estando em um momento ímpar na sociedade e, por conseguinte, na educação os docentes estão rumando ao encontro de um caminho de superação e do alinhamento com suas necessidades e possibilidades tendo por norte, ou guia, a promoção dos conteúdos tecnocientíficos, aliados ao desenvolvimento dos valores humanos, vislumbrando as múltiplas facetas que se apresentam pelas variáveis contemporâneas. Para isso, urge, portanto, a necessidade em se abrir, cada vez mais espaços de discussão, dando oportunidade aos docentes de elaborar e reelaborar seus pensamentos e sensações diante do que mobiliza as mudanças, e assim realizar.

Palavras-chave: Educação no processo civilizatório. Variáveis Contemporâneas. Saberes Tecnocientíficos. Valores Humanos. Práticas Pedagógicas. Docentes do Ensino Superior.

ABSTRACT

I presume that it is unreasonable to justify the reason why Higher Education has been a topic of discussion and a source of endless concerns in these times. Unchangingly, it has been going through immeasurable challenges, which require, from society, a careful look, to reflect on how we will find attitudes that are more consistent with reality versus need. The Age of the Digital Revolution refers us unquestionably to Education, and Society in a contemporary civilizing process requiring everyone to have a more prospective view of what to do and to be in education even before the advent of the pandemic (COVID-19). Despite this, the contemporary variables that present themselves in education and in society, to mention internet, media, world hunger, pandemics, lack of employment, emotional imbalance, internet generation, among others, influenced by the internet of things and artificial intelligence, configure values, actions and even the thinking of educational agents, who go through the process of establishing their professional identity. Dealing with education and contemporary society has been a constant, much heated by practices, discussions, and readings, in an exercise of analysis of the socio-political-educational and emotional world. To this end, this thesis was constructed to meet this contemporary civilization, and, for that, I seek in an unconventional journey, to answer the following problem: How do the teachers of the Educational Center of Brusque (UNIFEBE) perceive education in which refers to technoscientific knowledge, human values, and variables of the contemporary civilizing process? To this, walking aims to respond to the following objectives: Investigate the demands of teachers at the Educational Center of Brusque (UNIFEBE) regarding technoscientific knowledge, human values and contemporary variables; Understand how educational practices favor technoscientific knowledge and human values to provide a critical, reflective and liberating education; and, Identify how contemporary variables facilitate or hinder the development of the daily practice of higher education teachers. To achieve this goal, the analysis of categories and the perception of teachers was carried out through an open questionnaire sent by e-mail. (Google forms) built to comply with the research categories, and in this way, it was possible to reiterate the idea of several authors. contemporaries and classics used in this work, which emphasize the need to look at education as being less linear, considering the pressing need for disruption both in the personal and professional context, adapting educational practice to the present. To this, it was possible to glimpse that even though they are in a unique moment in society, and therefore in education, teachers are going to meet a path of overcoming and aligning with their needs and possibilities with the north, or guide, the promotion of content technoscientific, allied to the development of human values considering the multiple facets that are presented by contemporary variables. Therefore, there is an urgent need to open up more and more spaces for discussion, giving teachers the opportunity to elaborate and re-elaborate their thoughts and sensations in light of what mobilizes changes, and thus to do so.

Keywords: Education in the civilizing process. Contemporary Variables. Technoscientific knowledge. Humans values. Pedagogical practices. Higher Education Teachers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Algumas variáveis contemporâneas	66
Figura 2 - Categorias da pesquisa	90
Figura 3 - A educação no processo civilizatório e suas categorias sob a ótica dos docentes da UNIFEBE	137

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias da pesquisa e questões do questionário.....	95
Quadro 2 - Quais são as demandas que emergem de seu cotidiano pedagógico? De que forma o (a) Sr. (a) lida ou as administra?	107
Quadro 3 - No seu ponto de vista, a Tecnologia contribui (facilita) ou dificulta o desenvolvimento de suas práticas cotidianas? Como?	111
Quadro 4 - Em seu cotidiano, o(a) Sr.(a) se percebe privilegiando somente os saberes tecnocientíficos de modo a cumprir as ementas dos cursos? Se não, o que mais privilegia?	113
Quadro 5 - Em seu fazer pedagógico, o (a) Sr.(a) instiga uma educação crítica, reflexiva e libertadora? Quais são as práticas pedagógicas e de que forma isso ocorre?	116
Quadro 6 - Quais são os valores humanos que o (a) Sr.(a) percebe emergir no desenvolvimento de suas práticas?	119
Quadro 7 - Como o (a) Sr. (a) compreende a relação entre os saberes tecnocientíficos com as variáveis contemporâneas em seu cotidiano laboral?	123
Quadro 8 - Como docente do Ensino Superior, você se percebe fazendo um movimento de trazer à tona discussões que possibilitam o desenvolvimento dos saberes tecnocientíficos, aliados aos valores humanos na sociedade contemporânea? De que forma isso ocorre?	127

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade.....	96
Gráfico 2 - Sexo	98
Gráfico 3- Formação Acadêmica.....	99
Gráfico 4 - Tempo de atuação na docência no Ensino Superior independentemente da IES (Instituição do Ensino Superior).....	101
Gráfico 5 - Cursos em atuação profissional no segundo semestre de 2020.	103
Gráfico 6 - Formação específica na área de docência	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IES- Instituição do Ensino Superior

SIC- Segundo informações colhidas

UNIFEBE – Centro Universitário de Brusque

SUMÁRIO

1 INICIANDO A CAMINHADA	19
1.1 TRAJETÓRIA RUMO À REFLEXÃO EDUCACIONAL	19
1.2 UM OLHAR PARA O PROCESSO EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEO.....	24
1.3 CAMINHO A PERCORRER	27
1.3.1 O caminho.....	27
1.3.2 Visualizando o caminho.....	27
1.4 QUAL O CAMINHO A SEGUIR?	27
2 PARCEIROS DA TRAJETÓRIA RUMO À REFLEXÃO	31
2.1 O QUE É, E PARA QUE ENSINAR?.....	32
2.2 CONTRAPONDO-SE À REALIDADE	37
2.3 ADVERSO À EDUCAÇÃO ADESTRADORA	42
2.4 PARA ONDE VAMOS - DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR NA CONTEMPORANEIDADE.....	47
2.5 DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR E AS VARIÁVEIS CONTEMPORÂNEAS	57
2.6 CIVILIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA – AS VARIÁVEIS IMPLÍCITAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO	67
3 DIREÇÃO A SEGUIR	78
3.1 TRILHANDO CAMINHOS	82
3.2 EM DIREÇÃO À CHEGADA.....	83
3.3 ALCANÇANDO A CHEGADA	84
3.4 A QUEM SE DESTINA O CAMINHO	88
3.5 INSTRUMENTO DO CAMINHO	89
3.6 ANALISANDO O PERCURSO	92
4 APROXIMANDO-SE DO DESTINO – PRÁTICAS EDUCACIONAIS E A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES.....	94

4.1 QUEM ESTÁ TRILHANDO O CAMINHO	95
4.2 PERCEPÇÃO DOS DOCENTES	106
4.2.1 Categoria de pesquisa – Docente do Ensino Superior	107
4.2.2 Categoria de pesquisa – Variáveis contemporâneas	110
4.2.3 Categoria de pesquisa – Saberes tecnocientíficos	113
4.2.4 Categoria de pesquisa – Práticas Pedagógicas	116
4.2.5 Categoria de pesquisa – Valores Humanos	119
4.2.6 Categoria de pesquisa – Educação no processo civilizatório	123
5 CHEGADA AO DESTINO	132
REFERÊNCIAS.....	141
APÊNDICE A - Questionário de pesquisa	147
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre Esclarecido	150
ANEXO B- Parecer substanciado do Comitê de Ética	155
ANEXO C - Questionários para análise e levantamento de dados, relatório <i>Google form</i>	156

1 INICIANDO A CAMINHADA

Neste capítulo trato da sistematização da tese no qual, por meio da metáfora do 'Caminho', ela será apresentada, sendo: Trajetória rumo à reflexão educacional a qual se refere à introdução; Um olhar para o processo educacional contemporâneo em que proponho uma discussão quanto ao problema; Caminho a percorrer está explicitado os objetivos, no qual: O caminho refere-se ao objetivo geral e, Visualizando o caminho os objetivos específicos); assim como: Qual caminho a seguir?, em que se apresenta a justificativa.

1.1 TRAJETÓRIA RUMO À REFLEXÃO EDUCACIONAL

Indiscutivelmente tratar das questões educacionais, nestes últimos tempos, tem sido uma prática incessante a todos que se preocupam com o contexto social e político em que vivemos. A Educação do Ensino Superior não pode, nem deve ser desconsiderada, pois é nesse contexto que, muitas vezes, abriga-se o profissional que está à frente da formação de cidadãos que se encontram na sociedade, deliberando e conduzindo outras pessoas independentemente de sua formação e ou função. Nesse sentido, parece-me desnecessário justificar a premência em tratar deste *staff*, pois ela se encontra imersa em demandas que requerem muito mais que a formação técnica, mas uma visão prospectiva quanto à sua ação, em um movimento de reflexão que esteja condizente com a realidade versus necessidade, já que estamos em uma sociedade *técnic*,¹ em plena Era da Revolução Digital (Revolução 4.0) e, por conseguinte, da Educação 4.0, agora tendo que lidar com a presença de uma pandemia Covid-19 que nos colocou em um lugar muitas vezes de impotência e de muita reflexão.

Este 'Ser' que habita a sociedade contemporânea, isto é, todos nós, necessitamos estar mais repletos de humanidade para, dessa forma, sermos capazes de agir e reagir diante do que parece fatural, desenvolver a nossa capacidade de lidar com as diferenças, predições e infinitos processos que nem sempre nos parecem

¹ Técnicas, instrumentos, ferramentas, descobertas, conjunto de crenças, expectativas, vocabulários, explicações e recursos que alimentam a tecnologia advinda da interação do sujeito com ela (KELLY, 2012).

coadjuvar com nossos anseios e valores, e muitas vezes, mostrando-se distantes de nossa formação e domínio.

Definitivamente perdura uma emergência em se olhar a qualidade da prática pedagógica do Ensino Superior, ensejando a todos os envolvidos, momentos de reflexão quanto às suas sensações e percepções, levando em conta as incertezas advindas das variáveis contemporâneas postas na sociedade, para que, junto de seus pares (outros docentes e alunos-sociedade), analise-se a realidade vivida, afinal, os docentes são, sem dúvida, agentes de transformação social que reúnem a capacidade de ser, relacionar e produzir o que se consome e vive.

Muitas das queixas dos docentes, por vezes, estão voltadas ao perfil do discente contemporâneo que mostra interesse em tudo que está fora do contexto educacional. Essa ambiguidade que flui entre o externo (sociedade) e o interno (universidade) atormenta e faz pensar na percepção do próprio professor, com os conteúdos a serem desenvolvidos (conteúdos tecnocientíficos) e o cumprimento dos planos de ensino, por vezes, competindo com os *smartphones* e seus aplicativos, assim como outros atrativos exteriores, provenientes das diversas possibilidades fora da universidade.

O prazer, por vezes, mostra-se longe dos pátios acadêmicos, e esse embate tem sido controverso, pois o refletir, o analisar e o ser crítico, deveria estar sendo tratado e propositado justamente no contexto educacional do qual o acadêmico tem invariavelmente fugido. Nessa batalha não tem vencedores, tanto acadêmicos como professores têm perdido. A isso Bazzo (2019, p.190) questiona: “quem serão os agentes desse processo? Como lidam com o contexto educacional do Ensino Superior?”

Nessa seara me pergunto: **De que forma os docentes do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) percebem a educação no que se refere aos saberes tecnocientíficos, os valores humanos e as variáveis no processo civilizatório contemporâneo?** Ao questionar sobre tal, torno-me repleta de outras questões, e este trabalho começa a fazer sentido, pois é por meio de infinitas perguntas que o trilhar, isto é, o ‘caminho’ do saber começa a ter significação, mesmo quando regado de atalhos e buscas de vias alternativas.

Quando Schön (2000) afirma que a necessidade dos alunos está relacionada a ter condições de tomar decisões, parece importante lançar os seguintes questionamentos: Temos consciência de onde queremos chegar? Conhecemos

nossa realidade social, política e econômica? Estamos em equilíbrio bio - psicoemocional para ultrapassar os desafios a que estamos impetrados a cada dia? Sabemos lidar e reconhecer as variáveis que estão postas na sociedade contemporânea? Como lidamos com estas?

Essas e outras indagações surgem constantemente nos ambientes das instituições de Ensino Superior e ou em encontros pedagógicos, e antevejo, por meio desta tese, buscar alcançar uma aproximação para obter respostas ou ao menos fomentar discussões, pois estas indagações me parecem estar implícitas no problema central o qual busco resposta. Para isso, foi necessário me alicerçar em autores clássicos e contemporâneos, mesmo que, por vezes, eles mostrando-se adversos em suas visões/ epistemologias, e/ ou inobstante quanto ao reconhecimento de sua cientificidade, afinal o que está sendo privilegiado é o tema central e suas variantes e não a concordância de opiniões, o qual no meu entendimento essas variações desvelam os caminhos nada lineares do conhecimento e da análise, isto é, a realidade social a qual vivemos em um constante movimento.

Bazzo (2019), por meio de diversos estudos em seu grupo NEPET/UFSC², dedica-se a encontrar uma possibilidade de a educação estar constantemente atualizada no que se refere às variáveis contemporâneas, por isso designou o que chama Equação Civilizatória³, buscando dar sentido ao desenvolvimento humano em meio à nova realidade que nos é proposta pela Era da Revolução Digital e, por conseguinte, à Educação, isto é, Educação Contemporânea. Indo a tal encontro, busco, por meio de um questionário aberto aplicado a estes docentes do Centro Universitário de Brusque- UNIFEBE, exercitar o olhar para a educação, assim como para si mesmos e para os discentes, de modo a levar em conta que existe uma

² NEPET/UFSC (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica) propõe-se a desenvolver estudos, pesquisas e reflexões que possam colaborar com um melhor entendimento das intrincadas relações entre ciência, tecnologia e sociedade e o ensino de engenharia. Propiciar um fórum permanente de debates acerca de questões relacionadas à educação tecnológica. Tendo por objetivos: Elaborar e divulgar materiais didáticos; Manter intercâmbios entre pesquisadores e professores de áreas afins de tecnologia; Ministrando cursos de formação de professores em engenharia e Incentivar a participação de professores de engenharia em eventos de ensino.

³ Equação civilizatória é uma metáfora, a qual poderia ser um instrumento “para reunir as mais diferentes variáveis que surgem a todo instante em uma civilização que está vulnerável às mais aceleradas mutações em seu comportamento cotidiano”, e, mais ainda, com as implicações que essas questões trazem à sociedade (Bazzo, 2019, p. 21). Sendo, “[...] um recurso dinâmico para auscultar o processo civilizatório contemporâneo e introduzir no escopo educacional as variáveis que tratam das questões humanas” (CIVIERO, 2021, p.11).

premente necessidade de analisar a realidade docente, em meio à sociedade tecnológica, os conhecimentos tecnocientíficos e os valores humanos.

Esse movimento busca estar voltado a relacionar as práticas cotidianas à possibilidade de dialogar sobre seu 'fazer' e às novas variáveis contemporâneas, a citar algumas delas: IA- inteligência artificial; internet das coisas; configurações sociais-políticas e culturais, mídias, fome mundial, pandemias, falta de emprego, geração internet, entre outras, que facilitam ou interferem nos resultados que se pretende obter. A isso, após análise desse processo, o docente poderá ser capaz de ressignificar sua prática e buscar alternativas de atuação que sejam condizentes com o que é possível realizar, já que deve se adequar com as condições estabelecidas pela instituição, concomitante com as exigências da atual sociedade.

Acredito que desse modo, será possível encurtar a distância entre o (Ser) e o prazer (Ter), em que a tecnologia, suas possibilidades, seus instrumentos e artefatos podem e devem servir para sairmos deste equívoco, o qual não cabe se voltar contra essa realidade, pois ela não é nossa inimiga. Ao contrário, pode e deve conceder segurança, prazer e harmonia, desde que sejamos capazes de olhá-la com um olhar prospectivo e não ameaçador, regado de infinitas probabilidades, na qual o pensar coletivo nos aproximará da demanda social contemporânea.

Nesse sentido, o processo educacional carece estar pautado na busca de respostas que nos levem a saber o que queremos ser, para onde queremos ir, que sujeito irá agir e interagir na sociedade, que perfil de profissional se deseja no mundo do trabalho e como este enfrentará sua realidade. A isso, Kelly (2017) chama a atenção para as escolhas que devem estar combinadas com a serenidade para entender as realidades, de forma a tomar decisões que se possa fugir do controle arbitrário a que estamos imputados, fruto dos currículos fechados e das crenças predefinidas.

Desenvolvemo-nos física e biologicamente, saímos da condição de *Homo Sapiens*, e a isso questiono: o que nos impede de alcançarmos o *Homo Deus*?, no qual o Deus esteja relacionado ao domínio de nossas próprias escolhas, cientes das consequências? Não cabe mais pensarmos em um retrocesso, mas termos consciência de nossa identidade pessoal e profissional, de nossa humanidade, para, dessa forma, adaptar-nos ao novo tempo.

Nesse sentido, comungo com Schön (2000), o qual nos previne quanto à necessidade de estarmos nos capacitando no que se refere a sermos mais críticos,

reflexivos, libertos, responsáveis por nossas escolhas, mais humanizados e, por conseguinte, mais bem preparados para uma atuação profissional competente, em zonas de incertezas da prática.

Não cabe aqui a vitimização nem o cruzar dos braços, muito menos a revolta e desespero, mas a busca de alternativas viáveis para o fazer e ser educacional, que seja mais condizente com os desafios postos pela contemporaneidade, que nada mais é que lidar com as necessidades constantes de atualização e adequação a tudo que nos rodeia. Demanda, sobretudo, (re)agir e sair da sonolência e letargia incapacitante que por vezes nos colocamos ou somos colocados.

Conceber uma equação para a Educação Superior que possa garantir criticidade, reflexão e liberdade aos que ali habitam, parece-me um caminho que poderá garantir a legitimação de indivíduos que sejam mais habilitados para romper com as amarras da escola adestradora, na qual o que se tem como realidade não passa de um movimento de repasse *ipsis litteris* do que está nos livros, compêndios e manuais. Evidentemente romper com esse modelo adestrador requer uma mudança de paradigmas, a saída de um movimento habitual e, por consequência, a ação do docente, no qual, em seu cotidiano, deverá ir ao encontro dos processos e as exigências contemporâneas, em que a tecnociência é presente, associados ao repensar dos valores humanos em um processo de evolução do Ser.

Para alcançar tal intento, será necessário um despertar dos agentes desse processo (docentes e discentes) em um exercício de criatividade e criticidade não impositiva, no qual o trabalho científico leve em consideração as proposições que levem à ruptura da zona de conforto, cujos caminhos e resultados se repetem, dando a todos uma sensação de sucesso e bem-estar (comodidade). Não cabe aqui questionar a competência dos profissionais, mas de alertar para a iminente necessidade de atualização e espaço de reflexão, pois estamos em uma sociedade *técno*⁴, em um processo acelerado de necessidades, informações e expectativas, na

⁴ Técnicas, instrumentos, ferramentas, descobertas, conjunto de crenças, expectativas, vocabulários, explicações e recursos que alimentam a tecnologia advinda da interação do sujeito com ela (KELLY, 2012). Kelly (2012) cunha o termo *técno*, sendo algo que vai além das criações intelectuais, é “um sistema de criação que se autorreforça [...] e passa a exercer um pouco de autonomia” (p. 19). Afirma que o desenvolvimento do *técno*, acima de tudo, amplia nossas possibilidades, gerando mais oportunidades, conexão, diversidade, unidade, pensamento, beleza e problemas. No entanto, o *técno* nos leva a escolher de que forma utilizaremos determinadas tecnologias, sabendo que somos parte de todo um processo.

qual cabe um avivar para saber fazer a ‘pergunta certa’ e aí obter a ‘resposta certa’ (KELLY, 2017).

Ao compreender as razões pelas quais pensa, sente e faz, o docente passa a vivenciar o jogo dialético de ação-reflexão-ação, que pode lhe propiciar recursos para viver com maior autonomia, segurança, satisfação e competência, no qual o desenvolvimento pessoal e o profissional se inter cruzam, sendo mais um incremento para o desenvolvimento de novas habilidades profissionais, atingindo, dessa forma, a todos que os rodeiam, neste caso, seus pares, colegas de profissão, alunos e, por conseguinte, toda a instituição do Ensino Superior, assim como a sociedade como um todo.

1.2 UM OLHAR PARA O PROCESSO EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEO

Incontestavelmente, refletir sobre a educação e, em especial, no Ensino Superior, propicia inúmeras indagações, afinal o contexto escolar abriga diversos e diferentes indivíduos, repletos de demandas, dúvidas e expectativas, e é nessa realidade que a atuação profissional se desenvolve cotidianamente, mesmo que muitas vezes sem espaço para refletir sobre o que ocorre dentro e fora dos muros acadêmicos, isto é, na sociedade (civilização contemporânea).

O que está posto na educação por vezes tem deixado professores e acadêmicos insatisfeitos, até mesmo desconfortáveis, pois basta estar em contato com eles que se ouve todo tipo de relato quanto às inquietações, tanto no que se refere à qualidade do que está sendo ofertado pelo professor, quanto à postura dos alunos que muitas vezes parecem estar somente interessados em cumprir o que é previsto para obterem apenas títulos com o menor esforço.

Diante disso, urge na educação uma mudança e ela poderá estar pautada na controvérsia do que está posto, no intuito de defender uma ‘educação desobediente’, como destaca Bazzo (2016), que ressalta a subserviência com que a maioria dos professores contemporâneos está se entregando, bem como evidencia que a produtividade e a competitividade ocupam um espaço de destaque, o qual não promove mudanças, nem oportuniza reflexão, muito menos diálogo no que tange à análise do cotidiano, assim como no que se refere aos valores humanos e às variáveis contemporâneas.

Diante disso, refletindo sobre o contexto educacional ao qual atuo (Ensino Superior), pelas experiências e embates já travados com meus companheiros de profissão, concordo com a necessária defesa de uma educação 'desobediente', malcomportada, capaz de fazer com que tanto o real quanto o material possam ser pauta de debates em salas de aula de forma conjugada aos conteúdos curriculares (saberes tecnocientíficos) pertinentes a cada disciplina.

Entendo que o bem viver só será alcançado por meio da reflexão, da análise e da predisposição das escolas em resolverem essa complexa crise civilizatória que está imersa em uma configuração social distinta àquela que antes estava posta, em que a (IA) Inteligência Artificial faz parte de nosso cotidiano e a (IoT) Internet das Coisas tem presença constante, tal qual a Big Data, muitas vezes afastando o ser humano de 'Si' e o aproximando cada vez mais do capital (operação custo benefício).

A socialização (relação e conhecimento) decorre de um processo de construção e reconstrução de identidades, a princípio individuais, na qual cada um passa a ser autor de sua própria atividade de vida, e, nesse movimento, 'se define a si e define o outro', no qual cada um é 'ator' de sua própria existência com uma história, acompanhada de um passado em uma trajetória de significações (DUBAR,1997). Envoltos por este dilema, percebo que a reflexão sobre a melhor maneira de viver, de conviver e de aprender com os outros ocupa um lugar limítrofe ou até mesmo nulo, uma vez que os currículos e apostilas de toda ordem enquadram e estabelecem o conhecimento, propondo uma sequência indiscutível dos conteúdos a serem ministrados, e essa obviedade desencanta a quem se propõe buscar uma formação profissional, assim como por vezes desestimula o próprio professor que repete, de forma compulsiva, sempre a mesma coisa.

Nem sempre imbricar a Filosofia à técnica, a solidariedade às necessidades humanas e o amor à construção da vida para uma sociedade mais igualitária é tarefa fácil, mas Barros Filho e Pompeu (2014) nos alertam que o que ensinamos na escola é sobre o mundo em que vivemos, entretanto, raramente somos capazes de estimular nossos alunos a relacionarem assuntos diversos com suas próprias trajetórias específicas, e talvez seja nesse ponto que estamos pecando como professores, afinal, o que comunicamos muitas vezes está na contramão da sociedade, da tecnociência, assim como das variáveis desta equação civilizatória na qual estamos vivendo.

A fim de responder ao problema de pesquisa, faz-se necessário portanto, apresentar uma proposta de análise da percepção dos docentes em uma educação

menos acomodada, mais reflexiva e preparada para as diversas demandas que a modernidade desvela, afinal, a supervalorização de um modelo mecanicista parece impregnada em nossa ação diária, mesmo nesses tempos, quando a cada momento somos atravessados por todas as influências possíveis, decorrentes das infinitas possibilidades de comunicação e informação que hoje a internet nos proporciona.

No entanto, como docente, ao perceber que quando interagimos, somos afetados pela ação do outro e, ao agir, acabamos por afetar esse mesmo outro, estou convicta de que é urgente o desmonte desse modelo de desenvolvimento, o qual está alicerçado na operação custo-benefício (capital), em que as inúmeras mazelas atuais estão sendo a tônica de uma civilização delirante que se orgulha das suas conquistas tecnológicas, ao mesmo tempo que se porta como indiferente diante da dor e das angústias dos seus semelhantes (valores humanos).

É aí que se evidencia a relevância desta tese e a importância em se criar um espaço que assegure o refletir de valores, de modo que a ação seja emancipadora e esteja em consonância com a vida, de menos treinamento e mais discernimento. “Indubitavelmente, não caberá a um único profissional especializado o papel de implementar a refundação ora proposta”, adverte Bazzo (2016, p. 83), acrescentando que a atuação docente deve sempre estar em consonância com as questões humanas. Nesse sentido, a resposta para os problemas humanos carece de “[...] um projeto coletivo em que a educação seja celeiro e promotora de ações que levem em conta todas as variáveis implicadas” (BAZZO, *ibidem*).

A isso, cabe a nós, docentes, um movimento para ir além dos conteúdos prescritivos que garantem uma mão de obra qualificada que o mundo de trabalho exige, mas devemos assumir com contundência a educação e o desenvolvimento humano, permitindo que nossa vida diária coopere para a formação de seres humanos capazes de “[...] compreender, construir e dominar conceitos e valores necessários à sobrevivência integral, à harmonia e à felicidade” (BAZZO, 2016, p. 13), de modo a conceber uma ‘equação’ que possa alcançar uma educação crítica, reflexiva e libertadora, em que o professor seja capaz de refletir acerca do seu saber e, a partir da reelaboração de sua prática, propor-se a ir ao encontro das variáveis que nos cercam, desta maneira aliar educação, sociedade e tecnociência, que ora estão imersas no processo civilizatório contemporâneo, regada de valores indo ao encontro da tão desejada felicidade, isto é, da dignidade humana .

1.3 CAMINHO A PERCORRER

1.3.1 O caminho

Analisar a percepção dos docentes do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) quanto à educação do ensino superior no que se refere aos saberes tecnocientíficos, os valores humanos e as variáveis contemporâneas, no processo civilizatório.

1.3.2 Visualizando o caminho

- a) Investigar as demandas dos docentes do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) quanto aos saberes tecnocientíficos, os valores humanos e as variáveis contemporâneas;
- b) Compreender como as práticas educacionais evidenciam os saberes tecnocientíficos e os valores humanos a fim de proporcionar uma educação crítica, reflexiva e libertadora;
- c) Identificar de que forma as variáveis contemporâneas facilitam ou obstaculizam o desenvolvimento da prática cotidiana do docente do Ensino Superior.

1.4 QUAL O CAMINHO A SEGUIR?

A sociedade contemporânea tem passado por crises constantes, tanto no âmbito social quanto no individual, e isso pode estar vinculado ao que Giannetti (2016), alerta-nos em relação à tríade: ciência, tecnologia e crescimento econômico. Essa tríade, associada ao contexto social, por vezes mostra-se ameaçadora e até mesmo descontrolada, por não garantir um aprimoramento ético e intelectual, visto que nem sempre torna “[...] nossas vidas mais felizes, plenas de dignidade de serem vividas (GIANNETTI, 2016, p. 16).

Presumo que vivemos uma instabilidade civilizatória na qual, quanto mais evoluímos por meio do que a ciência nos permite conhecer, mais nos distanciamos no

que verdadeiramente importaria saber: o porquê e o para que de tudo isso que nos é oportunizado. A presente tese, nesse sentido, recomenda uma reflexão quanto à educação e sociedade atual, quanto às práticas e costumes, pondo em xeque a ideia de que se vive um ápice civilizatório, no qual nem sempre nos damos conta das múltiplas variáveis que estão implícitas nesse processo e no quanto estamos sendo chamados a fazer escolhas mais conscientes, principalmente, hoje por estarmos vivendo o advento da COVID 19.

O pensamento científico foi o responsável por identificar, expor e demolir os falsos porquês que povoam a imaginação humana, e a consequência disso é o evidente estreitamento de tal pensamento, expresso em mapas, registros e explicações precisas e minuciosas, que excluem as indagações que mais importam: a busca do sentido para a existência, em termos humanos. No entanto, é difícil encontrar o que se busca, se não se sabe ao certo o que se procura e, neste hieróglifo da existência, a vida consciente de si desperta no homem a nostalgia do simples existir (GIANETTI, 2016), que na verdade, a simplicidade não existe, pois ao se tratar da existência e essência humana as circunstâncias são muitas, porquanto estamos tratando de indivíduos e suas individualidades mesmo quando olhados no social.

Nessa contingência é que se insere a ciência, que, por sua vez, comprometida apenas com a objetividade, faz com que a construção do saber seja realizada independente do sujeito do conhecimento e, dessa forma, extingue-se todo viés valorativo e subjetivo do ato cognitivo. Ou seja, se outrora a ciência prometia banir o mistério do mundo, ao agir dessa forma, o deixa mais incompreensível.

Nesse âmbito, vale ressaltar a imensa necessidade em se tratar da natureza da ciência, assim como do trabalho científico, de modo a levar em conta tanto a urgência em se resgatar os valores humanos quanto a historicidade de todos os envolvidos, afinal, segundo Peduzzi e Raicik (2017, p. 7),

[...] a ciência (o conteúdo científico) é condição necessária, e indispensável, mas não suficiente para saber sobre ciência, sobre a natureza do empreendimento científico” e, portanto, para se tratar de educação é imperioso que se olhe “[...] em e sobre a ciência” (*ibidem*, p. 7).

Diante dessas afirmações, acredito que não se pode esperar da ciência respostas às inquietações, e elas estão muito além dos seus horizontes de possibilidades, além do que “[...] a ciência ilumina, mas não sacia – e pior: mina e desacredita todas as fontes possíveis de repleção” (GIANNETTI, 2016, p. 34). A isso,

vislumbro o cerne da crise atual na qual vivemos, pois entendo que o culto, do mundo moderno, à ciência, fez com que se desista de buscar respostas ao que está além do horizonte da razão científica, ou ao contrário por vezes voltamos ao irreal, ao inconclusivo, como no caso das *fake news* que, em algumas situações, definem e alicerçam verdades como absolutas e irrefutáveis.

Casti (2012, p. 63) corrobora, afirmando que “[...] há um preço inevitável a ser pago pela eficiência para usufruir dos benefícios da adaptabilidade e da capacidade de sobrevivência num meio de grandes incertezas”. No entanto, nesse terreno de probabilidades e incertezas, verifica-se que o mundo passou a ser tratado como mera potencialidade, capaz de suprir os desejos e os caprichos humanos, em que o conhecimento é entendido como sinônimo de poder, porém, divorciado da ética, revelando-se como uma fórmula para a degradação ecológica. A isso é importante se voltar a compreensão que tal arrogância científico-tecnológica pautada na exploração dos recursos naturais, aliada à ordem econômica que procura a máxima eficiência e a riqueza das nações, condenando a humanidade contemporânea à própria decadência e perecimento.

Nessa dimensão, parto da premissa de que a biodiversidade e a sociodiversidade da nossa história são os nossos principais triunfos diante da civilização em transformação. A educação brasileira precisa reconciliar-se consigo mesma, uma vez que “É garimpando o cascalho das nossas apostas, conquistas e fracassos que chegaremos à lapidação dos nossos saberes e potencialidades” (GIANNETTI, 2016, p. 170), pois é dessa forma que poderemos resgatar nossos valores individuais, compartilhando com a coletividade, isto é, aos pares de trabalho e relações sociais, resgatando com isso, nossos valores reais que verdadeiramente sustentam nossas ações.

Em ampla esfera, é pressuroso que se investigue e se defenda a possibilidade de promover uma educação tecnocientífica mais insurreta, que se contraponha ao adestramento das mentes, propiciando análise e crítica da realidade, afinal, a educação brasileira de nossos sonhos não pode ser um devaneio de uma imaginação caprichosa. Pelo contrário, deve ser concebida a partir do que efetivamente e coletivamente somos, e isso implica identificação de nossos valores e uma ativa adesão a eles, partindo de um movimento real de reflexão quanto ao ‘fazer de cada professor’, para, posteriormente, esse mesmo sujeito ser capaz de lidar com as variáveis contemporâneas que estão postas, e das quais não se pode esgueirar, no

fim das contas estamos todos, vivendo e experienciando a civilização e educação nestes tempos.

2 PARCEIROS DA TRAJETÓRIA RUMO À REFLEXÃO

Neste capítulo apresento alguns autores com aportes teóricos atuais e clássicos, com diferentes e diversas epistemologias, que de forma única fundamentam esta tese, os quais concedem reflexões acerca da educação e as relações que ela estabelece com as variáveis da contemporaneidade, a fim de aprofundar a estreita passagem entre os sujeitos (docentes e discentes) que se relacionam nos contextos educacionais do Ensino Superior contemporâneo, os saberes tecnocientíficos, os valores humanos e a civilização na atualidade.

Vale ressaltar, todavia, que esses mesmos autores nem sempre comungam ideias e por vezes mostram-se até mesmo controversos, assim como muitos podem ser considerados como ‘pouco científicos’, pois tratam de forma cotidiana alguns temas atuais. Para ser fiel a este caminho, nada convencional desta tese, estes serão intercruzados independentes de suas ideias, epistemologias ou posturas, afinal o que prevalece neste momento, é justamente este entrelaçar, que, por vezes, assemelha-se aos passos da sociedade e da humanidade, em que as estradas são múltiplas e variadas, e nem por isso se deixa de chegar ao lugar a que se escolhe estar ou alcançar.

Este capítulo foi dividido por seções, de modo a marcar a trajetória desta caminhada, como já mencionado, trazendo à tona aspectos primordiais para a análise e a reflexão do que se pretende aprofundar, indo ao encontro da compreensão das categorias de análise da pesquisa, isto é: Educação no processo civilizatório; Docentes do ensino superior; Saberes tecnocientíficos; Práticas pedagógicas; Valores humanos e Variáveis contemporâneas. Com o título: O que é e para que ensinar? busco a compreensão do ato e do fazer pedagógico, centrando a atenção no ensino e seus agentes educacionais, no qual se reflete no por que ensinar, como ensinar, com suas questões e guias estruturantes.

Na segunda seção, com o título: Contrapondo-se à realidade, analiso a historicidade e construção da educação e da escola, assim como a trajetória de formação do docente com intuito de conceber como a identidade deste profissional se desenvolve e de que forma ele lida com seu cotidiano.

Na sequência, intitulado: Adverso à educação adestradora, volto-me à busca da reformulação da estrutura da aula e, por conseguinte, da sala de aula, na qual os sentimentos, percepções e atitudes podem propositar, de forma coletiva, a

compreensão da violência simbólica, que, por vezes, assola as instituições, impedindo, o desenvolvimento de estratégias para a busca de soluções, assim como do desenvolvimento de personalidades menos passivas e autoritárias, para que todos sejam capazes de enfrentar as mudanças, de modo a sair da ilusão de incertezas, indo ao encontro do humano (SER em detrimento do TER).

Na seção: Para onde vamos - docentes do ensino superior na contemporaneidade, a atenção está voltada à humanidade no que tange à sua felicidade (aventurança e ou satisfação) e na análise dos recursos tecnocientíficos, questionando os desejos inconscientes quanto à felicidade e liberdade.

Seguindo, na seção: Docentes do ensino superior e as variáveis contemporâneas, a pauta está voltada ao sujeito social e ao movimento imperioso de interiorizar, isto é, o âmbito existencial que, de forma alucinante, afeta a todos os sujeitos, reiterando suas escolhas, tanto pessoais quanto profissionais.

Finalizando, com o título: Civilização contemporânea – as variáveis implícitas do desenvolvimento humano e os impactos na educação, parto para reflexão quanto às transformações sociais, às necessidades e demandas individuais e coletivas e o que isso interfere ou facilita nos processos educacionais.

A partir de tais contribuições dos autores, lanço-me em direção da compreensão e alicerce que me leva à pesquisa empírica de modo a estar amparada para a possível análise do que encontro nos discursos dos colegas pesquisados.

2.1 O QUE É, E PARA QUE ENSINAR?

Ensinar, para muitos, pode significar a compreensão de como o conhecimento é produzido, e isso, muitas vezes recai aos educadores por conceberem a importância do saber sobre a ciência, independentemente do nível de ensino, cientes de como esse processo funciona e de que forma o conhecimento é produzido. No entanto, é necessário que os docentes se questionem: O porquê do ensinar. O que ensinar e como ensinar? E ao terem essas questões como guia na estruturação dos seus currículos, serão capazes de dar significado e sentido ao conhecimento escolar associando-os às estratégias e aos conteúdos (MARTINS, 2015), adequando-os à realidade social e contemporânea.

A isso, entendo ser conveniente a flexibilização da ciência, levando em conta as diferenças entre as disciplinas e suas peculiaridades, assim como ao contexto a

que se aplica, sem a pretensão de estabelecer regras ou criar manuais, mas de se considerar a ciência e seus níveis, de forma abrangente, de modo que o conhecimento seja fundamentado na investigação, ganhando generalidade, aprofundamento e tornando esse saber potencialmente mais atrativo. Nesse sentido, a pauta deve estar atrelada ao afastamento da preguiça mental que “[...] pode levar a geração atual de crianças e jovens a desenvolver uma forma de reflexão linear que não dará conta dos multifacetados problemas humanos do século XXI” (BAZZO, 2015, p. 112). Para isso, é imprescindível que se busque olhar de forma atenta à trajetória da profissão docente e à busca implacável de sua identidade profissional.

Segundo Dubar (1997), a teoria da socialização não se difere das teorias das ciências sociais, visto que possibilita a compreensão da identidade, e neste caso a identidade profissional. Essa premissa está pautada no docente altamente qualificado, com conhecimento e competência, assim como com disposição para animar a aprendizagem dos estudantes e, por esse motivo, o dever de promover o aumento das possibilidades de aprendizagem ‘para toda a vida’.

Todavia, Roldão (2007) afirma que não basta que os professores reconheçam as teorias pedagógicas e didáticas, devem ser capazes de transformar conteúdos científicos e didáticos em ação, agregando a situações de ensino, realizando o movimento de mútua incorporação de forma consciente e transformadora. Para que isso ocorra, é necessário que esses componentes tenham sido previamente apropriados com profundidade, em um processo de conhecimento transformativo.

Convém destacar que vincular a formação do professor à profissionalização pode parecer óbvio, no entanto, essa relação é muito mais complexa, em função de esta demandar de outros elementos, tais como: fatores sociais, políticos, laborais e pessoais, que ultrapassam os limites de capacitação (MONTERO, 2005). Sabe-se que, nos anos 90, do século passado, ocorreu no Brasil, um movimento para o reconhecimento docente, privilegiando a problemática relacionada à construção do conhecimento profissional e, nessa perspectiva, surgiu a formação docente como um caminho em defesa da profissão, buscando minimizar problemas, tais como: a fragmentação, o corporativismo, a insatisfação profissional, a debilidade do compromisso profissional, assim como a ausência de reflexão crítica quanto ao complexo paradoxo entre a identidade e a autoestima profissional .

Parece-me óbvio que mesmo nesse movimento, os envolvidos nem sempre se mostram satisfeitos, já que muitas vezes eles não são partícipes desse processo,

sendo impelidos a envolver-se em programas estabelecidos por outras pessoas, obedecendo aos desejos e necessidades de outrem ou da instituição.

Apesar de os esforços neste novo século, o papel do professor continua sendo extremamente amplo e complexo, visto que a cultura atual é da mudança, de instabilidade, de incertezas e de flexibilidade. No entanto, paradoxalmente, diante desse contexto, o profissional por vezes, continua a fazer as mesmas coisas e da mesma forma que anos atrás, fato este que reforça a importância da formação dos professores como um processo contínuo e diferenciado, para o desenvolvimento profissional.

A isso, entendo que:

[...] a responsabilidade do professor vai muito mais além da mera transmissão de conhecimentos [...] centra-se, sobretudo, em ensinar a descobrir esses novos conhecimentos, a comprová-los, assimilá-los e usá-los como base para outras experiências de aprendizagem, para formar e modificar as suas ideias e os seus objetivos, e para tomar decisões racionais [...] um catalizador que promove encontro entre as capacidades humanas e o caudal crescente de conhecimentos (GOBLE, 1980, p. 56-57).

Este debate, a volta da profissionalização docente e do modelo de profissionalidade adequado, vai ao encontro de responder às características da sociedade pós-moderna. Outrossim, percebe-se ser relevante articular esse processo como uma ação pedagógica e organizativa, por meio da qual seja permitido aos professores compartilharem seus conhecimentos práticos e experiências (pessoal, de ofício etc.), transformando-os em saberes comunicacionais alinhados aos conhecimentos tecnocientíficos, adequando-os à realidade contemporânea.

No entanto, conforme esclarece Bazzo (2014, p. 14), “Tudo funciona como se o sistema educacional não passasse de uma tentativa de reprodução de métodos e técnicas de ensino que tivesse o supremo dom de fazer surgir o conhecimento na cabeça dos alunos”, e por ser dessa forma, muitas vezes pode reforçar a condição ou sensação de incapacidade para superação dos obstáculos, impedindo em alguns casos, que as tentativas sejam realizadas por receio do insucesso.

Nesse sentido, o perfil do professor pós-moderno poderia estar voltado a ser:

[...] um profissional provido de instrumentos teóricos, técnicos e práticos que lhes permitem desempenhar uma prática reflexiva, capaz de dar resposta à diversidade de exigências com as quais se confronta a escola de hoje e de amanhã. A sua função central – estimular aprendizagens significativas nos

alunos e o seu desenvolvimento integral como indivíduos e cidadãos – é uma função complexa que exige o desenvolvimento de conhecimentos, capacidades e atitudes a vários níveis, que exigem, sobretudo, uma grande capacidade reflexiva, investigadora, criativa e participativa para se adaptar e intervir nos processos de mudança (GARCIA; ALONSO, 1998, p. 11).

Em outras palavras, compreende-se que o professor contemporâneo poderia desenvolver a capacidade de justificar, argumentar e validar o que ensina. A isso, a meta da ação docente estaria voltada a contribuir para a contínua profissionalização dos educadores de modo que esses fossem capazes de desenvolver a habilidade de enfrentar as situações complexas, incertas, singulares e conflitivas que fazem parte de sua prática profissional, a fim de saber lidar com as pressões e desafios diários.

Dubar (2009) ressalta que a identidade social é sinônimo das categorias de pertencimento as quais reconhecem a evolução das estruturas sociais, e os comportamentos, atitudes e opiniões são parte do processo de estabelecimento de uma categoria. Para o mesmo autor, segundo Durkheim, seria a maneira de ser e agir, sentir e julgar os fatos sociais.

Para tratar da identidade, o referido autor traz à luz a identidade como uma configuração Nós-Eu (Norbert Elias); formas comunitárias e societárias (Weber) e tipos de formação social (Marx). Quando tratado da identidade, no século XX, surge uma crise desta em função da forma como ela se estabelece, assim como pelo fato de a sociedade estar a todo o tempo agindo e interferindo nos sujeitos. Bazzo (2019, p. 155) nos alerta para a possibilidade de se desenvolver uma “[...] educação que busque valores humanos indispensáveis para a efetivação de uma sociedade mais justa e igualitária”.

O importante, segundo Dubar (2009), é compreender que uma identidade deve ser vista de forma inseparável de crenças, filosofia e religião, já que emerge e inclui outrem como se fosse o interior do Eu e do Outro. O que se deve evitar dessa relação é a crise, fruto do engajamento moral e das convicções que por vezes tiranizam e dominam os sujeitos por ela envolvidos, advindo de ameaças e desesperos, como muitas vezes ocorre nas relações educacionais.

Nesse novo paradigma, o desenvolvimento profissional não pode ser reduzido a um restrito período formativo, mas sim permanente, bem como não se pode esperar que o professor responda a todas as exigências impostas à profissionalização, uma vez que esta não depende exclusivamente da formação do professorado, mas é uma condição necessária e depende de um estabelecimento de identidade pessoal e

profissional, além da responsabilidade institucional, afinal o docente não é o único responsável por esse processo (MONTERO, 2005).

Diante do exposto, percebo que a formação deve manter uma atenção aos condicionamentos pessoais e sociais existentes nos contextos em que os professores executam suas atividades profissionais. Nessa prospectiva, o primeiro paradigma que deve ser vencido é o processo-produto por meio do qual a avaliação da eficácia é mensurada entre a medida dos comportamentos do professor em aula (o processo) e a aprendizagem dos alunos (o produto); ou seja, o objeto de estudo é o prognóstico da aprendizagem e isso parece ser o que mais importa independentemente dos valores humanos que podem ou devem ser levados em conta.

Esse modelo, de abordagem a-teórica, considera as variáveis mediadoras e se volta para os comportamentos dos alunos em função das possibilidades oferecidas por seus professores. A rigor, tal conceito foi caracterizado por ter uma abordagem meramente quantificadora de assimilar a frequência e o desempenho e, dessa forma, 'quanto mais igual, tanto melhor' não se importando em analisar e questionar a prática laboral em si (SAUJAT, 2004). Nessa concepção, o professor eficaz é tido como um mero ator racional sendo por vezes colocado no patamar de reproduzidor nada crítico que, por não ser capaz de sair desse local, não proporciona reflexão no aluno.

Entretanto, vale ressaltar que o ensino é um processo interativo, interpessoal e intencional que é finalizado pela aprendizagem dos alunos e, nesse ínterim, sobrelevo que o 'estilo pedagógico' é composto por três dimensões que se inter-relacionam, a saber: o pessoal, o relacional interacional e o didático. Nesse aspecto, percebe-se que a prática do professor não é redutível à aplicação de um método, e ela se atualiza nas interações, nos contextos os quais se desenvolvem processos organizadores.

Contrapondo-me à visível tecnização a qual passa o processo de ensino-aprendizagem, em todos os níveis, concluo este primeiro momento, defendendo uma educação científica menos apática em que "O objeto da atividade do professor consiste em organizar um meio coletivo dos alunos para instaurar neles uma relação cultural com um objeto de conhecimento, a fim de modificar sua relação pessoal com esse conhecimento" (AMIGUES, 2004, p. 50), pois quando ocorre dessa forma, seremos capazes, como docentes, de nos aproximar do que verdadeiramente importa, a relação mais fluida do sujeito com seu conhecimento real.

Ou seja, a aprendizagem representa ao professor um objetivo longínquo e incerto, uma vez que os processos de ensino e de aprendizagem estão em dimensões temporais e dinâmicas específicas. Afinal: “A aprendizagem não se esgota na atividade de ensino que a gera, assim como o trabalho do professor não pode ser analisado a partir do desempenho escolar dos alunos” (AMIGUES, 2004, p. 51), como até agora tem sido avaliado em algumas situações.

Ademais este processo de aprender não depende exclusivamente do professor, muito menos dos meios pelos quais comunica, mas sobretudo da relação que estabelece consigo e com o coletivo, de forma não mecanizada e muito menos previsível, por fim, envolve um discernimento quanto à realidade em que vive e suas necessidades, isto é, o contexto sócio-político-educacional e a tão desejada felicidade.

2.2 CONTRAPONDO-SE À REALIDADE

Datada de 1969, e dois anos mais tarde traduzida para o português, a obra de Postman e Weingartner revela as angústias pelas quais os autores passavam naquela época, dentre as quais se pode destacar: a necessária reflexão e ação sobre como a sociedade sobrevivia; as constantes ameaças por que passavam, e os inúmeros problemas inéditos e insolúveis como o crescente número de portadores de doenças mentais, da criminalidade e número de suicidas, mortalidade infantil, fruto do espancamento pelos próprios pais e da distorção das informações marcadas por mentiras e clichês.

Esses dilemas nos aproximam da realidade que a sociedade contemporânea ainda vive atualmente, diferenciando-se somente da forma, porém, se naquela época os autores tinham a esperança de encontrar caminhos para minimizar tais problemas, por meio de uma nova abordagem da educação, creio eu, que tal fagulha ainda abrasa os corações e mentes dos que têm esperanças em construir uma sociedade mais justa, igualitária e de paz, menos involuntária, na qual se possa estabelecer uma relação coerente entre ciência, tecnologia e sociedade.

Bazzo (2019, p. 179) reitera que:

[...] precisaremos de mais educadores que sejam pesquisadores, no sentido de serem leitores críticos, sensíveis à busca de solução dos problemas humanos, e menos de laboratório e de atualizadores de bibliografias de uma área isolada do conhecimento, que escrevem com “letras frias” para serem

lançadas no mundo das tecnologias digitais ou esquecidas em folhas de papel.

Voltando a Postman e Weingartner (1971), convém destacar que eles atribuem ao “progresso” o fato gerador dos problemas que assolavam (e ainda assolam) sociedade, dentre os quais podemos acrescentar todas as formas de poluição, o acúmulo do lixo e até mesmo a falta de sentido de ser e de viver, que acomete um considerável número de habitantes deste mundo, além de as pandemias, atualmente Covid-19, e a influência dos artefatos tecnológicos e aplicativos presentes na atualidade.

Se a data de publicação desta obra nos separa há quase cinco décadas dos dilemas que ora vivemos, parece-me que, na qualidade de educadora, a possibilidade de aperfeiçoamento da condição humana por meio da educação e da inovação inteligente, conforme outrora por eles foi anunciado, ainda é possível. Afinal de contas, a escola é a única instituição que nos é imposta e, nesse sentido, ela tem o poder de influenciar os caminhos presentes e futuros a serem seguidos pela humanidade.

A isso convém destacar que o sistema educacional precisa reconhecer que a sociedade está em constante, acelerada e ubíqua mudança e compete a ela desenvolver as atitudes e aptidões de crítica social, política e cultural. Percebe-se que essa problemática não é tão atual, mas que se arrasta por décadas, conforme destacado a seguir:

A instituição a que chamamos “escola” é assim, porque a fizemos desse jeito. Se é **irrelevante**, como diz Marshall McLuhan; se **protege as crianças da realidade**, como afirma Norbert Wiener; se **educa para o obsoleto**, como assegura John Gardner; se **não desenvolve a inteligência**, como garante Jerome Bruner; se está **baseada no medo**, como sugere John Holt; se **evita a promoção de aprendizagens significativas**, como aponta Carl Rogers; se **castiga a imaginação criadora e a independência de espírito**, como assinala Edgar Friedenberg; se, em resumo, **não está fazendo o que precisa ser feito**, pode ser mudada; *deve* ser mudada (POSTMAN; WEINGARTNER, 1971, p. 16, grifo meu).

Diante do exposto, concordo que, apesar de todo esse tempo, a escola reivindica ainda ser modificada, já que tem como missão “[...] criar um clima escolar que possa auxiliar a juventude a dominar conceitos necessários à sobrevivência, num mundo em rápida transformação” (POSTMAN; WEINGARTNER, 1971, p. 16), de modo que todos desenvolvam competências para aplicar as melhores estratégias

existentes na luta pela sobrevivência neste mundo de grandes conflitos, incertezas e oportunidades sem nenhum precedente.

Na teoria acredita-se que um dos princípios fundamentais de uma sociedade democrática é a liberdade de pensamento e de expressão. Cabe considerar que a escola tem o papel de desenvolver este princípio, concomitante com a capacidade intelectual, a fim de que se possa exercê-la de forma efetiva.

Nesse ínterim, convém destacar as palavras de Souza (2009, p. 39), o qual afirma que:

[...] conflito e crítica são as precondições para qualquer ação produtiva como no universo da política e do debate acadêmico e intelectual [...]. Por conta disso nosso debate acadêmico e político é tão pobre e tão pouco crítico. A aversão ao conflito é o núcleo de nossa "identidade nacional", na medida em que penetrou a alma de cada um de nós de modo afetivo e incondicional.

Como decorrência disso, torna-se imperativo que as escolas se convertam, conscientemente, em centros de treinamento da 'insubordinação', uma vez que estamos em um meio totalmente novo que exige um repertório inteiramente inovador de estratégias de sobrevivência, ou seja, um inevitável e necessário novo tipo de educação com o estabelecimento de novos padrões de defesa, percepção, compreensão e avaliação, já que a finalidade é de insurgir atitudes, crenças e pressupostos que fomentam o caos e a esterilidade.

Ao declararem que "[...] a tecnologia repeliu a Declaração de Direitos" (POSTMAN; WEINGARTNER, 1971, p. 26), os autores perpetram uma crítica às consequências do desenvolvimento tecnológico, registradas no século XX, a partir da qual se torna necessário haver um papel sublevado para as escolas, dentre os quais, primeiramente destacam a homogeneização quase total do pensamento entre aqueles que os meios de comunicação de massa alcançam, uma vez que, "[...] à medida que o número de mensagens aumenta, o montante de informação transmitida decresce" (p.27). Afirmam que "[...] temos muito mais meios para comunicar cada vez menos ideias significativas" (*ibidem*, p. 27). Esta manipulação faz com que o homem funcione de maneira abstrata e mecânica, mecanizada por assim dizer, deixando pouca margem para o pensamento e ações individuais.

O segundo problema por eles citados, que torna necessário um papel insurreto para as escolas, é a 'Revolução da Mudança' ou, em outras palavras, a 'explosão do saber' que acontece em todos os campos do conhecimento. Conforme

estes, a estabilidade e a previsibilidade, característica de outros séculos, não se aplica mais, já que agora as mudanças ocorrem rapidamente, levando-nos a criar continuamente um conjunto de crenças, valores e padrões de comportamento viáveis a cada um de nós. “E logo que acabamos de identificar um sistema exequível, resulta que ele já é irrelevante, porque tanta coisa mudou, enquanto estávamos empenhados em criá-lo” (POSTMAN; WEINGARTNER, 1971, p. 31).

De acordo com Harari (2018, p. 53), em breve podemos ser testemunhas do “[...] surgimento de uma classe de ‘inúteis’”, não somente pela falta de emprego ou educação adequada, mas sobretudo em função da falta de energia mental, advinda do estresse e do desequilíbrio emocional, que acomete a civilização contemporânea, obrigando-a a desenvolver-se constantemente, buscando novas habilidades, e até mesmo mudando de profissão para manter-se vivo.

Esse estado frustrador de coisas também se aplica à educação, visto que muitas vezes nos sentimos como enciclopédias ambulantes de informações obsoletas. Essa ideia nos remete a Alves (2014, p. 121), o qual afirma que “[...] de tanto ler as ideias de outros os alunos, se esquecem que eles também podem pensar e que seu pensamento é importante [...] a leitura só é boa quando é bovina, quando leva à ruminação”.

De Masi (2011), sobre isso, salienta que por vezes o homem dedica sua vida à execução de poucas operações simples tendo resultados também simplificados, sem oportunizar o exercício de sua própria inteligência, perdendo naturalmente sua capacidade de ação e reflexão. A isso Bazzo (2015, p. 155) sustenta que “Para vivermos livremente, necessitamos de conhecimento do mundo [...] Não educamos para o desenvolvimento tecnológico, mas para a civilidade”. Seria de responsabilidade de mestres e escolas gerarem essa mudança, no entanto, o problema é que muitos deles por vezes ainda se comportam como um disseminador de informação, enquanto outros se preocupam apenas com a transmissão da nossa herança cultural, como destacado na citação que segue:

Enquanto têm que se compreender psicologia e psicodelismo, antropologia e antropomorfismo, controle de natalidade e bioquímica, os seus professores ensinam-lhes matérias que, na sua maior parte, já não existem. Enquanto eles precisam encontrar novos papéis para si mesmos, como organismos sociais, políticos e religiosos, os seus professores [...] estão atuando quase inteiramente como agentes dos interesses organizados, moldando-os para serem funcionários de uma burocracia ou outra (POSTMAN; WEINGARTNER, 1971, p. 33).

Diante do exposto defendo a mudança da escola para o ‘negócio certo’ que se contraponha ao sistema vigente, afinal “[...] o que os estudantes mais fazem na aula é adivinhar o que o professor quer que eles digam” (*ibidem*, p. 41), isto é, geralmente são solicitados a recordarem o conteúdo e raramente a observarem e formularem definições, perguntas substantivas e/ou operações intelectuais que ultrapassem a repetição. Equivocadamente, tem-se a crença de que a recordação é a forma suprema de realização intelectual e a própria sociedade atesta que a resposta instantânea, mesmo que vazia e sem sentido, é um indício de uma pessoa bem instruída.

Sobre isso, Pérez *et al.*, (2001) ressaltam que as visões equivocadas que invariavelmente possuímos sobre o ensino da ciência, até mesmo nas universidades, ficam reduzidas à apresentação do conhecimento previamente elaborado, na qual a tônica se centra na mera transmissão de informações, tolhendo dos alunos a possibilidade de explorarem atividades que tenham como perspectiva um ensino investigativo.

A isso, entendo que o conhecimento provém de saber fazer perguntas substanciais e apropriadas e buscar respostas a respeito daquilo que queremos e precisamos saber, no entanto, por vezes a arte de fazer perguntas não são estimuladas, e até mesmo, muitas vezes são evitadas. O hábito da leitura há muito se perdeu em detrimento da possibilidade das respostas curtas e imediatas que se têm nas buscas via internet que nem sempre se mostram eficazes quanto à aquisição do conhecimento, mostrando-se apenas como informação.

Nesse sentido:

Uma opinião não é uma coisa momentânea, mas sim um processo de pensamento moldado pela contínua aquisição de conhecimento e pela atividade de perguntar, discutir e debater. Uma pergunta pode “convidar” uma opinião, mas também pode modificá-la e remodelá-la; seria melhor dizermos que as pessoas não “têm” exatamente opiniões, mas que são envolvidas para opinar (POSTMAN, 1994, p. 140).

Nessa concepção, a escola deverá ser capaz de subsidiar a sobrevivência da aprendizagem, por meio da promoção e da convicção de que os comportamentos relacionados ao refletir e perguntar são decisivos para que a aprendizagem ocorra de forma efetiva, reflexiva e proativa. “Na prática, isso significa que estamos em busca de conhecimento quando passamos anos reunindo experiências e aguçando nossa

sensibilidade de modo a compreender corretamente essas experiências” (HARARI, 2016, p. 243), tendo claro que vivências não são dados empíricos, mas sim fenômenos subjetivos compostos por sensações, emoções e pensamentos, por isso, a importância do refletir para escolher o que se sente levando em conta o desejo e a opinião de todos os envolvidos.

Sendo dessa forma, quanto mais aprimoradas as sensações e sensibilidades, mais conhecedor me torno. “Não se pode realmente experimentar algo se não se tem a sensibilidade necessária, e não se pode desenvolver a sensibilidade a não ser passando por uma longa sequência de experiências” (HARARI, 2016, p. 244).

A isso, qualquer conhecimento passa pelo processo de tomada de consciência, para somente *a posteriori* poder ser validado ou não. Essa validação, por sua vez, perpassa a educação na qual não se busca ‘adestrar as mentes’ e sim possibilite que se construa pensamentos e ação voltadas à necessidade pessoal e social.

2.3 ADVERSO À EDUCAÇÃO ADESTRADORA

No processo de ensino e aprendizagem, o método de inquérito proposto por Postman e Weingartner (1971) deveria estar pautado na proposta de uma reformulação da estrutura da aula, apresentando-se como um novo meio de comunicação com mensagens diferentes das que tradicionalmente são manifestadas aos estudantes. Trata-se de um processo de modificação dos ambientes escolares que visa um impacto singular e revolucionário, uma vez que incentiva os alunos a formularem perguntas e respostas as quais os professores anseiam e, conseqüentemente, recordá-las por mais tempo, já que “ativa sentimentos, percepções e atitudes diferentes; gera um diferente tipo de inteligência, mais audaciosa e mais potente” (p. 51).

Contraopondo-se, assim, à produção em massa que caracteriza a maioria dos ambientes escolares, em que se preocupam mais com o produto do que com o processo, tal método, recomendado pelos autores, propõe aos alunos o aumento de competências, a partir das quais os tornem bons e eficientes aprendizes, isto é, que sejam capazes de fazer as perguntas para o enfrentamento dos desafios contemporâneos.

Sobre isso Bazzo (2019, p. 127) reafirma que ao educando deve ser intencionada “[...] a capacidade de pensar criticamente, o que dificulta uma análise profunda acerca do efetivo sentido da vida diante de uma sociedade alucinada por velocidade – para chegar não se sabe onde”.

Nesse sentido “[...] o mundo de ontem não foi apagado e substituído pelo mundo novo de hoje: grande parte do ontem ainda está conosco. Esta é outra razão para querermos entender o mundo de ontem” (DIAMOND, 2014, p. 21). Com efeito, cabe ao professor criar um meio ambiente que permita que esses comportamentos de aprendizagem – atitudes e aptidões – afluam por meio da comunicação, o tempo todo. Todavia Pérez, *et al.* (2001) ressaltam que, quando se trabalha de forma coletiva e colaborativa a produção se torna mais rentável, comparada com a mesma executada de forma individual, por não proporcionar reflexão sobre os temas, ultrapassando o conhecimento meramente bancário, bem como tolhendo de quem participa a possibilidade de explorar atividades com perspectivas de um ensino investigativo.

Souza (2015) alerta para a ‘violência simbólica’ que ocorre na educação brasileira em que 1% dos mais ricos sustentam o trabalho dos outros 99% restantes, o qual sequestra a inteligência dos sujeitos, tornando-os ‘tolos’, assegurando o controle social e legitimação da dominação. A isso, ressalta-se Staker e Horn (2015), os quais afirmam que a inovação disruptiva ocorre quando o profissional descobre como fazer uma mudança, oferecendo algo de mais de forma a modificar a concepção inicial e derrubar o paradigma. Segundo os referidos autores, esse paradigma pode ser quebrado a partir do momento em que o professor estimula os alunos a discutirem e escutarem trabalhando em grupo, afinal o ensino deve oferecer a oportunidade de ‘aprender como aprende’ e ‘ensinar como ensina’.

Devido a esses fatores:

As inovações disruptivas competem segundo uma nova definição de desempenho e isso significa que elas defendem qualidade de forma completamente diferente de como o sistema estabelecido o faz, de modo geral, sua nova definição de qualidade gira em torno de um benefício, como acessibilidade, conveniência, viabilidade ou simplicidade (STAKER; HORN, 2015, p. 2).

Segundo Postman e Weingartner (1971), quatro são os componentes principais que compõem o ambiente escolar, a saber: o professor, os alunos, os

problemas e as estratégias para a resolução dos problemas. No entanto, as atitudes dos professores são, conforme eles, as características mais importantes do ambiente de aprendizagem, vez que:

Não pode haver qualquer inovação significativa na educação que não tenha em seu centro as atitudes dos professores e é ilusório pensar de outro modo. As crenças, sentimentos e pressupostos dos professores são o ar que se respira num ambiente de aprendizagem; determinam a qualidade da vida que se desenrola nesse ambiente (*ibidem.*, p. 58).

Ademais, entendo que a função de toda a educação é incrementar as perspectivas de sobrevivência do grupo e não à dedicação exclusiva quanto à conservação de velhas ideias, conceitos, atitudes, aptidões e percepções. É primordial “[...] desaprender conceitos mortos [...]” (*ibidem*, p. 265), e nossa sobrevivência em meio a uma sociedade em rápida transformação depende de nossa capacidade de identificar os velhos conceitos que ainda são relevantes para as exigências impostas pelas novas ameaças à sobrevivência.

Tais conceitos obsoletos geram, nos alunos, personalidades “[...] passivas, aquiescentes, dogmáticas, intolerantes, autoritárias, inflexíveis e conservadoras, que desesperadamente necessitam resistir à mudança num esforço para manter intactas as suas ilusões de certezas” (*ibidem*, p. 272).

Entretanto, de acordo com Pérez *et al.* (2001), para se compreender de que forma se constroem e mudam os conhecimentos científicos, inicia-se uma reflexão quanto às possíveis deformações que ocorrem no ensino delas. Para ir ao encontro disso, estabelecem-se duas estratégias: a) colocar os professores em situação de *workshops* sobre a natureza da ciência em situações de investigação, para a análise crítica das concepções dos docentes quanto aos trabalhos científicos; e b) conhecer as deformações sobre a natureza do trabalho científico, de forma a construir os conhecimentos por meio da análise de artigos sobre o tema.

Logo, a tarefa da nova educação é levar os alunos a fazerem um movimento de desaprender os conceitos irrelevantes, interiorizando novos conhecimentos, sendo estes uma condição prévia de toda a aprendizagem, mas para que isso ocorra, caberá a todos os envolvidos um movimento de aprender a desaprender, desafiando-se a se colocar no lugar de quem saber que nada sabe.

Nesse sentido que:

A nova educação tem como finalidade o desenvolvimento de um novo tipo de pessoa, uma que – em resultado da interiorização de diferentes series de conceitos – será uma personalidade indagadora, flexível, criadora, tolerante, inovadora, liberal, capaz de enfrentar a incerteza e a ambiguidade sem desorientação; que poderá formular novos e viáveis significados para fazer frente às mudanças no meio que ameaçam a sobrevivência individual e mútua (POSTMAN; WEINGARTNER, 1971, p. 273).

Diante do exposto, entendo que os conceitos a serem aprendidos e que são a razão da educação são os que dão forma à transformação tecnológica e, ao mesmo tempo, derivam dela, dentre os quais a citar:

- a) relatividade;
- b) probabilidade;
- c) contingência;
- d) incerteza;
- e) função;
- f) estrutura como processo;
- g) causalidade (ou não causalidade) múltipla;
- h) relações não simétricas;
- i) graus de diferença, e
- j) incongruência (ou diferença simultaneamente apropriada), (*ibidem*, 1971).

Corroborando com isso, vale salientar que muito mais que ser um disseminador de conhecimentos, conceitos e elaborador de métodos de ensino, cabe ao docente uma ação proativa e seletiva, ao priorizar o desenvolvimento humano, de forma a não o separar da sociedade em que vive, mas, sobretudo, de levá-lo à reflexão da premente necessidade de Ser em substituição do Ter.

Dentro desse enfoque, Llosa (2013, p. 64) sobreleva que:

[...] o especialista enxerga e vai longe em seu campo, mas não sabe o que ocorre ao seu redor e não perde tempo averiguando os estragos que seus êxitos poderiam causar em outros âmbitos da existência, alheios ao seu. Esse ser unidimensional pode ser, ao mesmo tempo, um grande especialista e uma pessoa inculta porque seus conhecimentos, em vez de conectá-lo com os outros, o isolam numa especialidade que é apenas uma célula diminuta do vasto campo do saber.

Nesse entendimento, torna-se imperativo proporcionar ao professor uma mudança da rota na qual “[...] haverá, portanto, de se efetivar um projeto entre as instituições de Educação Básica e Ensino Superior em que se questione sobre o quê,

para quê e em favor de quem ou de que se pesquise” (BAZZO, 2016, p. 78), sendo essa uma das condições para que o docente compreenda seu papel e que a transformação e mudança vai ocorrer do interno para o externo, isto é, em Si para somente *a posteriori* ser possível ocorrer em seu público discente.

Pérez *et al.* (2001), ao exporem sua quinta razão quanto ao trabalho científico, afirmam que é imprescindível compreender o caráter social da educação, pois este dá sentido à ideia de investigação de forma autônoma na qual a ação dos sujeitos interfere nas circunstâncias que refletem tanto no meio físico quanto no social, em um processo de inter-relação que enriquece o processo de ensino aprendizagem, galgando patamares mais criativos e rigorosos.

A educação brasileira tem sido pautada sobre ‘mitos falsos’, como afirma Souza (2015), e a isso destaca que a escola é ineficiente em função das classes menos favorecidas chegarem nesse contexto como perdedoras, comparadas às de classe média, muito em função dos estímulos advindos dos pais. Ainda em relação a isso sobrealça que o papel da ciência crítica é de desmascarar as ideologias as quais nos fazem sermos tolos, descobrindo a fragmentação e percepção do mundo de forma a explicar a dualidade existente entre a exploração e a justificação, em nome da humilhação e dor silenciosa dos que são incapazes de expressar e fazer valer sua indignação e revolta.

Em função de tal dimensão, é impreterível que a educação assuma sua responsabilidade no que tange às práticas didático pedagógicas, de forma a ser capaz de avaliar as atitudes que realmente promovam debates quanto às questões éticas que envolvem esse processo de aprender, afinal, a educação adestradora está longe de ser o que a sociedade clama. As deformações premem ser corrigidas de forma a tornar o conhecimento o resultado de um processo de análise e reflexão, e não somente de um método bem estruturado e pronto.

Em relação a isso, o grande desafio está em como é educada a população e, para resolver essa questão, demanda-se um constante aprendizado, no qual, de forma contínua, se vá ao encontro das necessidades, adaptando-se quanto às inquietações que esse avanço tecnológico proposita. Friedman (2017, p. 47) ressalta que noventa por cento da capacidade de adaptação do ser humano está relacionada a otimizar o aprendizado, canalizando “[...] a inovação tecnológica para nossa estrutura cultural e social”.

Nesse sentido, inovar, para o referido autor, é um ciclo de experimentação no qual o sucesso e o fracasso estão na aplicação do conhecimento, e como é um ciclo, quando se fracassa a tendência, é de se recomeçar novamente. Portanto, presume-se que, no século XXI, o que definirá a inteligência de um ser humano será a capacidade deste de ser genial por poder fazer as perguntas certas e não mais ter as respostas corretas, como se presumia até então (FRIEDMAN, 2017).

Nesse ínterim, torna-se indispensável buscar compreender ‘para onde vamos’, a fim, de ao menos, termos a ideia do que é possível fazer, de modo a buscar alternativas criativas que vão ao encontro da compreensão do processo de desenvolvimento da sociedade contemporânea, levando em conta que os desafios são múltiplos, pois as barreiras estão presentes, muitas vezes estando vinculadas aos valores há muito tempo determinados e alimentados por todos que estão envolvidos na educação e no poder.

2.4 PARA ONDE VAMOS - DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR NA CONTEMPORANEIDADE

Para onde vamos? Questionamento extremamente complexo de se prever, pois, por vezes, nem temos conhecimento de onde viemos e onde estamos. Para a busca de entender esse questionamento, alicerço-me inicialmente em Harari (2016), o qual afirma que a compreensão dessa transição muitas vezes parece ainda em processo. Na obra, Homo Deus: uma breve história do amanhã (2016), o autor solicita que é inadiável que saíamos do mundo dos sonhos, é chegada a hora de despertar, mesmo que em meio à crise da humanidade, na qual estamos envoltos.

Para o autor, nossa história, desde o princípio, está regada de muitas vulnerabilidades que põem nossa vida em perigo e, mesmo com o avanço tecnológico, por vezes nos deparamos com ‘epidemias’ que controlam nossas ações e percepções de mundo. Inicialmente as doenças nos assolavam, mais tarde as catástrofes ecológicas nos limitaram e hoje temos as armas nucleares, avançadas tecnologias e o conhecimento, como o ‘mantenedor’ da paz ou da catástrofe (HARARI, 2016).

Schwab (2016, p. 12) alerta que a sociedade vem fazendo mudanças, e os comportamentos estão se alterando, até na forma pela qual trabalhamos e nos comunicamos, hoje mais do que nunca compreendemos essa realidade. Segundo o autor, “[...] as alterações, em termos de tamanho, velocidade e escopo são históricas”.

Visto que “[...] a complexidade e a interconexão entre os setores implicam que todos os *stakeholders*⁵ da sociedade global – governos, empresas, universidades e sociedade civil – devem trabalhar juntos para melhor entender as tendências emergentes”. Nesse sentido, em função de nossas vidas estarem modificando ocorrerá uma remodelação do contexto econômico, social, cultural e humano e por ser dessa forma, o conhecimento compartilhado será crucial para o futuro coletivo.

A isso, Harari (2016, p. 29) ressalta que “[...] a história não tolera o vazio”, no qual nada se coloca no lugar das epidemias, guerras e fome e, portanto, os ‘Deuses’ não são mais culpados, pois a humanidade precisa indubitavelmente se proteger de seu próprio PODER que discute sobre poluição, ameaça global, mudança climática, sem atentar-se aos sacrifícios econômicos e políticos que diligencia tal atitude.

A recompensa está na conquista e não na satisfação, assim como no anseio por mais e mais. O sucesso alimenta ambições e não distante estaremos em busca da imortalidade, felicidade e divindade, “[...] tendo elevado a humanidade acima do nível bestial da luta pela sobrevivência, nosso propósito será fazer dos humanos deuses e transformar o *Homo Sapiens* em *Homo Deus*” (HARARI, 2016, p. 30).

Segundo Friedman (2017), o mundo conectado e digitalizado é fonte de inspiração para o desenvolvimento econômico, mas não para os sujeitos que estão a cada dia sentindo-se ameaçados por causa de sua identidade e seu senso quanto ao que é ter um lar. “O desafio reside em encontrar o ponto certo de equilíbrio [...]” assim, “[...] lidar com esta ansiedade é um dos maiores desafios a serem enfrentados pelas grandes lideranças hoje [...]” (p. 187).

Durante os séculos XIX e XX, o foco e as grandes conquistas estavam pautados no aumento da população e no PIB (produto interno bruto) e não na felicidade desses mesmos humanos, isto é, no bem-estar individual. As habilidades para o trabalho e produção estavam sendo desenvolvidas nas escolas onde tudo poderia ser ‘dominado’, cujo objetivo não estava centrado na felicidade, mas em ter uma nação forte. Até o sistema de bem-estar era planejado de modo a suprir os interesses da nação e não dos indivíduos necessitados.

⁵ Público estratégico (pessoa ou grupo) que está interessado em uma empresa ou negócio. Em inglês *stake* significa interesse, participação, risco. *Holder* significa aquele que possui. Assim, *stakeholder* também significa parte interessada ou interveniente. É uma palavra em inglês muito utilizada nas áreas de comunicação, administração e tecnologia da informação cujo objetivo é designar as pessoas e grupos mais importantes para um planejamento estratégico ou plano de negócios, ou seja, as partes interessadas. Fonte: <https://www.significados.com.br/stakeholder/>

Atualmente a mudança continua sendo pautada no FIB (felicidade interna bruta) e não mais no PIB. As pessoas não querem somente produzir, mas pretendem ser felizes, assim, a produção material está voltada para a satisfação das necessidades e para a felicidade.

Obstante a isso, a felicidade está em segundo lugar na eleição das pessoas quanto a seus objetivos, porém nem tudo é assim tão fácil, afinal felicidade não é um estado que se possa ter quando se deseja. Por mais que tenhamos todos os recursos tecnológicos e máquinas e artefatos à nossa disposição, assim como somos mais livres quanto ao sexo, os níveis de percepção subjetiva no que tange à felicidade não aumentaram, permanecendo a mesma desde 1950, segundo estudos americanos (HARARI, 2016).

A isso, a felicidade, segundo o autor supradito, está relacionada à percepção e sensação de prazer e este estado não permanece constantemente em nosso corpo. Nesse sentido, a permanência da felicidade é uma ilusão e esta é a maior 'falha da evolução', pois nosso sistema bioquímico aumenta a probabilidade de sobrevivência e reprodução, mas não promove felicidade.

Concomitante a isso, Kelly (2012) discute a respeito da tecnologia, questionando: de que forma a sociedade está interagindo com ela e como as invenções podem proporcionar um movimento sem fim, pautado na ilusão do equilíbrio biopsicossocial tão desejado (sensação de felicidade). Da mesma forma que Harari (2016), Kelly (2012) traz à tona a discussão quanto aos empecilhos que a humanidade tem no que tange à transmissão do conhecimento, assim como sua aquisição. Aponta que, mesmo com o progresso dos sistemas e instrumentos, ainda estamos carentes de consciência quanto ao como utilizar esses meios, os quais se mostram incapazes de separar o que é nosso efetivamente e o que é somente fruto de um desejo inconsciente de felicidade e liberdade.

A isso Bazzo (2019, p. 62) questiona:

Será que nós, seres humanos, através das ações educacionais disponibilizadas para nossa formação e atuação profissional, não estamos transportando irresponsavelmente a mesma velocidade exigida pela sociedade do consumo exacerbado e da criação de necessidades superficiais e ilusórias para a formação de nossos futuros dentistas, engenheiros, médicos ...?

Diante disso, De Masi (2011) salienta que, para que pudéssemos chegar ao nível de desenvolvimento a que chegamos no século XXI, a humanidade necessitou fazer um movimento de se libertar da miséria, da fadiga, do tédio, da tradição, do autoritarismo, da dor, da feiura e da morte, e tal libertação é tida como sinônimo de felicidade. Nesse sentido, por meio do progresso, o ser humano buscou de forma obstinada a domesticação da natureza pela cultura e, por consequência disso, hoje estamos vivendo um tempo em que as habilidades manuais foram substituídas pelo uso de tecnologias cada vez mais sofisticadas. Deixamos a simplicidade para um tempo de complexidades; da casualidade, passamos a um tempo de planejamento; da linearidade à sistematização; da generalização à especialização e ao profissionalismo; da execução à criatividade.

Notadamente, Harari (2016) ressalta que a felicidade não está pautada na quantidade de coisas que se tem, mas sobretudo na sensação do controle sobre nosso tempo e trabalho, na possibilidade de se ter lazer, e na fuga das guerras, pobreza e corrupção, aproveitando a liberdade. Alerta-nos para o aumento populacional, que, todavia, pode estar em crise, afinal, por vezes, em função da busca desenfreada de progresso e estabilidade, esquecemos das necessidades básicas, tais como: dormir, qualidade de vida, alimentação adequada, entre outros.

Obstante a isso, o autor acima clama, ao solicitar que se ‘pise no freio’, em função da rapidez com que estamos nos aproximando do desconhecido, ressaltando que:

Ninguém consegue absorver todas as recentes descobertas científicas, ninguém é capaz de prever qual será o aspecto da economia global daqui a dez anos, e ninguém tem uma pista de para onde estamos indo nessa correria desabalada. Como ninguém compreende o sistema como um todo, ninguém pode fazê-lo parar (HARARI, 2016, p.59).

Assim sendo, a pauta deveria estar voltada à valoração do conhecimento e de tudo que nos cerca por ser paulatino e processual, acompanhando o desenvolvimento e necessidade da sociedade, e por conseguinte, da educação e da humanidade.

A isso, De Masi (2011) afirma que a civilização contemporânea está tendo necessidades distintas das passadas, portanto, seus desejos e demandas também se diferem, a saber:

- a) introspecção: a qual exige que por vezes nos isolem do mundo de modo a sermos capazes de refletir sobre nosso destino;
- b) amizade: na qual se busca a realização por meio de pessoas confiáveis, capazes de proporcionar sensação de completude à nossa vida;
- c) amor: exigindo uma relação exclusiva, apaixonada e profunda com pessoas dignas de nossa dedicação incondicional;
- d) jogo: abrindo espaço à criança que existe em nós, repleta de curiosidades, aventuras e ingenuidades;
- e) partilha e convivência: solicitando que nos reconheçamos em uma coletividade étnica, geográfica, política, ideológica, sendo possível o reconhecimento de fazer parte de um todo que valha a pena se empenhar;
- f) beleza: ter em torno de si um universo de sinais e objetos coerentes com a nossa sensibilidade e;
- g) serenidade: exigindo respeito recíproco e consciência de nosso destino.

Levando tais necessidades em consideração, podemos estar cometendo um erro em presumir que a ciência prevê futuro. A história sim poderá nos auxiliar nessa empreitada, mas assim mesmo ditando possibilidades e arriscando profecias. A isso Harari (2016, p. 67) reconhece que: “O estudo da história não dirá qual deve ser nossa escolha, mas ao menos nos dará mais opções”. Para compreender estas e outras afirmações, é necessário por vezes retroceder na história concebendo o *homo sapiens* como realmente é, e assim, verificar de que forma o humanismo se tornou a ‘religião dominante’ do mundo, quanto à realização dos sonhos, e o quanto estes podem propiciar a própria degradação deste mesmo homem.

Desse modo, Morin (2012) traz à tona a iminente discussão quanto à evolução da humanidade, que, em sua concepção, está se encaminhando para a autodestruição, afinal tudo deve e pode ser realizado em curto prazo, gerando com isso mais incertezas, pois ao homem só restará a sensação de incapacidade diante de tantas demandas e poucas soluções.

As forças que nos imbecilizam continuam progredindo mais rapidamente do que as forças que nos elucidam. [...] As forças de sujeição desenvolvem seus meios sempre mais rapidamente em relação às forças de emancipação, as quais, com frequência ainda e por inconsciência, trabalham arduamente em favor da sujeição e da morte (MORIN, 2012, p. 47).

A revolução humana parece ser a resposta que Morin (2012, p. 50) designa quanto ao entendimento das relações, de forma a transformar a própria evolução em progresso, visto que pela inter-retroação as micro transformações vão ocorrer, ou seja, pela “[...] junção entre a extrema inconsciência das necessidades espontâneas e da extrema consciência de um novo pensamento complexo” as mudanças ocorrem. Diante disso, a ação humana “[...] necessita de uma multiplicação de mudanças /transformações / revoluções simultaneamente autônomas e interdependentes, e em todos os domínios (incluído o do pensamento)” (ibidem p. 51).

A partir dessa instância, existem escolhas, segundo Kelly (2012), que podem e devem ser realizadas e estas estão atreladas ao abandono da ideia de avanço, indo ao encontro do que se mostra ‘inevitável’. Aponta os fatores sociais como influenciadores, inclusive da genética dos humanos, e conclui que até essa influência é fruto das predileções, pois esses elementos estão além de seu controle.

Diante disso, afirma que:

[...] dentro dos limites da genética e do ambiente, você é responsável pela trajetória da sua vida [...] a liberdade não é total, longe disso [...] o modo como enfrentamos a enxurrada de escolhas da vida real dentro das grandes jaulas do nascimento e de nossa formação é o que nos torna quem somos (KELLY, 2012, p. 172).

A modernidade, de acordo com Harari (2016), é um contrato e, por ser dessa forma, aderimos a ele, configurando nossas vidas de acordo com que está definido. Ressalta que as coisas acontecem, inclusive as ruins, e por ser desse modo, o homem possui múltiplas possibilidades e, junto delas, grandes ameaças. Assim sendo, o indivíduo pode estar vivendo em um mundo destituído de significados, em que a angústia existencial nunca foi tão presente. Bazzo (2019, p. 145) reitera, afirmando que “Nessa cultura do descartê, vivemos num ciclo vicioso aparentemente infringível: a tecnologia suscita a velocidade que deve ser logo suplantada”.

Nesse íterim, Bonfiglio e Bazzo (2020) mencionam que é importante compreender que apesar de a tecnologia se mostrar um acelerador da humanidade, por propositar transformação e mudanças, a mesma não pode nem deve ser considerada nossa inimiga, pois os bens de informação podem impulsionar nossa capacidade de processamento, indo ao encontro de novas descobertas.

Considerando tal situação, Diamandis e Kotler (2012, p. 21) destacam que o problema não está pautado única e exclusivamente na escassez, mas sobretudo na

acessibilidade, e ante essa ameaça da escassez uma das melhores respostas “[...] não é cortar fatias menores de nosso bolo, e sim descobrir como produzir mais bolos”. Entendem que, pela primeira vez na história, nossas capacidades começaram a alcançar nossas ambições e, nesse novo cenário, a humanidade entra em um período de transformações radicais em que a tecnologia pode elevar substancialmente os padrões de vida básicos de todos os seres humanos que habitam o planeta.

Todavia, Harari (2016), de forma contundente, afirma que a salvação da humanidade não está pautada nos planos cósmicos, mas acima de tudo, na ordem com significado, isto é, na vida que tem interpretação e sentido. Não obstante, os humanos precisam extrair de suas experiências interiores o sentido de suas vidas e do universo, mesmo que esse mundo não proporcione muitos recursos para tal significação. “Portanto, o cerne da revolução religiosa da modernidade não foi perder a fé em Deus, e sim adquirir fé na humanidade” (HARARI, 2016, p. 228), mesmo que, integralizada pela autoridade, principalmente na forma de pensar e ou de se comportar.

Esse movimento de dar significado impele o humano à capacidade de lidar com o livre arbítrio, sendo essa a mais alta fonte de interpretação, afinal, essa autoridade não se mostra mais presente em entidades exteriores, mas nos próprios desejos e sentimentos. Quanto à educação, ela busca o livre pensar, isto é, proporcionar subsídios para que todos pensem por si mesmo. E nesse sentido, ressalta-se que a percepção de si tem falhas, e a proposta do humanismo é assegurar o EU interior dos humanos, isto é, seu (SER-self⁶).

Desde a Europa medieval, o conhecimento é compreendido como a busca de respostas, no entanto, volta-se para a análise de escrituras e da lógica. Com a revolução científica, esse mesmo conhecimento passa a ser pautado nos dados empíricos e na matemática que demandava dos estudiosos, observação e experimentos, associados a complexos cálculos e aplicação de fórmulas. Todavia, esse mesmo processo não daria conta das questões que envolvessem valores e significados. O humanismo, portanto, oferece uma alternativa que seria a de buscar o conhecimento trilhando a seguinte fórmula: experiência versus sensibilidade, na qual

⁶ *Self*-SER: Si mesmo (em inglês, *self*; em alemão, *Selbst*) é um termo que tem uma longa história na psicologia. William James, um dos pais da psicologia, distingue em 1892, como sendo o "eu", uma instância interna do ser humano.

a experiência interior, contando com a sensibilidade, ‘daria conta’ deste tal conhecimento (HARARI, 2016).

“Na prática, isso significa que estamos em busca de conhecimento quando passamos anos reunindo experiências e aguçando nossa sensibilidade de modo a compreender corretamente essas experiências” (*ibidem*, p. 243), tendo claro que elas não são dados empíricos, mas sim fenômenos subjetivos compostos por sensações, emoções e pensamentos, sendo estes, próprios dos humanos.

Ao refletir sobre isso, vale ressaltar que o autor mencionado traz nesse contexto, a sensibilidade, fruto da atenção que se dá às sensações, emoções e sentimentos, salientando que eles provocam outras impressões, sendo estas mais um incremento no ciclo interminável que é o conhecimento, na qual novas experimentações possam propositar a mudança de opinião, de comportamento e, por conseguinte, de personalidade.

Esse processo, assim, desperta a sensibilidade, e isso só ocorre quando se pratica, “[...] não pode ser adquirido por meios externos, mas pela experimentação do vivido. Nesse sentido, quanto mais aprimoradas as sensações e sensibilidades, mais conhecedor me torno (BONFIGLIO; BAZZO, 2020, p. 85). Tais condições nos levam a refletir que, “Não se pode realmente experimentar algo se não se tem a sensibilidade necessária, e não se pode desenvolver a sensibilidade a não ser passando por uma longa sequência de experiências” (HARARI, 2016, p. 244).

Em ampla esfera, qualquer conhecimento, independentemente de ser ético ou estético, precisa passar por esse processo de tomada de consciência⁷, para somente *a posteriori* ser validado ou não. Portanto, o humanismo vê a vida nesse processo gradual, regado de mudanças interiores, partindo da ignorância para a iluminação, isto é, ao conhecimento.

Kelly (2012), sobre essa prerrogativa, afirma que o ‘divórcio entre mão e cabeça’ causa problemas para a psique humana, sem contar com o sedentarismo, com a espionagem de conhecidos e desconhecidos, e isso proporciona um movimento de deslocamento entre aquilo que tem importância e o que é obsoleto. Atualmente passamos mais tempo em frente às máquinas. Nossas vidas estão sujeitas ao relógio

⁷ Este processo é, uma reconstrução, no plano conceitual, do que tem sido feito na ação, ou seja, a **tomada de consciência** é uma ação realizada pelo sujeito que foi interiorizada em forma de pensamento.

dominando nossa ideia sem nos dar, muitas vezes, a oportunidade de questionar se são confiáveis ou não, e se até mesmo o que vem delas é verídico.

Nisso, Kelly (2012, p. 188) afirma que:

[...] os seres humanos se tornaram adjuntos ou, para usar a expressão de Karl Marx, apêndices das máquinas [...], muitas pessoas que reconhecem o progresso do *técnió* evitam acolher de braços abertos o imperativo tecnológico por causa do seu efeito adverso no meio ambiente.

Todavia, existem vantagens que precisam ser evidenciadas, de modo que a análise seja intencionada, e a isso é imperativo ressaltar que a máquina oferece maior liberdade, comparada à vida alternativa e seu custo por hora permanece menor, apesar de muitos questionarem esse propósito e continuarem agarrados ao que está exposto acima.

Em outras palavras, cabe considerar que estamos cientes dos males impetrados pela tecnologia e o quanto nos escraviza, mas de qualquer forma não conseguimos evitar estar em contato, afinal, vivemos nesta realidade. A liberdade está atrelada à tomada de consciência de sua presença e de nossa dependência, e isso não se supera repudiando sua existência, mas aprendendo a lidar com ela de forma a sair deste estado de 'feitiço'.

Nesse entendimento, o autor acima traz a ideia de feitiço e delibera, afirmando que “[...] esse feitiço global deve ser uma alucinação consensual, pois todos queremos as mesmas novidades: os mesmos remédios, os mesmos celulares, os carros mais legais” (KELLY, 2012, p. 205). E isso é poderoso, pois afeta a todos, independentemente de raça, credo, idade, renda. Nesse sentido, fazemos nossas escolhas e optamos pelo *técnió* e isso ocorre a despeito de nos considerarmos dependentes ou enfeitizados.

Essa dependência e ou enfeitizamento pode ocasionar depressão, e isso ocorre pelo fato de que a humanidade atual está desprovida de um preciso sistema de valores e expectativas que lhes permitem identificar a sua posição atual, de forma a corrigir seus rumos futuros, tendo atitudes mais conscientes e críticas. Nesse mesmo propósito, Friedman (2017) afirma que a tônica está em pensar nas habilidades que precisam ser desenvolvidas e quais as atitudes são exigidas para manter e progredir num emprego e ou na sociedade.

Quanto ao mundo de trabalho releva que:

Para iniciantes, os empregos de classe média estão sendo *puxados* para cima com maior rapidez - eles exigem maiores conhecimentos e uma melhor educação para ser desempenhados com sucesso. Para concorrer a esses empregos, é preciso mais em termos de conhecimentos convencionais – leitura, escrita e aritmética – e em termos dos “quatro Cs” – criatividade, colaboração, comunicação e codificação (FRIEDMAN, 2017, p. 250).

Enfatiza que a questão deve estar voltada à AI e não à IA sendo a AI a assistência inteligente, na qual a inteligência artificial (IA) seja um subsídio para que o sujeito tenha acesso a seu trabalho de forma inventiva e prática, direcionando sua ação de modo mais talentoso.

Os modelos vividos até então estão obsoletos, e não foi possível se apresentar um novo molde que ao menos amenizasse o medo, reduzindo a desorientação no qual o progresso seja a favor de desfechos felizes. Um novo modelo, que liberte o homem da sensação de crise que o impede de planejar um futuro feliz, pode surgir sobre os escombros do passado, requerendo análise, fantasia e concretude, isto é, uma criatividade coletiva. No entanto, como bem adverte o autor, “[...] ainda estamos no meio da travessia, pois o antigo custa a morrer e o novo demora a nascer” (DE MASI, 2014, p. 29).

Desse modo, para Harari (2016), neste século, parece que os sentimentos nada mais valem, eles estão sendo tratados pelos sistemas computacionais, nos quais o *Facebook* sabe quais são as sensações das pessoas e estas se banalizam por meios externos, não sabendo mais o que sentem. Em decorrência disso, a dualidade pode estar centrada na tomada de decisão em que a visão da vida pode estar sendo distorcida. O autor acima sugere ‘que podemos estar deixando alguma coisa passar’, e talvez isso esteja relacionado à busca de respostas quanto ao que vai acontecer com o humano, no que tange a responder sobre suas necessidades, no que se refere à saúde, à felicidade e ao poder.

Todavia, quanto ao futuro, nada se pode afirmar a não ser que a ampliação dos horizontes pode nos dar respostas difusas, tirando a atenção daquilo que realmente nos alicerça para a tomada de decisões, em nome de promessas de controle e facilidades antes questionadas.

Diamandis e Kotler (2012) afirmam que a abundância não pode ser entendida como a possibilidade de se proporcionar uma vida de luxo, mas está vinculada a propositar a todos uma vida de probabilidades, em que na totalidade se tenham alternativas de viver a vida com suas necessidades básicas satisfeitas; “[...]”

abundância significa criar um mundo de possibilidades: um mundo onde os dias de todos sejam gastos com sonhos e realizações, não em luta pela sobrevivência” (p.27).

Atualmente, diferente da época da censura na qual éramos limitados em todos os sentidos, somos inundados por informações, que por vezes nada têm contribuído para o debate de questões relevantes. Assim sendo Harari (2016) alega que, torna-se imperativo pensar que o poder está centrado em saber o que ignorar e na busca da realização das potencialidades e possibilidades disponíveis.

Nesse sentido, o desenvolvimento profissional, mostra-se uma dessas possibilidades, pois ao entrar em contato com as infinitas potencialidades que estão presentes; o docente, assim como todos envolvidos no contexto educacional passam a ser mais um ‘instrumento’ de comunicação daquilo que pode ser um propositor de práticas, de valores e conhecimentos, incrementando, assim, sua ação profissional, e por conseguinte, a promoção de seu potencial humanizado, buscando alicerçar a equivalência entre as possibilidades e ao prazer, proporcionando com isso, a felicidade e realização tão desejada.

2.5 DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR E AS VARIÁVEIS CONTEMPORÂNEAS

Ao considerar o professor um ser social, torna-se impreterível debruçar o olhar ao sujeito que proporciona uma formação profissional, levando em conta, como destacam Valle; Humdan e Daros (2014), seu organismo (necessidades neurofisiológicas), o psiquismo e ou personalidade (motivação), o social (atores em integração) e o cultural (ação da prática de valores, conhecimentos e ideologias), de forma a assegurar o processo de interiorização o qual estrutura o sujeito envolvido tanto no trabalho como em sua vida cotidiana. Sob essa concepção, não cabem mais processos fechados, com procedimentos que não atendam este sujeito que está envolto às violências simbólicas (violência psicológica), em um ciclo interminável de influências advindas da sociedade contemporânea e suas infinitas necessidades.

Llosa (2013) reforça que o problema cultural maior atualmente, muitas vezes, está associado às especializações as quais restringem a visão de quem atua, sem capacitá-los a enxergar além de o campo restrito que fundamenta sua ação e profissão. Para o autor, essa especialização cega o sujeito e o faz incapaz de olhar o

âmbito existencial de quem o circunda. Dessa forma, De Masi (2014) corrobora, afirmando que cabe ao 'cientista' se portar como se fosse o 'capitão do navio', estando na proa, percorrendo os mares e vislumbrando novos percursos sem perder de vista a tão necessária visão crítica quanto aos novos modelos, sendo capaz de vivenciar de forma livre, mesmo tendo que enfrentar as sensações de medo e ou crise que estão nesse percurso.

Facultar o nascimento de uma humanidade requer, segundo Morin (2012), um despertar provocado por um sobressalto no qual o '*homo*' emerge como um ser que é a soma de um indivíduo, fazendo parte de uma espécie, que vive em uma sociedade e que está inserido em uma humanidade, logo, deve e pode existir, fazendo suas escolhas e responsabilizando-se por elas.

A isso, Bazzo, Pereira e Bazzo (2016, p. 155) enfatizam que “[...] esquecemo-nos de imbricar a Filosofia à técnica, a solidariedade às necessidades humanas, o amor à construção da vida para uma sociedade mais igualitária”. Para tal, cabe ao educador propor a esse homem a possibilidade de amar a todos, pois sem amor não se pode transcender as amarras impostas muitas vezes, e entende-se que apenas pelo exercício das virtudes sociais é que a humanidade será capaz de evoluir, sendo habilitada para criticar a si e a tudo que o cerca (educação – sociedade - formação). Somente pelo movimento de crítica e autocrítica é que o processo de mudança pode ocorrer, no qual os erros e os acertos são considerados, regados de sentimento de solidariedade e valorização.

Harari (2015, p. 428) questiona: “Existe algo mais perigoso do que deuses insatisfeitos e irresponsáveis que não sabem o que querem?”, e a isso assegura que o homem pós-moderno está a um passo de se tornar 'deus' por conta da desenfreada busca pela juventude eterna e, todavia, por estar cada vez mais capaz de destruir seu entorno, inclusive a si próprio. Mesmo acreditando ser poderoso, continua insatisfeito e longe de seus valores primordiais, de sua essência humana e, por conseguinte, de sua própria satisfação. Logo, se esse homem com identidade profissional docente pode estar nesse caminho, de que forma se prepara para enfrentar outras mentes? Como é capaz de produzir sem estar atrelado à reprodução? De que modo deixa de banalizar o que o rodeia? Como analisa e utiliza o progresso a seu favor?

Diante dessa possível realidade, temos uma educação acontecendo diariamente, com seres que clamam por um exercício mais tênue, em que as demandas deixem de massacrar suas vidas intermitentemente. Talvez a resposta

esteja pautada na visão do próprio autor da ação, no caso o professor (docente), que, sem tirar o véu, não será capaz de enxergar a tão vasta possibilidade de refletir sobre seu fazer, sua história, assim como a historicidade de sua profissão, formação e sociedade.

Muitos ainda olham sua atuação, como se não tivesse consequências e muito menos repercutisse socialmente, não levando em conta as multidimensões da própria atuação, a qual interfere diretamente nos caminhos de quem atravessa, e que a mesma necessita de um olhar que garanta melhores condições de vida e de trabalho, assim como de uma coesão de ação que alicerce seu fazer, minimizando o estresse e ansiedade, para aumentar a satisfação e a valorização.

Veiga; Araujo e Kapuziniak (2005), todavia, alertam que os professores universitários, por vezes, têm interesse pela profissionalização docente, mas enfrentam uma falta de reflexão acerca do projeto ético-profissional, bem como quanto às funções específicas da docência, a qual, por vezes, estão sendo exercidas por leigos ou profissionais de áreas distintas que não possuem uma formação adequada para esse fim.

Ademais, o autor supradito reitera que se torna primordial diferenciar a profissão, do profissionalismo e da profissionalização, pois esta última demanda uma formação contínua que seja capaz de desenvolver as características e capacidades específicas da profissão, assim como de:

- a) ser entendida no bojo de uma profissão mais social, complexa e multidimensional;
- b) que envolve alternativas que assegurem melhores condições de trabalho, garantindo a dignidade;
- c) fundamentada nos valores da cooperação entre os indivíduos e do progresso social;
- d) não se resumindo apenas na formação profissional, mas envolvendo alternativas que garantam melhores condições de trabalho;
- e) sendo um processo complexo de mudanças que envolve ações políticas de resistência e contestação, e;
- f) não podendo perder a condição de profissionalismo novo.

Portanto, esse profissional poderia ser alguém com certa autonomia, repleto de habilidades pessoais para tomar suas decisões administrando as pressões externas e da colegialidade, mantendo forte coesão com sua ética e identidade

profissional, independentemente de sua formação inicial, afinal as funções tanto as de saúde quanto as outras devem ser regadas de ética.

A isso Bazzo (2019, p. 194) sustenta que:

Quando discorremos sobre a responsabilidade da escola – e por extensão dos cursos para a formação continuada de professores – alguns de meus pares retiram ou relativizam sua responsabilidade. No entanto, ela ainda continua sendo a possibilidade mais latente para uma reversão no ponto de inflexão civilizatório.

Diante disso, a questão reside no compartilhar e na capacidade de dar sentido e inspirar a educação. Sendo dessa forma, é valoroso criar situações educativas, incorporando uma reflexão histórica de infinitas possibilidades, de modo a alcançar novos caminhos para tratar da intenção de educar. Ao longo do século XX, muitas concepções pedagógicas e psicológicas, assim como sociológicas, foram se misturando com as ideologias da salvação, alimentando de certa forma a ilusão de que a escola seria um lugar de redenção pessoal e regeneração social, demitindo a família e a comunidade de sua função educativa e cultura, transferindo essa missão às escolas (NÓVOA, 2002).

Indiscutivelmente, a escola, como espaço de conhecimento, não pode ser ignorada, afinal, na contemporaneidade a forma clássica reduz a educação e podemos correr o risco de desvalorização desse conhecimento em que a pedagogia está dissociada dos conteúdos do ensino. A questão deveria estar voltada em admitir novas formas em relação ao saber, compreendendo o impacto das tecnologias da informação e da comunicação que transformam o conhecer e o aprender (conteúdos tecnocientíficos).

A isso, Montero (2005) reforça que ao professor cabe uma postura que leve à reflexão extensa de sua atuação no campo do conhecimento, no qual esse espaço nada mais seria do que um objeto de ensino e de investigação, de modo que, fosse possível estabelecer uma relação entre a teoria e a prática, sem deixar de levar em conta a constante necessidade em se olhar para os valores humanos prementes de serem desenvolvidos, principalmente, nesse processo civilizatório atual.

Entende-se que o compromisso do desenvolvimento científico da formação profissional é com a prática e, nesse sentido, tal capacitação não pode ser um “[...] testemunho mudo dos acontecimentos que ocorrem na sua realidade” (MONTERO, 2005, p. 17), mas poderia ocorrer na participação ativa de todos os envolvidos, com

vistas a favorecer a atuação profissional sendo essa adequada aos valores e necessidades humanas em que as variáveis contemporâneas (soma das tecnologias, associadas à tecnociência e aos valores humanos) fossem levadas em conta e mais do que isso passasse a ser pauta de discussão e análise em todo esse contexto.

No entanto, o interesse no estudo dessa área é recente, remonta há década de 1980 do século XX, segundo Montero (2005), e três fenômenos globais favorecem para o incremento da investigação sobre os problemas práticos dessa área, a saber:

- a) o aumento da exigência social de formação e desenvolvimento profissional dos professores;
- b) a reivindicação da elevação do ensino ao estatuto de uma profissão mais considerada e melhor recompensada, com direito à formação contínua, e;
- c) o processo de evolução das instituições de formação docente e seus formadores, para um maior compromisso com a investigação.

Nessa óptica, a autora citada anteriormente se contrapõe à visão positivista como uma única maneira de pesquisa científica, com a necessidade de ser cientificamente correta, assumindo a busca de compreender a construção do conhecimento profissional docente como formas compartilhadas e plurais.

A isso, evidencia:

[...] ver o ensino, os professores, a sua formação e desenvolvimento profissional, a sua maneira de trabalhar e investigar neste campo, entendendo o conhecimento científico como uma comunidade de discurso, assumida por uma comunidade profissional como resposta a desafios e compromissos sociais e culturais, a partir de um compromisso permanente com a relação entre a teoria e a prática (MONTERO, 2005, p. 15-16).

Sobre essa concepção, a busca está em dar respostas a certas inquietações intelectuais e profissionais, por exemplo: De onde viemos? Onde estamos? Para onde vamos? Na atualidade, o papel do professor é extremamente amplo e complexo, visto que a cultura é de mudança, instabilidade, incertezas e flexibilidade, no entanto, paradoxalmente, diante desse contexto, o docente por vezes pode continuar a fazer o mesmo que nos anos anteriores, fato este que reforça a importância da discussão sobre sua ação como um processo ininterrupto e diferenciado para o desenvolvimento profissional.

Bazzo (2019, p. 195) assevera que:

A qualidade do trabalho com as variáveis da nova equação civilizatória, sem dúvida, depende dos valores, da ideologia, da epistemologia, das prioridades estabelecidas pelo conjunto de pessoas envolvidas, notadamente do quão são capazes de exercer o direito ao delírio.

Nesse sentido, levando em conta tais afirmações quanto ao papel e qualidade do trabalho docente, Monteiro (2005, p.137) cita Goble (1980) ao afirmar que:

[...] a responsabilidade do professor vai muito mais além da mera transmissão de conhecimentos [...] centra-se, sobretudo, em ensinar a descobrir esses novos conhecimentos, a comprová-los, assimilá-los e usá-los como base para outras experiências de aprendizagem, para formar e modificar as suas ideias e os seus objetivos, e para tomar decisões racionais [...] um catalizador que promove encontro entre as capacidades humanas e o caudal crescente de conhecimentos.

Essa prerrogativa remete-nos a Bourdieu (2000, p. 21), quando evidencia que “[...] cada descoberta da ciência desencadeia um imenso trabalho de ‘crítica’ retrógrada que traz para si toda a ordem social dos créditos, das posições, das honras, portanto, a crença é que visa a recobrir o que fora descoberto”. Nesse debate, defende-se a volta da profissionalização docente e do modo de profissionalidade adequado para responder às características da sociedade pós-moderna, que articula a formação como uma ação pedagógica organizativa, por meio da qual seja permitido aos professores compartilharem seus conhecimentos práticos e experiências (pessoais, de ofício, situado, perspectivas, entre outros), transformando-os em saberes comunicacionais.

Com efeito, o perfil do professor pós-moderno nos remete a:

[...] um profissional provido de instrumentos teóricos, técnicos e práticos que lhe permitem desempenhar uma prática reflexiva, capaz de dar resposta à diversidade de exigências com as quais se confronta a escola de hoje e de amanhã. [...] que exige o desenvolvimento de conhecimentos, capacidades e atitudes a vários níveis, que exigem sobretudo, uma grande capacidade reflexiva, investigadora, criativa e participativa para se adaptar e intervir nos processos de mudança (MONTERO, 2005, p. 138).

Ou seja, ao docente pós-moderno será impelido a desenvolver uma capacidade de justificar, argumentar e validar o que ensina. Nesse sentido, entende-se que ao docente cabe contribuir para a sua contínua profissionalização de modo que possa desenvolver suas capacidades para enfrentarem as situações complexas, incertas, singulares e conflitivas que fazem parte de sua prática profissional,

enfrentando as pressões e desafios a eles atribuídos por estarem envoltos à Era da Revolução Digital (Civilização e Educação Contemporânea), na qual as exigências ultrapassam o simples pensar de conceitos, mas a adequação a esta Nova Era, isto é, ao novo processo civilizatório no qual vivemos.

Segundo Valle (2014), ao se referir a Durkheim, endossa que o essencial é apostar na coerção social para o equilíbrio e manutenção da sociedade moderna e a isso defende a necessidade em aprofundar os estudos no que tange aos fenômenos sociais de modo a levar a atuação pedagógica para uma participação, pondo em prática teorias e métodos pedagógicos, entre os quais a psicologia tem sua função a de descrever e explicar o homem individual. A incumbência seria de homogeneizar para eliminar injustiças e distinguir profissionalmente cada indivíduo.

Para tal, o desenvolvimento profissional não pode ser reduzido a um restrito período formativo, mas sim permanente, bem como não se pode esperar que ele responda a todas as exigências impostas à profissionalização vez que essa não depende exclusivamente da formação do professorado, mas é uma condição necessária.

Montero (2005, p. 141) cita Esteves (1990) o qual adverte que:

[...] se aumentarmos a qualidade na formação dos professores, mas mantivermos invariáveis os condicionantes individuais e sociais existentes no contexto em que hão de exercer a docência, não vamos conseguir um sistema educativo de maior qualidade, mas um mais alto nível de desilusão dos docentes.

Diante ao exposto, conclui-se que a capacitação deve alcançar uma invariabilidade das condições contextuais, bem como é necessário manter uma atenção aos condicionamentos pessoais e sociais existentes nos contextos em que os docentes executam a sua atividade profissional. Modificar essa postura condicionante é de suma importância, pois só por meio da tomada de consciência do fazer diário é que o professor será capaz de buscar as mudanças necessárias e possíveis para sua realidade que necessita ocorrer no coletivo.

Com vistas a essa nova realidade, “se olharmos para a educação contemporânea podemos nos deparar com esta realidade, repleta de fazeres sem propósito desconectados da verdadeira razão do existir” (BONFIGLIO; BAZZO, 2020, p. 87).

A isso, Molina (2018) sustenta que nossa capacidade de reflexão crítica depende dessa situação na qual a mente assegura que sejamos capazes de associar acontecimentos, tendo energia suficiente para comparar e decidir como processar as informações atuais de modo a considerar e otimizar as concepções mais viáveis. Essas características dão uma ideia de si mesmo como uma entidade que regula a mente, sendo consequência de uma consciência individual.

Nesse sentido, a analogia reflexiva consiste em aprender a conhecer os seres técnicos mantendo um elo de relação social e de qualidade, assim como, de reciprocidade para conduzir a sinergia entre os elementos de um mesmo sistema. Todavia, cabe certificar que tal sinergia consiste na possibilidade de interligar o homem e a máquina, superando as possibilidades que, de forma isolada, não seria possível.

Nóvoa (2002) reitera que a escola de hoje ainda possui um discurso que se estende do individualismo ao coletivismo, marcado pela ideologia dominante dos anos 1960, na qual se defendia o coletivismo, e nos anos 1980, com o individualismo. Já, no Novo Milênio, a palavra de ordem é o comunitarismo, alicerçado justamente por sua imprecisão e plasticidade.

A nossa civilização está em crise. E o sinal mais evidente é, sem dúvida, o colapso da nossa educação. Pela primeira vez na história, o homem revela ser incapaz de educar os seus filhos. As nossas prodigiosas descobertas em psicologia, as nossas iniciativas pedagógicas, tantas vezes interessantes e generosas, não facilitam esse diagnóstico; tornam-no ainda mais escandaloso. [...] é possível que essa desordem seja, na verdade, transição para uma ordem superior. É possível, mas nada nos diz que assim será. Só nos resta uma alternativa: analisar lucidamente o que se passa (*ibidem*, p. 11).

Mesmo sendo uma situação antiga, o referido autor ilustra a recorrência no que diz respeito ao discurso de crise que atravessa o pensamento da escola no final do século XIX, e revela que a hipótese de transição para uma ordem superior é possível, apesar de ser premente a análise quanto à descentralização, autonomia e envolvimento da família, assim como de uma avaliação da eficiência e responsabilidade, além da disciplina, da autoridade e da exigência.

Nesse contexto, os saberes tecnocientíficos, assim como as variáveis contemporâneas, estão postas, no entanto, se estas não forem discutidas e revisitadas, de nada servirão como aporte para o processo de evolução ou crescimento educacional e social, assim como de nada servirá para o alcance tão

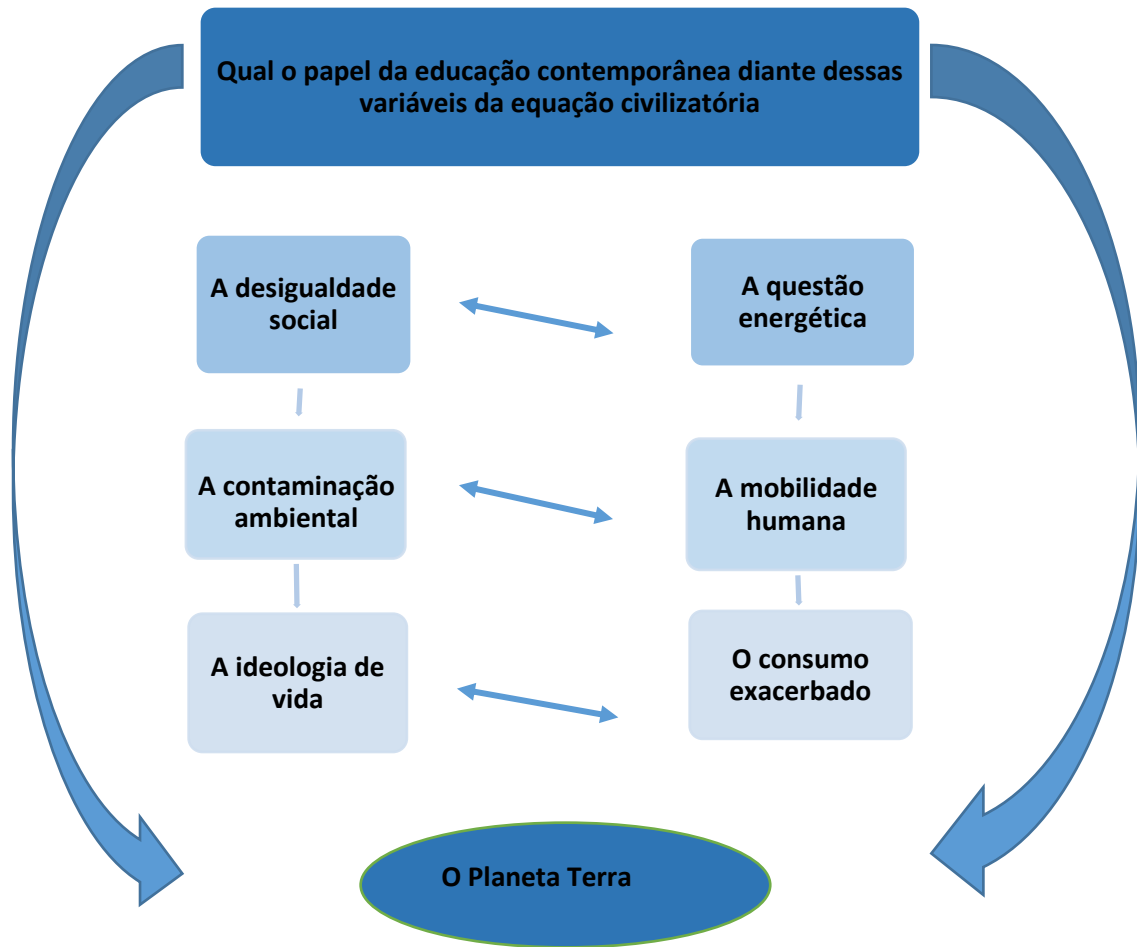
necessário de se olhar para essa equação civilizatória de forma a propositar o intento de desenvolver seres mais humanos na nova era da Sociedade e Educação Contemporânea.

Vale sobretudo levar em conta, que essas variáveis estão diretamente relacionadas à educação e essas fazem parte de uma complexa equação civilizatória como nos alerta Bazzo (2019, p. 200), o qual reitera que se trabalharmos nessa perspectiva, estaremos no caminho de uma educação mais “[...] crítica, menos obediente e menos conservadora [...]”.

A Figura 1 demonstra de forma clara o fluxo dessas variáveis e o quanto à educação está imersa nesse contexto, já que a sociedade atual necessita urgentemente levar em conta:

- a) a desigualdade social;
- b) a questão energética;
- c) a contaminação ambiental;
- d) a mobilidade humana;
- e) a ideologia de vida; e
- f) o consumo exacerbado, analisando as influências que estas têm com, e para o planeta Terra.

Figura 1 - Algumas variáveis contemporâneas



Fonte: Adaptado pela autora, Bazzo (2019)

A esse sentido, tal formação e atuação profissional necessitaria estar alicerçada na experiência profissional versus experiência pessoal, na produção dos saberes, criando redes de autoafirmação participativa, em busca da compreensão global do sujeito de forma interativa e dinâmica, assim como na produção de saberes reflexivos e pertinentes, centrados na sua experiência e identidade, indo ao encontro das questões acima citadas de modo a preservar tanto os sujeitos quanto o planeta.

As variáveis contemporâneas postas na sociedade e educação atual, nesse sentido, nos colocam em um lugar do qual não se pode escapar, e nem deveríamos, pois sem esse movimento de análise conjunta continuamos sendo os sujeitos (docentes) que repetem o que foi dito e determinado há muito tempo.

2.6 CIVILIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA – AS VARIÁVEIS IMPLÍCITAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO

A civilização contemporânea vem passando por diversas transformações em todos os âmbitos, tanto sociais quanto econômicos, políticos e pessoais, em função desta ter que administrar os desafios que são próprios desse contexto acelerado no qual estamos vivendo. O aceleração está se apresentando, de certa forma, irremediável, pois o alavancar da tecnologia, assim como de outros fatores tem nos colocado nesse ímpeto, o de 'dar conta' cada vez mais, assim como o de fazer parte, estar contido e incluído nesta sucessão de eventos.

Esse movimento, em contrapartida, nos conduz a um lugar onde não se tem tempo para refletir, analisar e perceber tanto a si mesmo quanto a nossa humanidade, para Ser Humano. A Era da Revolução 4.0, tem nos posicionado a olhar o mundo da mesma forma que olhamos os *feeds* de notícias, em um movimento de rolagem de tela, sem ao menos, por vezes, ser possível nos ater ao que se passa diante de nossos olhos. Da mesma forma, tem-se repetido o mesmo movimento na educação, pois ela é composta pelos mesmos Seres que habitam a sociedade aligeirada.

Quando me refiro ao SER, estou tratando do sujeito que, em sua humanidade, leva em conta a Si Mesmo e ao Outro, como alguém que, apesar de ter suas necessidades individuais, considera que o Outro também as tenha. Sendo dessa forma, quando se olha a educação por esse prisma, seria irrevogável, sobremaneira, levar em conta que, assim como posso estar doente por ter que 'dar conta', o Outro também pode estar e, se sinto angústias e pesos alucinantes pela sensação de impotência e incapacidade, o Outro também pode sentir.

Tendo em vista tal realidade, o fazer pedagógico está atrelado a tudo que perpassa a sociedade; e, portanto, merece um olhar atento e amoroso. Para tal olhar reflexivo, me volto a Schwab (2016), o qual enfatiza em sua obra 'A quarta Revolução Industrial', que estamos em um momento no qual temos variadas possibilidades que nos geram benefícios, mas eles estão repletos de desafios, principalmente no que tange à desigualdade exacerbada, fruto das vantagens e valores concentrados em uma pequena parcela da sociedade e, por conseguinte, na educação.

Em função disso, segundo o autor, seria primoroso que fôssemos capazes de estabelecer um conjunto de valores comuns a todos, afinal, estes serviriam como um norte para a população realizar suas escolhas, independentemente dos âmbitos e,

assim, passariam a ser uma oportunidade a todos, e não somente algo individual e sazonal.

Todavia, Dupas (2006), afirmava que o crescente medo e sensação de impotência estava relacionado à ascensão do progresso, assim como na concentração de renda, e ao subdesenvolvimento que, diante dos riscos e da vaidade que orienta a vida e a precariedade das conquistas, só serviriam para aumentar ainda mais esta instabilidade geral. Sobre isso, destaca que “O Progresso como um discurso dominante das elites globais parece ter perdido o seu rumo” (*ibidem*, p.12), em que os países mais desenvolvidos produzem armas com grande poder de destruição, desenvolvendo uma cultura de extrema violência, assim como perigos nucleares, e os riscos da microbiologia e da genética agravam o dilema ético e moral. A isso se pergunta: Como equilibrar os benefícios potenciais da genética, da robótica e da nanotecnologia, sem desencadear um desastre absoluto que comprometa irremediavelmente as espécies?

Para melhor compreensão, avulta que as ações humanas estão extinguindo a vida animal e vegetal da terra, provocando o aquecimento global, assim como a emanção de gases e o efeito estufa. Nesse sentido, Dupas (2006) pergunta-se: Quantos pecados a humanidade terá que cometer até chegar à sabedoria? As ideias, assim como os símbolos do progresso na era moderna, emergiram das descobertas da ciência que passaram a marcar uma mudança cultural, apesar de haver grandes oposições, dando uma conotação clara de que: o que é mais recente é mais verdadeiro ou melhor. Nesse sentido, questiono: O que mudou desde este tempo? O que estamos fazendo para modificar tal realidade?

Nesse mesmo enfoque, Harari (2016) acentua que a luta contra as calamidades parece estar ganha, mas também alerta para os perigos inerentes quanto à natureza humana, já que o próprio ser humano se tornou uma ameaça sem precedentes, por causa de uma ideologia a serviço dela. Segundo o autor a boa notícia é que as guerras estão desaparecendo, as relações internacionais estão se estabelecendo com intuito de manter a paz, não mais de forma temporária, mas como algo inconcebível, mesmo em terras poderosas, buscando meios alternativos para resolver conflitos, tendo como foco não mais as armas nucleares, mas sobretudo o conhecimento.

Vê-se nesse sentido que:

Desde que o conhecimento se tornou o mais importante recurso econômico, a rentabilidade da guerra declinou e as guerras tornaram-se cada vez mais restritas àquelas regiões do mundo – como o Oriente Médio e a África Central – nas quais as economias ainda são antiquadas, baseadas em recursos naturais (HARARI, 2016, p. 25).

Sobremaneira Dupas (2016) destaca que no século XX, com o salto da tecnologia e do conhecimento, a pergunta central está relacionada a se somos mais sensatos e mais felizes com esse tipo de desenvolvimento, ou se podemos atribuir a nossa infelicidade a como utilizamos os conhecimentos que possuímos.

Nesse mesmo contexto, Diamandis e Kothler (2012) afirmam que esta nova realidade que estamos vivendo, mostra-nos um mundo de abundância de informação e comunicação, na qual existem três forças que são criadas em relação ao poder da tecnologia no que se refere à sociedade, sendo essas:

a) faça você mesmo: vinculadas aos inventores de fundo de quintal, os quais realizam atividades que antes eram exclusividade das corporações e dos governos;

b) o dinheiro: em que a alternância é usada de modo a solucionar desafios globais, dependendo dos tecnofilantropos, e;

c) os mais pobres dentre os povos: sendo a combinação de diversos caminhos e limites financeiros em que a tecnologia de comunicação sem fio transforma a força do mercado, apesar de sabermos atualmente que esse acesso não cobre toda população do mundo, continua privilegiando uma pequena parcela da humanidade.

Sobre isso, Kelly (2012) reconhece que o humano parece estar envolvido por infinitos apelos e demandas os quais não têm condições de evitar e, quem sabe, nem deveria. A questão está muito mais relacionada ao quanto estamos sendo influenciados pela tecnologia, e se isso nos parece bom ou ruim. Indiscutivelmente estamos imersos, mesmo antes do nascimento, por infinitos estímulos, crenças e predições, mas a questão deve ser analisada com relação ao que faremos com isso, e se essa ‘maré’ de estímulos nos levará a algum lugar melhor daquele que se apresenta até então.

De Masi (2019, p 15-16) evidencia que:

[...] vivemos em um planeta no qual a mídia dá a todos, tanto os filósofos como analfabetos, a mesma sensação: a de viver em um mundo globalizado que o homem faz mudar com tal rapidez que, depois não consegue compreendê-lo. [...] Contudo, ao não obter respostas às próprias perguntas, se desorienta. Quando não atendida, a necessidade de saber aumenta o desconforto.

Kelly (2012), em sua obra 'Para onde nos leva a tecnologia', traz à tona seu receio quanto à necessidade da tecnologia em nosso cotidiano, questionando se esses mecanismos, mesmo de forma branda, estão servindo para controlar a vida dos seres humanos e se estão interferindo na construção de sua identidade pessoal-social (individuação).

Nesse mesmo viés, Schwab (2016) nos leva a analisar a Inteligência Artificial (IA), ao afirmar que ela está transformando nossas vidas, uma vez que é impulsionada pelo aumento exponencial da capacidade de processamento e pela disponibilidade de grande quantidade de dados, desde *softwares* usados para descobrir novos medicamentos, até algoritmos que preveem nossos interesses culturais e/ou de consumo por meio das redes sociais. Dialogar com computadores se tornará (tornou) a norma, exemplo disso, a Siri (*iphone*). Os dispositivos se tornarão parte de nosso ecossistema pessoal, sendo capazes de nos ouvir, antecipando nossas necessidades e nos auxiliando, quando for necessário, dando-nos a falsa sensação de auxílio quanto às necessidades.

Tomando por referência o acima exposto, Harari (2018) adverte que a revolução tecnológica poderá excluir bilhões de humanos do mercado de trabalho e, conseqüentemente, criar uma gigantesca classe 'sem utilidade', o que acarretaria convulsões sociais e políticas com as quais nenhuma ideologia existente está preparada para lidar, fruto do aprendizado da máquina e da robótica.

Se nas Revoluções Industriais anteriores constatou-se que, para cada emprego perdido para uma máquina, pelo menos um novo emprego foi criado, e o padrão de vida médio cresceu consideravelmente, nessa nova Revolução o aprendizado das máquinas pode gerar resultados diferentes.

Como consequência disso, poderemos testemunhar o "[...] surgimento de uma classe de 'inúteis'" (HARARI, 2018, p. 53), demandando da população o desenvolvimento de novas habilidades. O mesmo autor, em seu artigo "O significado da vida em um mundo sem trabalho" (2017), relata que o problema crucial não é criar empregos, mas criar trabalhos nos quais os humanos executem tarefas melhor que os algoritmos. Conseqüentemente, em 2050, uma nova natureza de pessoas pode emergir - a classe dos inábeis. Pessoas que não estão apenas desempregadas, mas continuarão desempregadas por não estarem preparadas e adequadas às demandas do mercado *técnico*.

A mesma tecnologia que torna os humanos dispensáveis, também pode tornar possível alimentar e apoiar as massas desempregadas por meio de algum esquema de renda básica universal. O problema real será então manter as massas ocupadas e satisfeitas (felizes). Nesse sentido, as pessoas devem se engajar em atividades intencionais ou enlouquecerão. Então, o que a classe inábil fará o dia todo?

Uma resposta pode estar relacionada a jogos e interações por meio das redes sociais. Pessoas economicamente redundantes podem gastar cada vez mais tempo em mundos de realidade virtual, em 3D, o que lhes proporcionaria muito mais entusiasmo e envolvimento emocional do que o “mundo real”, mantendo-se do lado de fora. Isso, na verdade, é uma solução muito antiga, pois bilhões de pessoas encontraram significado em jogos de realidade virtual (HARARI, 2017).

Sob outra perspectiva, Souza (2018) aponta o desafio de reconstruir a dinâmica lógica do desenvolvimento da sociedade brasileira, apoiando suas ideias em Pierre Bourdieu e Charles Taylor, o qual utiliza a noção de capital, em que o capital cultural pode ser definido como ‘conhecimento útil’, extremamente importante para reprodução do capitalismo e do capital econômico, que tem como fator de produção a inovação tecnológica. Já, em Bourdieu, busca, na ‘teoria dos capitais e *habitus*’, a compreensão deste como um elemento estruturante para a hierarquia social moderna, o qual permite a compreensão da luta diária dos indivíduos e grupos sociais pelos interesses materiais e ideias, que estão em jogo na vida social.

Para Souza (2018, p. 33-34) torna-se imperioso o esclarecimento no que tange à:

[...] articulação entre os capitais impessoais, econômicos e culturais é o ponto de partida para a compreensão da dinâmica social moderna como um todo - e muito especialmente da hierarquia social que decide sobre quem é superior e quem é inferior neste tipo de sociedade - então é justo afirmar que sociedades como México, Brasil ou África do Sul são sociedades do mesmo tipo que Estados Unidos, França e Alemanha [...] é o acesso ao capital cultural, sob a forma de Capital escolar e herança familiar, que garante a formação da moderna classe média brasileira como uma classe do trabalho intelectual, por oposição, por exemplo, ao trabalho manual das classes sem acesso significativo ao mesmo tipo de capital. É a mesma diferença que garante a separação - e o acesso a todos os privilégios materiais e ideias envolvidos nessa disputa - entre a classe média alemã e a classe trabalhadora alemã ou composta por imigrantes.

Dessa forma, sustenta que é imperativo discutir aspectos em relação à distinção social a qual é naturalizada e legitimada pela sociedade em que a violência simbólica encobre, distorce e permite a legitimação e dominação social no capitalismo,

mesmo em sociedades avançadas, afinal a naturalização da desigualdade ocorre por meio da sutil violência da ideologia, da meritocracia, a qual apresenta o desempenho diferenciado dos indivíduos como diferença de talentos inatos.

Assim sendo, entende que as utopias não nos oferecem respostas prontas, muito menos soluções, “[...] mas elas, de fato, fazem as perguntas certas” (BREGMAN, 2018, p. 19). Ao considerar isso, é que se percebe que as ideias radicais sobre a possibilidade de construirmos um mundo ainda melhor e diferente se tornam impensáveis, fazendo-nos entender que sem utopias tudo o que resta é a tecnocracia.

Analisando sobre esse aspecto cabe a reflexão que:

Vemos isso na área acadêmica, onde todos estão ocupados demais escrevendo para poder ler, ocupados demais publicando para debater. Na verdade, a universidade do século XXI lembra mais uma fábrica e isso também acontece com nossos hospitais, escolas e redes de televisão. O que importa é alcançar metas. Seja no crescimento da economia, da audiência, das publicações – pouco a pouco a qualidade está sendo substituída pela quantidade (*ibidem*, p. 20).

Parafraseando o mesmo autor, conseqüentemente, essa mesma geração cresce em meio a um mundo frio e cruel, marcado por competição excessiva e desemprego, e cada vez mais sofre com as decepções e fracassos. Não por acaso, há pesquisas que revelam que, até 2030, a depressão será a causa principal das doenças no mundo inteiro. Nessa seara, enquanto a geração atual se diz ‘especial’, esquece de perceber que crescentemente estamos ficando mais parecidos uns com os outros.

Nesse aspecto, evidencia-se Twenge (2018), que nos chama atenção quanto aos sujeitos que podem e devem ser analisados sob a perspectiva de sua fase de desenvolvimento na qual a época de seu nascimento influencia fortemente quem são, assim como, de certa forma, baliza-nos para ir ao encontro de uma compreensão quanto ao modo que agem e reagem no mundo.

Para isso, define os *baby boomers* como os nascidos entre 1965 e 1980, período no qual os elementos materiais e sociais influenciam diretamente os comportamentos advindos das ciências sociais, como a sociologia, filosofia, antropologia, indo ao encontro da economia e psicologia, estando ligados diretamente aos elementos materiais e simbólicos que constituem as esferas práticas e as expectativas dos jovens.

Nessa prospectiva, Twenge (2018) cria a nomenclatura *iGen* para os nascidos a partir de 1995, reconhecendo que estes acessam mais de 80 vezes seus *smarphones* por dia, sendo a geração *i* (internet), independentemente da classe social. O individualismo, a insegurança e o desconforto social são a marca que norteia seus comportamentos, sendo de inabalável igualdade, assim como rejeitam regras sociais tradicionais. Consoante a isso, distinguem-se quanto à forma como se comportam, assim como no que tange aos seus posicionamentos, no que se refere à religião, sexualidade e política.

Os nascidos a partir dessa década de 1995 sentem-se rejeitados e querem coisas diferentes para sua vida. Possuem obsessão por segurança e temem pelo setor econômico, por não tolerarem a desigualdade, baseada no sexo, etnia e orientação sexual, assim como sentem grande receio em enfrentar o mercado de trabalho, pois os desafios passam a ser aversivos.

Da mesma forma, estão em primeiro plano no que se refere à pior crise de saúde mental, com taxas de depressão e suicídio que estão disparando desde 2011. O crescimento da geração está mais lento. Hoje, os jovens com 15 anos, comparados aos da fase anterior, possuem comportamentos iguais aos de 13 anos. Obstante a isso a “[...] adolescência é mais uma extensão da infância do que o início da vida adulta” (TWENGE, 2018, p. 60).

Dentro desse contexto, Bregman (2018) afirma que somos modelados pela mídia e pelas propagandas, pelo estado paternalista e, dessa forma, consumimos os mesmos livros, filmes e possuímos as mesmas mercadorias. Nesse mesmo enfoque é que o progresso se transformou em sinônimo de prosperidade, no entanto, o século XXI nos desafia a encontrar outras formas de melhorar a qualidade de vida, afinal, “o verdadeiro progresso começa com algo que nenhuma economia do conhecimento pode produzir: sabedoria sobre o que significa viver bem” (p. 24).

Twenge (2018, p. 181) destaca Schlosser, o qual “[...] comenta que agora o foco é no estado emocional dos estudantes, não em seu desenvolvimento intelectual, sacrificando discussões desafiadoras devido à possibilidade de alguns estudantes se sentirem perturbados”. Para este, um sofrimento mental é instaurado quando as palavras se tornam danosas, ademais os estudantes desejam banir qualquer desafio preferindo voltar-se à vida de um mundo infantilizado e protegido, passando a ser um lugar seguro, por se configurar em um espaço de aprendizagem.

Com o objetivo de permanecerem em segurança, a geração *i* (internet) não convive com pessoas que discordam deles, de modo a protegerem as suas ideias. Nessa perspectiva, os espaços seguros são aqueles nos quais todos o admiram e o acham ótimo, porém, adverso a isso, essa geração, de certa forma, não está preparada para suportar a realidade - para lidar com opiniões polêmicas. A sensibilidade que se cria em relação a esse fator pode prejudicar a capacidade do tratamento da vida real e do mundo real, no qual as identidades e as crenças alheias não são toleráveis quando não estiverem em consonância com que se acredita.

Quanto a isso, Harari (2017) mostra-se mais otimista, quando admite que o fim do trabalho não significa necessariamente o fim do significado, porque ele é gerado imaginando, e não trabalhando. O trabalho é essencial para a significação apenas de acordo com algumas ideologias e estilos de vida. Escoceses e ingleses do século XVIII, judeus ultra ortodoxos atuais e crianças de todas as culturas e épocas encontraram muito interesse e sentido na vida, mesmo sem trabalhar.

As pessoas em 2050, provavelmente poderão se ocupar de jogos mais profundos e construir mundos virtuais mais complexos do que em qualquer outro momento da história. Segundo Ruiz (2021, p. 6), “toda tecnologia (e saber) se imbricam no modo de viver dos sujeitos de tal modo que quanto mais complexa é a tecnologia, maior impacto produz sobre aqueles que a utilizam”.

Todorov (2010), sem levar em conta gerações ou fases do desenvolvimento, fornece uma interpretação do mundo, um mapa que orienta esse mundo, apoiando-se em uma memória comum, a qual está ao mesmo tempo voltada ao passado e ao presente. Afirma que “[...] a própria natureza do ser humano inclui a existência de uma cultura” (p. 39).

Dentre isso, afirma que:

[...] somos animais completos ou inacabados que se completam e chegam ao seu pleno desenvolvimento por meio da Cultura. [...] entre o que nosso corpo nos diz e o que devemos saber para funcionar normalmente, existe um vácuo que deve ser preenchido por nós próprios e que preenchemos por intermédio da informação (ou desinformação) fornecida por nossa Cultura (TODOROV, 2010, p. 39).

Sendo dessa forma, qualquer um possui necessidade de normas, um conjunto de regras costumes e tradições transmitidas pelos mais velhos no qual o indivíduo não teria acesso à sua plena humanidade, reduzido à condição de anomia,

compreendendo que as crianças vivem abandonadas não mais nas florestas, mas nas ruas das grandes cidades, lutando contra as agressões que de certa forma a 'cultura' proporciona.

Torna-se fundamental evidenciar que:

Se tanto a produção social quanto a produção da dominação social são obtidas segundo os mesmos princípios, então a dinâmica da vida social entre as sociedades avançadas e periféricas é fundamentalmente semelhante. A produção artificial de uma diferença substantiva entre esses tipos de sociedade tem de ser explicada como um dos mecanismos da própria dominação social em ambas as sociedades, percebidas como de tipo substantivamente diferente (SOUZA, 2018, p. 36).

Indiscutivelmente, o autor sustenta que tanto Bourdieu como Taylor não perceberam o princípio da dignidade como de sensibilidade expressivista, no qual o papel da ideologia espontânea é invisível e se encontra no capitalismo moderno a fim de justificar e legitimar as desigualdades.

Staker e Horn (2015) avultam que na atualidade a realidade se mostra difusa e é por essa razão que a escola não se torna eficiente, afinal, não se ajustou à nova demanda. Todavia, Twenge (2018) garante que, no que tange à educação, as escolas tentam acompanhar o ritmo da tecnologia, mas as coisas mudam com tamanha rapidez que os estudantes cada vez mais não veem sentido em ir à escola, por falta de motivações intrínsecas e extrínsecas, por não verem relevância na educação escolar para suas vidas, assim como para a futura carreira. O interesse da geração *i* está voltado a obter empregos melhores, pois aprender é menos importante. De acordo com De Masi (2019, p. 31), quando obtemos um modelo de referência, torna-se importante “[...] um atalho intelectual, porque impõe determinados comportamentos e proíbe outros. Em certo sentido, também é uma camisa de força, assumida, no entanto, em virtude de uma síntese cultural que me beneficia”.

A educação disruptiva, elencada por Staker e Horn (2015), considera que os gestores devem fazer o movimento de 'entrar na cabeça' dos alunos, olhando a escola sob a perspectiva deles, afinal uma escola bem alinhada proposita alunos motivados e ávidos por aprender. Em decorrência a isso, torna-se importante compreender a perspectiva dos alunos e planejar um guia que os motive para estarem na escola.'

Demanda mais do que a implantação de tecnologias na sala de aula tradicional, envolve um modelo pedagógico no qual o planejamento se inicia pela reflexão da ação de acordo com as necessidades do aluno, de modo que estas possam ser integradas

na escola, proporcionando experiências positivas. “Um modelo me oferece a capacidade de lidar com uma realidade – portanto, de possuí-la, de me tranquilizar” afinal “[...] se sabemos aonde queremos ir, podemos considerar qualquer trajeto, indiferentemente, como positivo ou negativo, sem poder traçar com consciência uma rota salvadora” (DE MASI, 2019, p. 31-32).

Atualmente, devido às mudanças na sociedade, cada vez mais os alunos requerem professores – mentores, que os auxiliem a construir relacionamentos positivos, assim como os orientem para obter sucesso na vida (STAKER; HORN, 2015).

Tendo em vista isso, Dufaux (2009) afirma que o afeto é um dos principais potenciais didáticos da pedagogia do ‘Ser’, sendo esse um dos pilares do desenvolvimento humano saudável, isso porque ser afetivo é trabalhar com o sentir, sendo compreendido, portanto, o afeto é um degrau para o amor que nos leva ao desenvolvimento para o ‘Ser’, ou seja, educar-se e externar os valores e potencialidades. Em relação a esse contexto, para que se possa utilizar o afeto no processo de ensino-aprendizagem, é fundamental que se tenha uma sólida formação moral, a fim de se consagrar uma ética do ‘Ser’ em identidade com aquilo que de fato é ‘Ser’.

Aprender a amar, tanto o próximo quanto a si mesmo, é competência essencial para se fundamentar as escolas, já que a educação nada mais é do que transformar impulsos e desenvolver potencialidades, ou, em outras palavras, o ato educativo é um ato de amor nas relações que destinem ao crescimento para ‘Ser’.

Nesse sentido, entende-se que:

O processo de evitar o mal é adquirido com o domínio ocasionado pela disciplina dos sentidos e dos impulsos, enquanto a dinamização do bem exige da razão e do sentimento o desenvolvimento de condições interiores que edifiquem valores, treinem habilidades e façam surgir com maior plenitude as tendências inatas do bem que se encontram latentes e, quase sempre, “estáticas” na alma (DUFAUX, 2009, p. 26).

Com esse entendimento, compreende-se que educar é encontrar respostas para o enigma do existir, o qual somente será alcançado por meio do amor-próprio e aos outros em um movimento de análise constante daquilo que é seu ou não, assim como da capacidade de se olhar a comunidade como um todo, levando em conta as

infinitas variáveis implícitas na sociedade contemporânea e o quanto estas são propositoras e ou obstaculizadoras do desenvolvimento humano.

Levando em conta este humano, torna-se iminente considerar que esse sujeito depende paulatinamente desenvolver a capacidade de alcançar sua *awareness*⁸ a qual, “[...] pode ser caracterizada por um caminho de mudança. Um processo pelo qual ocorre a integração harmoniosa pessoa–mundo, de tal modo que a pessoa pode vir a descrever uma sensação de fim de linha, ou de chegada [...]” (ANGELI; SILVA; BONFIGLIO, 2018, p. 405). Pode ser considerada uma tomada de consciência global no momento presente, repleto de atenção e percepção do que ocorre em e além de si, isso é, no seu contexto pessoal e no social, experienciando emoções, sentimento e pensamentos, ressignificando o que está posto e, a partir disso, sendo capaz de ser e de agir de acordo com suas crenças e valores primordiais.

Devido a isso, a Era da Revolução Digital e, por conseguinte, a Educação contemporânea “[...] gerará benefícios, assim como grandes desafios, recaindo a nós docentes, a responsabilidade para o estabelecimento de valores comuns quanto a tudo que nos rodeia [...]” (BONFIGLIO; BAZZO, 2020), pois sem esse avanço dos valores que dignificam o humano não seremos capazes de oportunizar a todos o que de mais importante se apresenta, a oportunidade de prosperar como um Ser aberto às mudanças tão necessárias para a sobrevivência na civilização contemporânea.

⁸ Qualidade do que está ciente, atento, advertido. É uma expressão em inglês, derivada de *aware*, que significa ter conhecimento ou percepção de algo. *Awareness* é a qualidade de estar vigilante, estar percebendo tudo que está acontecendo em sua volta.

3 DIREÇÃO A SEGUIR

Neste capítulo apresento a metodologia da pesquisa empírica e a forma como foi viabilizada, contando com a visão de autores que aportam tal trabalho e suas apreciações quanto aos conceitos e concepções de pesquisa

Para propiciar a investigação e responder ao problema em questão, levando em conta os objetivos já expostos, opto por uma metodologia que promova ou leve a uma reflexão para a premente inovação da educação tecnocientífica e as variáveis contemporâneas (inteligência artificial; mídia, fome mundial; pandemia; falta de emprego; desequilíbrio emocional; geração internet; configuração socio-política-cultural; dignidade humana, entre outras) , contribuindo para a formação do cidadão contemporâneo, que seja mais livre, responsável, criativo e crítico, provido de valores humanos (ética, respeito interpessoal, empatia, ênfase aos direitos sociais e políticos e resiliência), por meio de ações reflexivas por parte do professorado no processo civilizatório.

A isso, subsidio-me em Feyerabend (2011), como o epistemólogo que respalda tal investigação, na qual de forma qualitativa este trabalho é analisado, assim como Edgar Morin (1998), com a teoria da complexidade, o qual afirma que os sujeitos devem ser compreendidos como seres inacabados que se constroem ao longo da vida, isto é, no processo, levando em conta o biológico e o social/ cultural, indo ao encontro da importante ampliação do pensamento sobre o mundo e a vida, sem fragmentar o saber humano, o saber tecnocientífico e a tecnologia (realidade posta neste século).

Quando se questiona: **De que forma os docentes do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) percebem a educação no que se refere aos saberes tecnocientíficos, os valores humanos e as variáveis no processo civilizatório contemporâneo?**, inicia-se um caminho que não pode estar pautado em uma epistemologia que não se proponha a olhar a ciência na atualidade, afinal o próprio Feyerabend (2011, s/p), em sua obra 'Contra o método', na introdução, afirma que: "A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais apto a estimular o progresso do que suas alternativas que apregoam leis e ordem".

Assim sendo, a ciência deve ser tratada não somente como tendo fatos isolados, assim como a educação não o é. A isso, cabe destacar Morin (2012), o qual

sustenta que a ciência pode se tornar cega, quando desconsidera os problemas que ela mesma cria (sociedade *técnico*).

A tecnociência deve ser vislumbrada, segundo suas ideias que são passíveis de interpretações, com problemas que levantam outros problemas, assim como com erros que podem gerar outras análises. A ciência, assim como a educação, não é instantânea, muito menos fixa, por isso deve ser capaz de girar em um fluxo constante de ir e vir, isto é, de descobrir e redescobrir constantes, e por esse motivo a análise incessante passa a ser primordial.

A educação como um todo, assim como os sujeitos que compõem essa fatia social, carecem de um movimento de ‘fazer crescer à liberdade’ indo ao encontro de uma vida plena, como afirma o autor acima, de modo a descobrir as leis e razões da prática da ciência, sendo capaz de rejeitar e ressignificar, sem deveres e obrigações, saindo do movimento das explicações mecânicas, leis e fenômenos preestabelecidos, assim como do experimento pelo experimento. Nessa perspectiva, surge o pensamento dialético, que reduz as determinações detalhadas para se obter um entendimento mesmo que na lógica formal.

Segundo Feyerabend (2011, p. 42), “[...] mesmo uma ciência pautada por leis e ordem só terá êxito se permitir que, ocasionalmente, tenham lugar procedimentos anárquicos”. Portanto, conceber um método fixo é demasiado ingênuo, levando em conta o homem e suas circunstâncias sociais, isto é, a escola, seus alunos e professores. Essa ingenuidade parece maior quando se trata do processo de educação, em que, a cada instante, as subjetividades estão em choque, as diversidades são inúmeras, e o conhecimento permeia cada relação de forma atemporal.

A isso, o autor supradito afiança que

[...] o mundo que desejamos explorar é uma entidade em grande parte desconhecida. [...] Prescrições epistemológicas podem parecer esplêndidas quando comparadas com outras prescrições epistemológicas ou com princípios gerais - mas quem pode garantir que sejam o melhor modo de descobrir não somente uns poucos “fatos” isolados, mas também alguns profundos segredos da natureza? [...] uma educação científica, como antes descrita (e como praticada em nossas escolas), não pode ser conciliada com uma atitude humanista. Está em “conflito” com o cultivo da individualidade, a única coisa que produz ou pode produzir seres humanos bem desenvolvidos” (Mill, 1961, p.258); mutila, por compressão, tal como mutila o pé de uma dama chinesa, cada parte da natureza humana que sobressaia perceptivelmente, e tende a fazer que certa pessoa tenha um perfil marcadamente diferente dos ideais de racionalidade que, por acaso, estejam em moda na ciência ou na filosofia da ciência (p. 34-35).

Essa postura nos volta às descobertas que estão clamando por uma nova terminologia que não separe o que está interligado, pois não se pode desacionar o desenvolvimento do indivíduo e a ciência como um todo. A isso devemos questionar se é possível uma ciência como conhecemos, quanto às regras de um racionalismo crítico, por se considerar que o problema advém dos referenciais teóricos, assim como essas teorias ontológicas fazem emergir fatos possíveis em que novas concepções levam a novas considerações e, portanto, a novas direções.

A metodologia passa a ser fraca, por não disponibilizar que se entre em contato com o caos tão importante para o desenvolvimento do conhecimento, já que ela só é aceita quando se estabelecem procedimentos oportunos. Os erros e os desvios devem ser condição para o progresso, pois é isso que faz com que o conhecimento sobreviva neste mundo complexo, afinal os agentes devem ser livres e felizes. Assim sendo, sem caos, não temos conhecimento, assim como, sem abandonar a razão, não se pode alcançar o progresso, em síntese: “não há uma única regra que permaneça válida em todas as circunstâncias, nem um único meio a que se possa sempre recorrer” (FEYERABEND, 2011, p. 208).

Nesse sentido, a tecnociência pode ser uma propositora de análise por não ser uma ciência estática estando sujeita à ressignificação constate, tal qual a sociedade é, e a educação por consequência. A esse argumento, Feyerabend (2011, p. 198) afirma que

A experiência surge com pressupostos teóricos, e não antes dele, e uma experiência sem teoria é tão incompreensível quanto o é (presumidamente) uma teoria sem experiência: elimine parte do conhecimento teórico de um sujeito perceptivo e você tem uma pessoa completamente desorientada e incapaz de executar a mais simples das ações.

Acentua-se, portanto, que o ‘anarquismo’ nada mais é que um conceito universal, o qual rejeita a explicação mecânica dos fenômenos e isso não causa preocupação quanto à ordem e às leis da ciência, pois o sistema nervoso humano é demais organizado, de forma que não permite que isso ocorra.

Nesse princípio, Morin (2003, p. 38) proclama que o:

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade.

Tais entrelaçamentos levam em conta a complexidade da união, a sala de aula é um campo efervescente, pois é nesse espaço que as contradições e opiniões adversas devem trilhar um caminho livre, no qual, sem espaço para análise, não se tem crítica, e sem crítica mantemos o *status* até então estabelecido, em que não se intenciona avanço, muito menos crescimento, mas para isso o docente também necessitará fazer um esforço em analisar, criticar e reelaborar sua prática, de modo a traçar caminhos diferentes, para obter respostas também diferentes, já que o que aí se encontra parece estar insatisfatório, por vezes.

O conhecimento, por sua vez, não é munido de concepções uniformes e implica uma atitude receptiva por parte do conhecedor, e por esse motivo repete o comportamento das coisas, isto é “[...] age como convém a uma entidade que está inserida no lugar que ele ocupa” (FEYERABEND, 2011, p. 241). Dessa maneira, “A ideia de que ‘conhecimento científico’ é, de algum modo, peculiarmente positivo e isento de diferenças de opinião não passa de uma quimera” (*ibidem*, p. 307).

Uma visão de mundo único e coerente é uma fraude acadêmica, e isso rebaixa a categoria pedagógica, na qual a uniformização faz parte do passado e aglutinar de forma única e coerente a ‘visão de mundo’ é querer ir ‘longe demais’. Essa aglutinação eliminaria conflitos e a possibilidade de se analisar sua diversidade e, por conseguinte, não nos tornaria capazes de buscar respostas para as variáveis contemporâneas que nada têm de coerente e fixo, pelo contrário, são inconstantes e por vezes alucinantes, prova disso é nossa realidade social e educacional com o advento da COVID-19.

O autor citado anteriormente acentua que “[...] uma pessoa tentando resolver um problema, seja na ciência, seja em outro campo, deve ter liberdade completa e não pode ser restringida por nenhuma exigência ou norma, não importa quão plausível possa parecer [...]” (*ibidem*, p. 332). Nesse sentido, as escolhas metodológicas são a chave para a ciência e a pesquisa, pois estas serão a direção da ação e o direcionador dos resultados, mesmo que nada previsíveis, assim como a ciência e a educação não são.

A partir dessa prospectiva, descrevo a seguir a forma pela qual esta pesquisa foi encaminhada, buscando alcançar uma aproximação de resposta ao problema, assim como de responder aos objetivos, levando em conta que a aproximação é desejada e carece de muita análise.

3.1 TRILHANDO CAMINHOS

Ao percorrer este espaço busco analisar a percepção dos docentes do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), quanto à educação do ensino superior no que se refere aos saberes tecnocientíficos, os valores humanos e as variáveis contemporâneas no processo civilizatório, presentes no cotidiano pedagógico, assim como na sociedade e, para alcançar tal intento, valho-me da abordagem qualitativa. Essa abordagem leva em conta, que pode haver anomalias, e isso é o que desperta maior interesse. A exemplo disso, cita-se a teoria de Parmênides sobre o uno imutável e homogêneo, o qual deseja descobrir uma unidade (substância) por trás dos eventos que nos cercam. Por essa razão, recomenda que o 'Ser' seria a substância de tudo e propôs a lei da conservação em que, é traçando limites entre a realidade e a aparência-teoria do conhecimento, que se obtém entendimento (FEYERABEND, 2011).

A abordagem qualitativa proporciona a buscar, de uma maior abrangência ao que se coloca atenção, já que essa possibilita uma análise subjetiva dos dados, em que a generalização não ocorre, possibilitando que se levante dados predominantes, conjuntamente com as categorias que se estabelecem tanto *a priori* quanto *a posteriori*, quando este for o caso.

Essa metodologia responde ao problema centrando atenção na produção dos dados por meio da interação social, juntamente o(s) fenômeno(s) que se dispõe a estudar e analisar, sem a necessidade de estabelecer leis e ou medir unidades, olhando para o fenômeno social de forma mais profunda, como afirmam (RAUPP; BEUREN, 2012; APPOLINÁRIO, 2006), isto é, debruça-se esse olhar em analisar a percepção dos docentes quanto à educação no ensino superior no que se refere aos saberes tecnocientíficos, os valores humanos e às variáveis do processo civilizatório contemporâneo.

Esse tipo de pesquisa responde a questões muito particulares, com um nível de realidade a qual não é possível quantificar por ser a percepção do sujeito no qual se leva em conta sua subjetividade, vivência e experiência. Trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que de certa forma estão relacionados a um espaço mais profundo das relações em que os fenômenos ocorrem, neste caso, no contexto educacional do Ensino Superior em um Centro Universitário Comunitário.

Em relação a esta, seria a única forma de compreender, já que ela envolve a percepção dos docentes quanto à atuação no cotidiano que se mostra imerso em infinitas dimensões sociais. As categorias levantadas serviram como ponto de partida para as possíveis análises do fazer profissional, assim como de suas percepções no que se refere às variáveis que estão implícitas em seu dia a dia.

Essa metodologia serve como um meio para a análise do conteúdo das categorias analíticas estabelecidas para a pesquisa, na qual a verificação e elucidação delas se adapta indubitavelmente para a compreensão da realidade estudada em que os comportamentos generalizados viabilizam uma leitura do todo, como afirmam Raupp e Beuren (2012, p. 92), “Esse procedimento não é tão profundo na busca do conhecimento da realidade dos fenômenos, uma vez que se preocupa com o comportamento geral dos acontecimentos”, o que de certa forma contribuirá para a visão do todo e as necessidades implícitas nele.

Portanto, serve como meio de ir ao encontro da compreensão e do levantamento das demandas e percepções advindas das variáveis contemporâneas que se apresentam imersas no contexto educacional atual, assim como no repensar dos valores humanos e na vida que flutua no social tecnológico em meio a grandes transformações e necessidades de adequação em função do evento COVID-19.

3.2 EM DIREÇÃO À CHEGADA

Em relação a responder aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se por ser exploratória na qual a preocupação central está em compreender os fatores que contribuem ou determinam os fenômenos pesquisados, em que se tem pouco conhecimento sobre o tema abordado, abrindo a possibilidade de aprofundamento do assunto de modo a torná-lo mais claro. Outro foco está relacionado a explorar, de forma mais aprofundada, as variáveis contemporâneas que necessitam ser analisadas, assim como viabilizar uma atuação docente que seja capaz de desenvolver uma educação mais crítica e reflexiva, capacitando os sujeitos para lidarem com as demandas tecnocientíficas, em que os valores humanos sejam pensados e repensados, mesmo estando imersos em um processo de evolução tecnológica em pleno efervescer do processo civilizatório.

Ademais, proporciona um maior acesso ao problema que se investiga, oferecendo informações sobre a temática, facilitando, com isso, a delimitação de um

assunto, contribuindo dessa forma, para o aprofundamento de conceitos, tão necessários para a compreensão do todo. Nesse sentido, tal abordagem auxiliou na elaboração de hipóteses, aprimorando as ideias com relação ao fator estudado de forma flexível, apesar de abarcar e considerar as variedades de aspectos e serem identificados, tendo por referência a pesquisa bibliográfica para a compreensão do problema (GIL, 2010).

Vale ressaltar que neste momento não se tem a preocupação com a epistemologia das diversas referências, assim como não se sentiu a necessidade de dividir ou delimitar tais autores por sua relevância acadêmica ou epistemológica, pois o fluir das leituras, tanto clássicas como contemporâneas, ocorreu no mesmo fluxo, isto é, na busca de compreender as ‘tais variáveis contemporâneas’ que se encontram implícitas em toda sociedade independente de regras e ou sistemas.

A isso, a pesquisa bibliográfica exploratória aprofunda o conhecimento da realidade, afinal, “[...] explorar um assunto significa reunir mais conhecimento e incorporar **características inéditas**, bem como buscar novas dimensões até então não conhecidas” (RAUPP; BEUREN, 2012, p. 81, grifo meu).

Neste caso, tal metodologia proporcionou mais informações ao assunto pesquisado, dando a possibilidade de desvelar novas visões no que tange à ação didático-pedagógica dos docentes, assim como suas demandas, aproximando, dessa forma, a realidade ao fenômeno pesquisado, isto é, as dimensões implícitas na civilização e, por conseguinte, na educação contemporânea.

3.3 ALCANÇANDO A CHEGADA

No que se refere ao procedimento técnico, caracteriza-se por um estudo de caso, em que a pesquisadora esteve envolvida na situação investigada, isto é, ela é docente do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), e por ser dessa forma, interage no grupo específico da pesquisa. Essa relação possibilita um mergulho profundo na cultura organizacional, na qual pesquisados e pesquisadores estão envoltos no ambiente.

Estar imerso em situações de reflexão quanto à educação oportuniza uma prática na qual ocorra a mudança provocada pelo diálogo e o intercâmbio de ideias, proporcionando, como afirma Feyerabend (2011), interações acompanhadas por graus cambiantes de consciência, ‘*awareness*’ daqueles que participam do processo.

Esses momentos em conjunto podem se configurar como espaços de grande valor por propiciar uma observação atenta quanto ao que está sendo pesquisado, ensejando até mesmo a possibilidade de presenciar momentos de reflexão e diálogo quanto ao 'Ser e Fazer' docente.

Apesar de se ter enfrentado as restrições impostas pela pandemia da COVID-19, no ano de 2019/2020, e posterior a isso, os encontros virtuais se mantiveram tanto com acadêmicos quanto com o colegiado; portanto, as trocas de experiências permaneceram constantes e vivas, muito por conta dos inúmeros momentos de formação continuada e reuniões de alinhamento pedagógico que se mostraram prementes para a manutenção do cotidiano pedagógico. Vale ressaltar que nesse período muitas foram as demandas e adequações que todos os envolvidos necessitaram enfrentar, e a instituição (UNIFEBE) se colocou à prova, necessitando por vezes alicerçar as inúmeras ocorrências que surgiam tanto institucional quanto governamental.

O Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) é uma instituição do Ensino Superior Comunitária que tem por missão "Atuar no Ensino Superior desenvolvendo seres humanos comprometidos com a qualidade de vida", tendo por premissa o conhecimento, assim como o desenvolvimento das pessoas que ali estão.

Essa instituição iniciou sua história em 1973, na cidade de Brusque em Santa Catarina, voltando desde o início de sua fundação, para a formação de profissionais qualificados tecnicamente, assim como cidadãos éticos, e críticos, preparados para os desafios do mercado de trabalho e para vida. Tem por objetivo primordial promover a formação acadêmica com um cunho humanístico tanto nos aspectos profissionais quanto nos aspectos científicos, primando pelo desenvolvimento da sociedade como um todo.

Portanto, neste período de pandemia, mais do que nunca, sua missão e visão fizeram parte do cotidiano de todos os que estavam comprometidos com essa Instituição, que, por ser comunitária, não busca fins lucrativos, mas ao mesmo tempo tem por compromisso a prestação de serviço à comunidade na busca de uma mudança e aprimoramento social.

O conhecimento do pesquisado, portanto, passa a ser o resultado de uma complexa investigação, o qual não é concebido de forma a aprender uma essência que esteja por trás dos sentidos, mas pelo sujeito estar na posição correta de observação, sendo capaz de acrescentar elementos que são percebidos, segundo as

circunstâncias (ver com os próprios olhos). Ele não é munido de concepções uniformes e implica uma atitude receptiva por parte do conhecedor e, por esse motivo, repete o comportamento das coisas, isto é “[...] age como convém a uma entidade que está inserida no lugar que ele ocupa” (FEYERABEND, 2011, p. 241).

Assim sendo, o espaço de interação que a pesquisadora convive possibilita olhar a realidade educacional, tendo por instrumento de análise um questionário aberto, que foi disponibilizado a toda a população envolvida por meio do correio eletrônico via *Google Forms* disparado pela reitoria da instituição após aplicação do piloto e aval da banca de qualificação mesmo estando em afastamento presencial.

A interação, neste caso, ocorre de forma a viabilizar a análise do que se pretende investigar, levando em conta o levantamento e/ou a construção da percepção e saberes docentes voltados à Educação Superior na contemporaneidade, envoltos nas variáveis que estão postas, sendo construída de acordo com as categorias de pesquisa *a priori* obedecendo às questões estabelecidas no questionário, de modo a ser possível uma análise mais aproximada do todo respondido. A cada docente que participou da pesquisa foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) aprovado pelo Comitê de Ética (Anexo A), o qual foi enviado para o procedimento da assinatura.

Nesse contexto de participante, surge o que Feyerabend (2011) denomina de filosofia pragmática, na qual podem florescer apenas as tradições que são passíveis de julgamento, assim como os desenvolvimentos a serem julgados por serem artifícios temporários e não constituintes duradouros de pensamentos e ações. Neste caso, o participante vê a prática da mesma forma pela qual um viajante observa a paisagem de um país estrangeiro, sendo capaz de denominar o que gosta ou abomina e, para isso, analisa-se muito mais do que simplesmente se vê, mas o que sente também, assim como nos tornamos capazes de analisar os âmbitos sociais, costumes, entre outros aspectos, que fazem parte deste cenário, isto é o contexto educacional.

Entretanto, a intervenção na situação de trabalho passa a ser “[...] uma metodologia cujo princípio é fazer da atividade vivida o objeto de outra experiência, ou a atividade presente, através da linguagem, provocando o sujeito a pensar sobre sua atividade e ressignificá-la” (BRASILEIRO, 2011, p. 211). Neste caso, por ser um instrumento encaminhado via *Google* e os resultados armazenados no *Drive* o participante teve a oportunidade de responder de forma livre e relaxado, pois sua identificação e ou identidade não se revelaria.

Convém destacar que essa metodologia instiga a relação e análise entre os papéis do analista e dos protagonistas em uma atividade, em que o analista não deve confundir o seu papel com o dos participantes, proporcionando o desenvolvimento contínuo do professor, por meio da verificação do material, de forma a ressignificar sua prática, caso seja necessário.

Sob esse enfoque, segundo Feyerabend (2011), poucos podem ser considerados pragmáticos por ser muito difícil olhar na perspectiva correta, com ideias mais estimadas, porém isso foi necessário para se ter um estudo e aperfeiçoamento real do ser humano, na sociedade, assim como do conhecimento produzido na interação do todo, levando em conta o momento presente (Pandemia COVID-19).

A isso, entende-se que é iminente haver um esforço para que se possa adaptar os sistemas educacionais às novas necessidades econômicas e sociais, especialmente, no que diz respeito aos papéis que os docentes devem desempenhar. Dessa forma, é que se poderá antever uma significativa modificação na qualidade da educação e, sobretudo, garantir uma maior igualdade de oportunidades mesmo em meio a mais uma variável contemporânea que até então era tida no passado, quando o que se tinha estava apenas nos livros de história. Hoje, esta é uma realidade, e a cada dia seus desmembramentos ocorrem nos levando à busca de superar e suplantar desafios. Nesse sentido, muito do que foi levantado como hipótese desde o projeto de tese se mostra presente no cotidiano atual.

Todavia vale ressaltar que quando a pesquisa foi desenvolvida, assim como quando ocorreu o levantamento de dados a instituição se encontrava com aula em formato *take-home* e nesse sentido, qualquer possibilidade de esclarecimento e ou ampliação de pesquisa no que se refere às entrevistas (até então cogitado), foi desconsiderado, apresentando-se uma limitação da própria pesquisa. Nesse sentido, a pesquisadora delimita-se à análise dos instrumentos devolvidos pelos docentes independentemente de seu número, sendo este o total disponível para tal. Vale salientar que os docentes pesquisados tiveram acesso livre ao instrumento por noventa (90) dias, e somente após isso, a pesquisadora acessou os resultados para tal levantamento e análise.

3.4 A QUEM SE DESTINA O CAMINHO

Participaram da pesquisa docentes da Instituição de Ensino Superior - Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE (SC), dos cursos ofertados pela instituição, tais como: Administração; Arquitetura e Urbanismo; Ciências Contábeis; Designer de Moda; Designer Gráfico; Direito; Educação Física, bacharel e licenciatura; Engenharia Civil; Engenharia de Produção; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Gestão Comercial; Jogos Digitais; Letras – Inglês, Medicina; Pedagogia; Processos Gerenciais; Psicologia; Publicidade e Propaganda e Sistemas de Informação.

Foi possibilitado que todos os docentes desses cursos participassem, porém, dez (10) professores responderam ao questionário e devolveram o TCLE assinado. Nesse sentido, esses foram os materiais analisados, levando-se em conta toda a população participante, já que se depende da ação de quem participa, suas vontades e necessidades. Vale ressaltar que o período em que foi encaminhado tal instrumento de pesquisa os participantes estavam em trabalho *take-home* em função da impossibilidade da presença na instituição por conta da pandemia do COVID-19.

Diante disso, toda coleta de dados que envolve humanos acarreta um tipo de risco, seja este moral, social, psicológico ou físico, porém, no caso desta pesquisa, os riscos para os participantes configuram-se como mínimos, pois o instrumento foi encaminhado via e-mail, e o pesquisado teve a liberdade de responder ou se negar a participar. Vale salientar que os riscos e benefícios estão expostos à miúdo no Termo de Consentimento Livre esclarecido (TCLE), que os docentes assinaram ao responder o questionário, tal qual está aprovado pelo Conselho de Ética (UFSC) (Anexo A). Ressalta-se que esse instrumento estava anexo ao e-mail com o acesso à pesquisa para ser assinado e devolvido como preconiza os trâmites de pesquisa não presencial.

Quando o participante aceitou fazer parte da pesquisa, o único risco estava relacionado ao desconforto quanto ao tempo dispensado para elaboração total das respostas, mas mesmo assim ele se encontrava protegido por não ter limitação de tempo para resposta, podendo proceder em diferentes momentos, fazendo a devolução do instrumento preenchido somente após a sua finalização, sem prazo fixado pelo sistema por ser via formulário *Google* sem restrição nesse sentido.

Na escolha em participar, o risco foi ínfimo, pois os participantes não sofreram ameaça ou se sentiram constrangidos, com medo, vergonha, muito menos por passar por situações que provocasse estresse ou de quebra do sigilo, pois a doutoranda se

certificou de manter sob controle (sigilo) qualquer forma de identificação. Os docentes foram identificados com a sigla (D1, D2..., isto é docente 1 e docente 2), no que se refere à apresentação dos resultados, de modo a esclarecer todos os direitos que salvagam os pesquisados. Os participantes não tiveram riscos financeiros, pois todo material foi encaminhado via *e-mail* e devolvido via internet (*Google Forms-drive*)

Em contrapartida, quanto aos benefícios, espera-se, com este estudo, tenha servido como um propositor para a eminente análise da realidade educacional, assim como social e, que isso possa ter sido um propositor de um fazer pedagógico para o Ensino Superior mais condizente com a realidade da Educação 4.0, no qual os saberes tecnocientíficos, assim como os valores humanos, estejam aliados a prática educacional, qualificando os profissionais para desempenhar suas funções de forma crítica, reflexiva e libertadora, indo aos encontro das infinitas variáveis da sociedade atual, tal qual consta no terceiro objetivo específico.

A pesquisa contribui com o progresso da ciência, principalmente no que diz respeito à educação científica e tecnológica, que hoje está carente de estudos que defendam uma educação mais humanizadora e menos técnica. Portanto, espera-se que a comunidade pesquisada seja capaz de colher os benefícios deste estudo, por meio da reflexão de seu Ser e Fazer educacional, adequando o que achar necessário e relevante em direção a uma inovação do processo ensino-aprendizagem, aliando aos preceitos de uma educação contemporânea cujos resultados estão voltados à formação dos acadêmicos e do próprio docente, mais humana, reflexiva e crítica.

3.5 INSTRUMENTO DO CAMINHO

O levantamento de dados ocorreu por meio de um questionário estruturado aberto (Apêndice A), valendo-se das seguintes categorias estabelecidas; docentes do ensino superior; práticas pedagógicas; valores humanos; variáveis contemporâneas; saberes tecnocientíficos, todas partindo da Educação no processo civilizatório, como demonstrado na Figura 2, com suas especificações.

Figura 2 - Categorias da pesquisa



Fonte: A autora, 2019.

O questionário foi encaminhado via correio eletrônico (*e-mail- Google Forms*) à totalidade dos membros da instituição que ministraram aulas no formato presencial de todos os cursos oferecidos pela Instituição do Ensino Superior, levando em conta o problema a ser respondido, assim como os objetivos da forma descrita na seção: Caminho a percorrer.

Esta técnica de levantamento geralmente é constituída por perguntas ordenadas que devem ser respondidas pela população pesquisada, sem a presença direta do pesquisador, a fim de conhecer as opiniões, crenças, sentimentos e interesses, assim como as expectativas. As perguntas abertas proporcionam que o participante responda de forma livre, usando sua linguagem, evidenciando, dessa forma, seu ponto de vista.

Nesse processo a:

[...] elaboração dos questionários é um tanto quanto complexo e longo, exigindo cuidado na seleção e formulação das questões. As perguntas devem ser claras, concretas e precisas, ter linguagem acessível ao entendimento da média da população estudada, possibilitar uma única interpretação, não sugerir ou induzir respostas, referir-se a uma ideia de cada vez, conter apenas perguntas relacionadas aos objetivos da pesquisa, e evitar questionamentos que, de antemão, sabe-se que não serão respondidos fidedignamente (COLAUTO; BEUREN, 2012, p. 131).

O instrumento de pesquisa, além disso, contou com dados sociodemográficos, de modo a se obter uma visão mais aprofundada do docente participante, sendo possível inclusive visualizar as respostas por curso, e ou por formação e ou sexo, constituindo um propositor de enriquecimento da análise, neste caso.

Outrossim, foi necessário esclarecer aos pesquisados alguns conceitos e ou termos que poderiam criar obstáculos à compreensão das questões, por serem expressões específicas da pesquisa, tais como: saberes tecnocientíficos e variáveis contemporâneas.

A isso, esclarece-se no instrumento encaminhado que: quanto aos **saberes tecnocientíficos**, seriam considerados os conteúdos a serem desenvolvidos, de acordo com as ementas das disciplinas que devem estabelecer relação com as habilidades e competências pertencentes à formação do futuro profissional, independentemente do curso ou área. Esses saberes se mostram imersos à tecnociência a qual está submergida à Inteligência Artificial, assim como a Internet das Coisas, tal qual as questões voltadas às configurações sociais, políticas e culturais na atualidade.

E no que tange às **variáveis contemporâneas**, é importante compreender que a abrangência atinge a todo Planeta terra, sendo: inteligência artificial; mídia; pandemias, falta de emprego; desequilíbrio emocional; geração internet; desigualdade

social; contaminação ambiental; ideologia de vida; questões energéticas; mobilidade humana; consumo exacerbado, tal qual a soma das tecnologias, associadas à tecnociência e aos valores humanos, assim como as relações que os indivíduos estabelecem com isso no seu cotidiano social, entre outros.

Este instrumento conta com as mesmas informações conceituais do questionário quanto aos saberes tecnocientíficos e as variáveis contemporâneas. Esses conceitos foram apresentados na descrição da pesquisa, mesmo antes da apresentação das perguntas.

3.6 ANALISANDO O PERCURSO

Nesse contexto, foi utilizada a análise de conteúdo das categorias, a fim de buscar compreensão quanto ao que se estuda, isso é, a comunicação entre os sujeitos da pesquisa, com ênfase nos conteúdos simbólicos das mensagens, assim como “[...] dos conteúdos das mensagens obtidas por indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/participação variáveis inseridas das mensagens” (COLAUTO; BEUREN, 2012, p. 137). Dessa forma, foi possível averiguar tanto as palavras quanto as sentenças, parágrafos e os textos, isto é, a visão do todo comunicado.

Segundo Appolinário (2006), para se realizar a análise de conteúdo, é necessário seguir as seguintes etapas:

a) definição do material: selecionam-se as questões ou partes delas que tenham relação e sejam especialmente relevantes para a solução do problema de pesquisa;

b) procede-se, então, à avaliação da situação de coleta de dados: incluem-se as informações acerca de como o material foi obtido, quem participou da coleta, como foi realizado o registro do material etc.;

c) tomando por base determinado referencial teórico, o pesquisador reflete sobre que direcionamento a análise dos dados irá tomar, atentando para não entrar em conflito com a formulação original do seu problema de pesquisa;

d) utilizando uma técnica analítica de sua escolha, o pesquisador viabiliza a categorização dos dados em ‘unidades analíticas’, que são finalmente interpretadas, tendo em vista o problema de pesquisa e o referencial teórico estudado, ressaltando

que eles serão direcionados de acordo com as categorias de análise previamente definidas.

Cabe evidenciar que a análise de conteúdo foi fruto das questões abertas contidas no questionário, estabelecendo relação com as categorias da pesquisa, em consonância com seus objetivos, na busca de responder ao problema. Sendo dessa forma, a apresentação da análise das respostas foi relacionada às categorias da pesquisa e não à questão, como ocorreu anteriormente no exame de qualificação.

De certa forma, tanto um formato quanto o outro leva para o mesmo caminho, já que as questões propostas estavam relacionadas às categorias de pesquisa. Quanto à categoria Educação no processo civilizatório foram formuladas duas questões, sendo apresentadas dessa forma no questionário piloto. Houve a sugestão de dois docentes em suprimir a segunda questão, pois pareciam levar a mesma resposta. A banca examinadora da qualificação ressaltou a importância em se manter tal questão por poder proporcionar uma visão complementar e uma possível ampliação de análise delas e, assim, foi feito. A pesquisadora manteve, neste caso, o instrumento de pesquisa tal qual estava planejado *a priori*.

4 APROXIMANDO-SE DO DESTINO – PRÁTICAS EDUCACIONAIS E A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES

Este capítulo busca evidenciar os resultados obtidos na aplicação do instrumento de pesquisa, isto é, a análise dos questionários disponibilizados aos docentes da Instituição do Ensino Superior, Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), valendo-se do total dos resultados obtidos. Vale ressaltar que os docentes tiveram noventa (90) dias para responder ao instrumento. Nesse sentido, a pesquisadora se valeu de 100% (cem por cento) dos instrumentos respondidos, isto é, 10 (dez) questionários respondidos e devolvidos.

As questões foram construídas e analisadas de modo a abarcar as categorias da pesquisa, sendo estas:

- a) Docentes do Ensino Superior: demandas;
- b) Variáveis contemporâneas: inteligência artificial, mídias, fome mundial, pandemias, falta de emprego, desequilíbrio emocional, geração internet, configuração sócio-política e cultural, [...];
- c) Saberes tecnocientíficos: conteúdos e saberes tecnológicos;
- d) Práticas pedagógicas: reflexão crítica e libertadora; e
- e) Valores humanos: percepções quanto a ética, respeito interpessoal, empatia, ênfase aos direitos sociais e políticos e resiliência, tendo como premissa central a Educação no processo civilizatório como demonstrado na Figura A.

Nesse sentido, no Quadro 1, apresentam-se as questões do questionário de pesquisa (Apêndice A), levando em conta as categorias acima citadas, ressaltando que todos os envolvidos receberam as mesmas questões e tiveram a liberdade de participar ou não. No caso de não participar simplesmente desconsideraram tal envio.

A análise das respostas enviadas pelos dez (10) docentes que participaram da pesquisa foram observadas em seu todo e não em unidades analíticas, de acordo com as categorias e suas questões correspondentes de modo a abarcar na íntegra o que foi levantado, como demonstrado no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Categorias da pesquisa e questões do questionário.

Categorias da pesquisa	Questão disponibilizada no questionário
Docentes do Ensino Superior: demandas	Quais as demandas que emergem de seu cotidiano pedagógico? De que forma o(a) Sr(a) lida com ou as administra?
Variáveis contemporâneas: inteligência artificial, mídias, fome mundial, pandemias, falta de emprego, desequilíbrio emocional, geração internet, configuração sociopolítica e cultural, [...]	No seu ponto de vista, a tecnologia contribui (facilita) ou dificulta o desenvolvimento de suas práticas cotidianas? Como?
Saberes tecnocientíficos: conteúdos e saberes tecnológicos	Em seu cotidiano, o(a) Sr.(a) se percebe privilegiando somente os saberes tecnocientíficos de modo a cumprir as ementas dos cursos? Se não, o que mais privilegia?
Práticas pedagógicas: reflexão crítica e libertadora	Em seu fazer pedagógico, o(a) Sr(a) instiga uma educação crítica, reflexiva e libertadora? Quais são as práticas pedagógicas e que de forma isso ocorre?
Valores humanos: percepções quanto à ética, respeito interpessoal, empatia, ênfase aos direitos sociais e políticos e resiliência	Quais são os valores humanos que o(a) Sr.(a) percebe emergir no desenvolvimento de suas práticas?
Educação no processo civilizatório	Como o(a) Sr(a) compreende a relação entre os saberes tecnocientíficos com as variáveis contemporâneas em seu cotidiano laboral? Na qualidade de docente do Ensino Superior, você se percebe fazendo um movimento de trazer à tona discussões que possibilitam o desenvolvimento dos saberes tecnocientíficos, aliados aos valores humanos na sociedade contemporânea? De que forma isso ocorre?

Fonte: A autora, 2021.

Vale ressaltar que, o questionário permaneceu tal qual a pesquisa piloto tendo sete (7) questões a serem respondidas pelo docente participante.

Sendo dessa forma, as análises das sete respostas foram consideradas e os docentes pesquisados foram identificados como D1 (docente 1); D2 (docente 2) e D3 (docente 3) [...] D10 (docente 10), de modo a preservar a identidade e sigilo das respostas, como preconiza o comitê de ética.

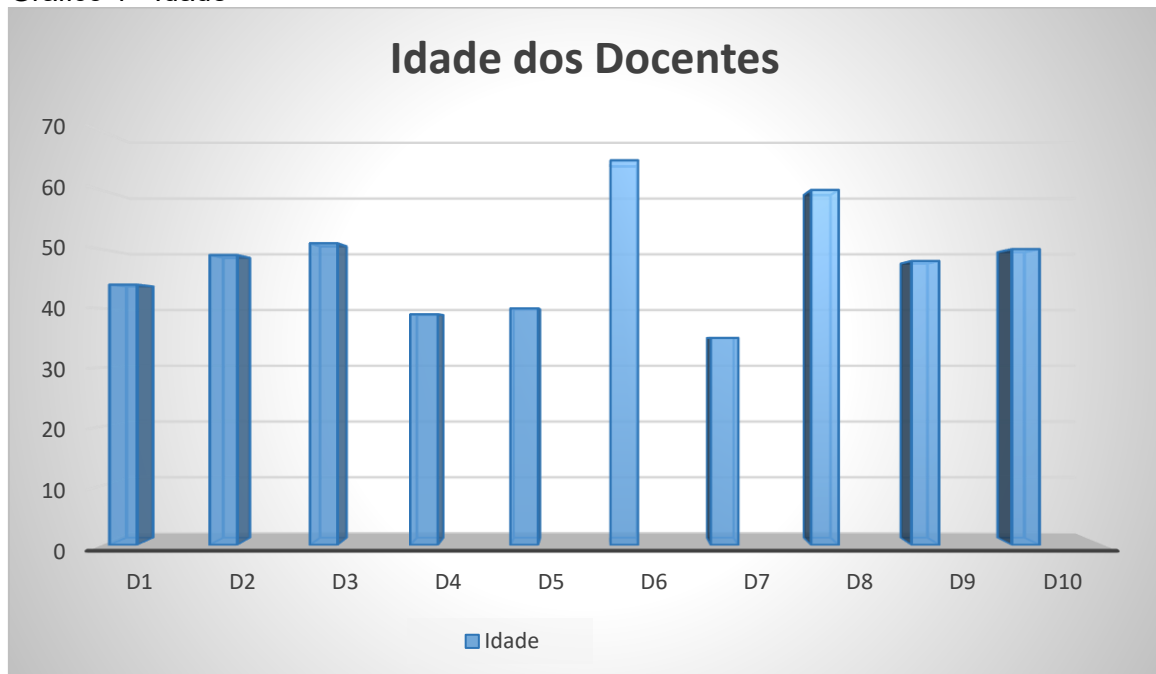
4.1 QUEM ESTÁ TRILHANDO O CAMINHO

Abaixo, encontram-se, os dados referentes às questões do levantamento sociodemográfico do instrumento de pesquisa que de certa forma nos dá um

referencial de quem são esses sujeitos pesquisados, suas peculiaridades e subjetividades. No instrumento, pergunta-se a idade, o sexo, a formação acadêmica, se possui pós-graduação (qual), o tempo de atuação de docência no Ensino Superior independentemente da IES (Instituição do Ensino Superior), cursos de atuação profissional no segundo semestre de 2020, e se possui formação específica na área de docência (qual).

Nos Gráficos 1 a 4 apresentam-se tais dados demográficos acima explicitados.

Gráfico 1 - Idade



Fonte: A autora, 2021.

Observa-se, no Gráfico 1, que a idade média dos docentes está entre 40 (quarenta) e 50 (cinquenta) anos perfazendo um total de 5 (cinco) pesquisados nesta faixa etária. Dos restantes, 2 (dois) estão na faixa dos 30 (trinta) e 40 (quarenta) anos e 3 (três) acima dos 50 (cinquenta) anos. Compreendo desta forma, que eles fazem parte da idade adulta mediana, isto é, não tendo neste espaço pesquisado adultos jovens, isto é, sujeitos entre 20 (vinte) e 30 (trinta) anos.

Quando se observa tal realidade, fica notório que a grande maioria é fruto de uma geração bastante distante da *iGen* (nascidos em 1995), como afirma Twenge (2018). De acordo com Harari (2017), o significado da vida dos nascidos anteriormente

a essa faixa etária está voltado ao trabalho e à produção, e os valores, nesse sentido, ficam até mesmo em lados opostos aos *iGen(s)*.

A grande maioria dos acadêmicos das universidades atualmente pertencem à geração *iGen*, cujo foco por muitos, está voltado em manter-se seguros de modo a proteger suas próprias ideias e não serem confrontados diante de seus desejos e aspirações. Nesse sentido, a própria crise, se é que ocorre, pode estar centrada nesses mesmos valores que se apresentam imersos em preceitos de criação e formação, desenvolvimento e regras sociais, por causa do momento histórico no qual se foram desenvolvendo, isto é, crescendo.

Não distante disso, Torodov (2010) nos alerta para essa situação, ressaltando que tanto a geração quanto as fases do desenvolvimento humano, fornecem-nos de certa forma, uma interpretação de mundo, orientando como e onde se busca e alicerça nosso conforto, isto é, 'onde e como' vamos nos dirigir ao mundo-social e de que forma vamos lidar com os desafios existentes na nossa cultura. Esta análise, de certa forma, pode nos dar um indicativo dos valores dos pesquisados quanto à educação, os saberes tecnocientíficos, assim como os valores humanos, por estarem distantes da geração de seus discentes, mesmo imersos na mesma realidade social que demanda atualização e superação constantes.

Nesse ínterim, podemos de certa forma, antever o quanto esse desvio entre gerações pode ser um obstaculizador do movimento de reflexão e ou análise de todas as variáveis contemporâneas que nos cercam, já que os valores são por vezes contrários, exigindo de ambos os lados uma adequação e reelaboração de conceitos e preceitos previamente estabelecidos pela criação, necessidade e ou visão de mundo.

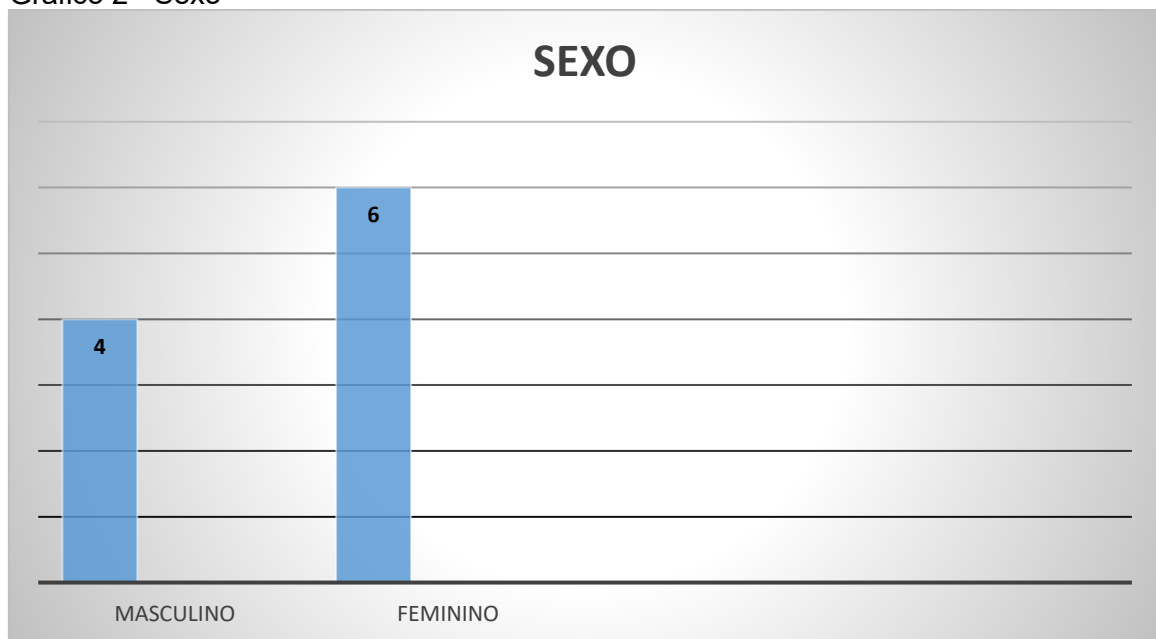
Levando tal diferença etária em conta, somos capazes também de observar que em algum momento, os conflitos podem estar presentes, pensando na formação dos docentes, já que muitos destes podem ter sido formados antes mesmo do nascimento de muitos discentes. A isso me valho de Barros Filho e Pompeu (2014), os quais ressaltam que em algum sentido ensinamos na escola sobre o mundo que vivemos e raramente nos tornamos capazes de relacionar assuntos diversos com a nossa própria trajetória de vida, e nesse sentido, podemos estar na contramão das necessidades que podem se apresentar no contexto educacional.

Twenge (2018) nos suscita que devemos, na medida do possível, analisar as situações e indivíduos, na perspectiva de sua fase de desenvolvimento de modo a

sermos capazes de compreender como eles agem e reagem no mundo. Diante disso, não podemos ser ingênuos em não admitir que se existe uma necessidade de atualização e mudança quanto à concepção de mundo, de certa forma, cabe ao docente esta capacidade de adaptação, já que as gerações anteriores possuíam outros mapas de orientação do mundo apesar de sermos conscientes de que [...] a própria natureza do ser humano inclui a existências de uma cultura (TWENGE, 2018, p. 39).

No Gráfico 2, a análise se volta à questão de sexo dos docentes pesquisados, que pode nos indicar outras dimensões em relação à apreciação das respostas.

Gráfico 2 - Sexo



Fonte: A autora, 2021.

Observa-se que a maioria dos docentes são do sexo feminino, perfazendo 6 (seis) pesquisados. Esta realidade quanto ao sexo pode ser resultante de uma construção histórica, na qual a permissão laboral para a mulher estava voltada à educação, sendo restringido a este grupo outras possibilidades de atuação. A escola, de certa forma, era um espaço de perpetuação do 'cuidado familiar', isto é, função do feminino. Nóvoa (2002), todavia ressalta que no século XX, as concepções pedagógicas passam por modificações, nas quais a ideologia da salvação sai do contexto familiar, e a responsabilidade é repassada somente para a escola, e nesse sentido é ignorada a função dela, que está voltada ao desenvolvimento do

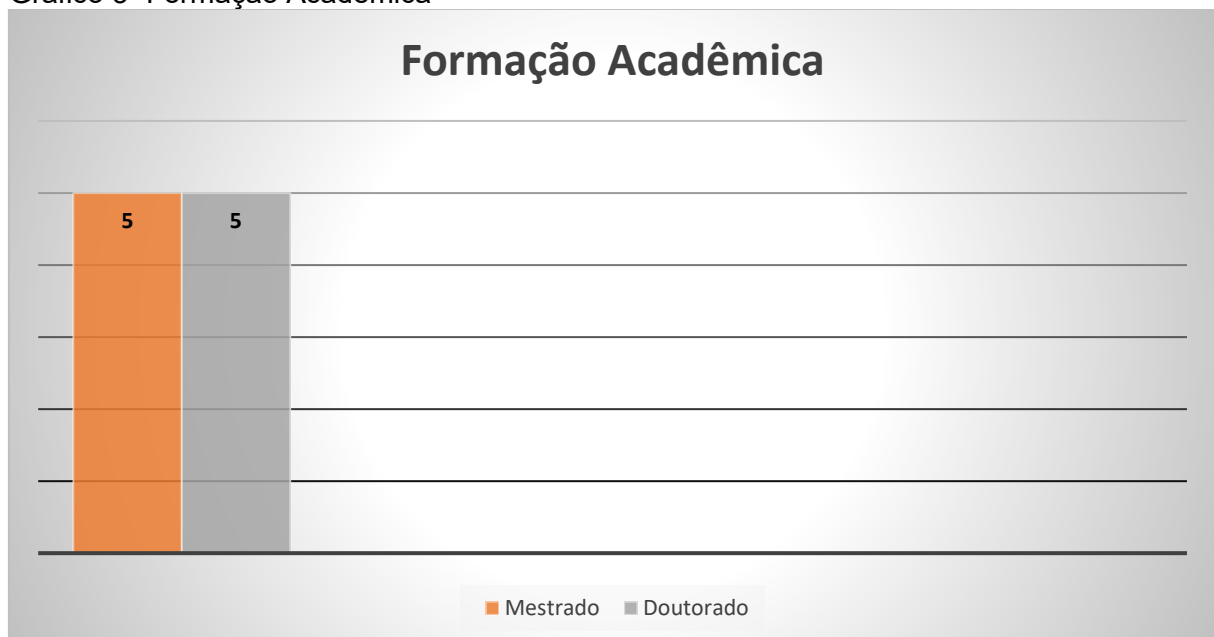
conhecimento associado aos conteúdos e valores sociais, e isso pode ter sido em decorrência também do fazer laboral da mulher nos séculos anteriores.

A partir disso essa configuração sofre múltiplas modificações, a qual a educação, assim como às instituições educacionais ficam a encargo dos governos sendo regulamentado e ou subordinado a trâmites políticos-educacionais. A isso Monteiro (2005) afirma que cabe ao professor uma postura de reflexão quanto ao campo do conhecimento no qual neste espaço é premente desenvolver a investigação no que tange à teoria e à prática, sem deixar de levar em conta os valores que mais do que nunca, carecem ser desenvolvidos.

Baseando-se nessa afirmação, o movimento deve ser de compreender a identidade do docente, independentemente de seu sexo, crença, filosofia ou religião, como afirma Dubar (2009), pois o que deve emergir é o Eu interior e não o sexo, os valores morais e ou convicções que por vezes podem tyrannizar e dominar os sujeitos, fruto de relações educacionais nada saudáveis pelo engano da possível dominação, embutido muitas vezes nessa relação.

Muito mais que uma visão de sexo e ou expectativas quanto ao papel do docente, a tônica na universidade deve estar voltada ao processo de aprender, nesse caminho que por vezes depende do docente, na qual a condição passa pelo discernimento da realidade vivida e experimentada, fruto das necessidades advindas de um contexto sócio-político-educacional e a tão desejada sensação de sucesso, e portanto, a felicidade.

Gráfico 3- Formação Acadêmica



Fonte: A autora, 2021.

Observa-se quanto à formação acadêmica no que se refere à pós-graduação que 50% (cinquenta por cento) dos docentes pesquisados possuem mestrado e 50% (cinquenta por cento) doutorado, demonstrando com isso que a Instituição do Ensino Superior pesquisada cumpre à legislação do Ministério da Educação quanto à pós-graduação dos docentes, e 3 (três) dos pesquisados que têm titulação de mestre são do sexo feminino e 2 (dois) do sexo masculino. Já com a titulação de doutor temos 3 (três) do sexo feminino e 2 (dois) do sexo masculino.

Assim sendo, certifica-se que os docentes pesquisados dispõem formação que os capacita a atuar no ensino superior com um olhar diferenciado, já que trilharam o caminho de análise dessa realidade, tornando-se, capazes de enfrentar muitas das demandas que emergem desta fatia de formação. Sendo dessa forma, podem considerar que se tornam [...] educadores que sejam pesquisadores, para serem leitores críticos, sensíveis à busca de solução dos problemas humanos, e menos de laboratório e de atualização de bibliografias de uma área isolada do conhecimento [...] (BAZZO, 2019, p. 179).

Afinal, a educação do ensino superior necessita, mais do que nunca, na atualidade (sociedade contemporânea), de profissionais que busquem o próprio aperfeiçoamento no que diz respeito à condição humana, assim como a inovação contínua, pois se encontra em uma constante realidade acelerada e ubíqua de mudança, na qual exige o desenvolvendo de atitudes e aptidões de análise social, política e educacional.

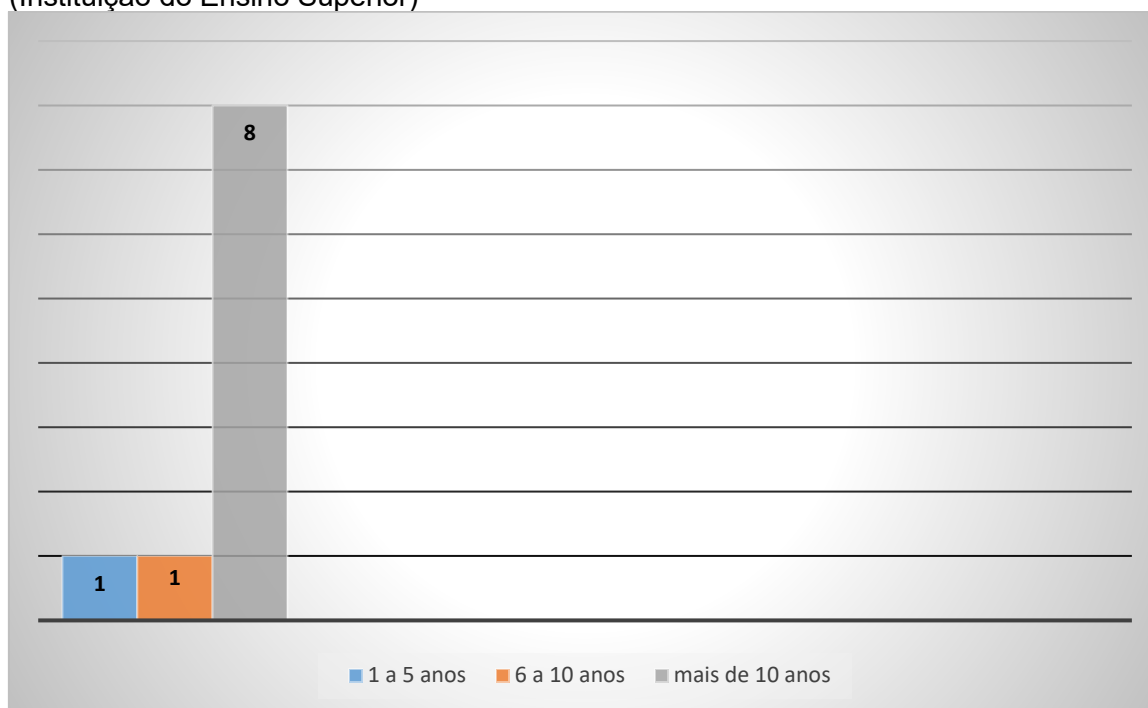
Parafraseando Postman e Weingartner (1971), a revolução da mudança, isto é, a explosão do saber, decorre em todos os campos do conhecimento, independentemente de formação e ou especialização do docente, ocorrendo de forma rápida, levando a todos nós docentes a um caminho contrário a criação de crenças, valores e padrões que sejam viáveis a cada um de nós, em que não cabe, nesta nova realidade, sermos como enciclopédias ambulantes de informações obsoletas na qual comunicamos a nossos alunos ideias prontas, esperando apenas por resultados de operações simples como nos lembra De Masi (2011).

Cabe, neste momento, alertar que a formação do docente e sua experiência educacional quando trabalhada de forma coletiva e colaborativa pode nos levar a um lugar primoroso, na qual a inovação disruptiva move o profissional a descobrir a

possibilidade de mudança, derrubando paradigmas há muito estabelecidos, oferecendo a oportunidade a este de ‘aprender como aprender’ e ‘ensinar como ensina’.

No Gráfico 4, o tempo de atuação na docência será analisada nos dando mais elementos de apreciação quanto à experiência profissional deles.

Gráfico 4 - Tempo de atuação na docência no Ensino Superior independentemente da IES (Instituição do Ensino Superior)



Fonte: A autora, 2021.

Por meio deste Gráfico 4 fica explícito que os docentes, que participaram desta pesquisa, estão atuando no ensino superior, em sua maioria, 8 (oito) participantes, há mais de 10 anos, e este é um dado relevante, pois eles possuem experiência na docência, não significando com isso que estão preparados, a todo tempo, para superar toda e qualquer variável a qual estamos submetidos, já que a sociedade muda e, por conseguinte, a educação também.

Prova disso foi no ano de 2019, com advento da COVID-19, o qual exigiu da totalidade dos envolvidos na educação uma superação em todos os sentidos, desde a mudança de rotina diária, transformando suas residências em ambientes de sala de aula, assim como no domínio e acesso a múltiplas plataformas educacionais, possibilitando dessa forma, uma atuação *take-home*, diferente das aulas EaD (Ensino a Distância) que por muitos já era uma prática.

Nesse sentido, a instituição de ensino na qual ocorreu a pesquisa, posicionou-se de forma ativa nesse processo de inovação e adaptação, disponibilizando as ferramentas e a capacitação para seus docentes, de modo à adequação das atividades, oportunizando tutores e toda a estrutura de TI (Tecnologia da Informação) para que o docente estivesse seguro e preparado para tal tarefa. Com certeza este suporte técnico-pedagógico de certo modo, minimizou algumas angústias, mas foi no dia a dia que as dificuldades foram superadas, e nesse sentido, o grupo docente mostrou-se amplamente criativo e disposto a ultrapassar mais esse desafio, como amplamente divulgado pela instituição na formação continuada no início do semestre de 2020.1.

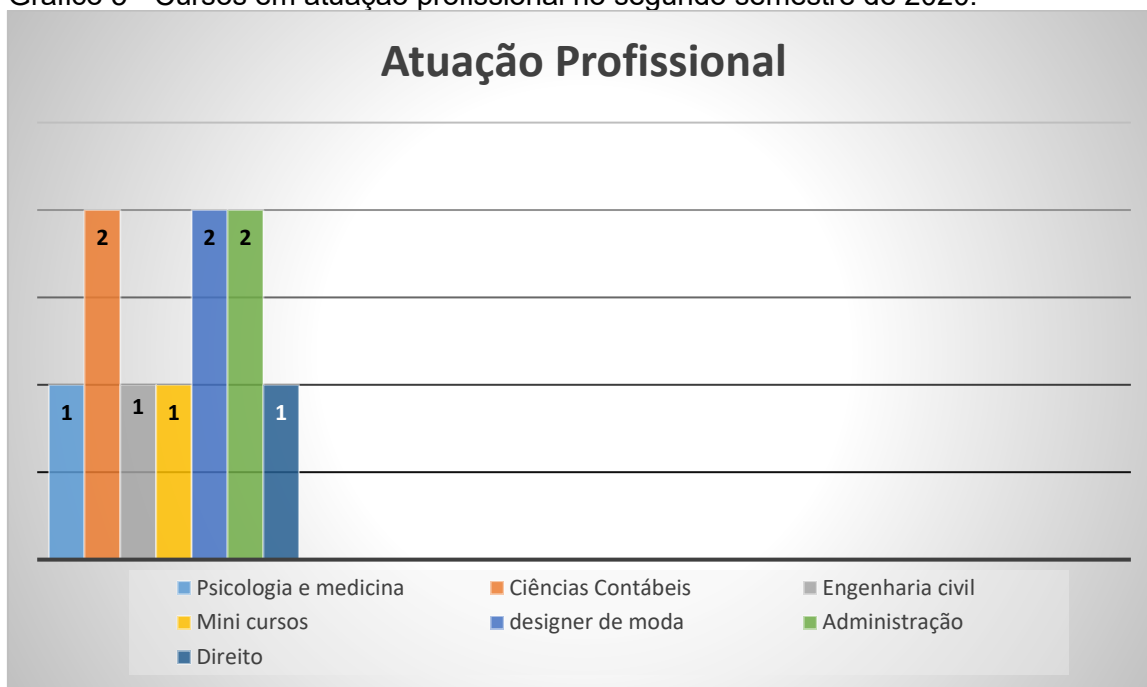
Peres *et al.* (2001) acentuam que, quando se trabalha de forma coletiva e colaborativa, nossa produção pode se tornar muito mais rentável, pois nesse ambiente a reflexão sobre tudo que permeia o objetivo do grupo passa por uma análise experiencial de todos os envolvidos, proporcionando, com isso, uma visão e ação de exploração da atividade de um ensino investigativo.

A mudança e construção de um conhecimento científico deve passar por essa observação, quanto as possíveis deformações do próprio ensino. Quando se coloca o professor em situação de *workshop* analisando criticamente as situações, nesse momento, ele conhece ou percebe as deformações, para somente após esse movimento construir o conhecimento e aplicá-lo em sua prática, e isso requer tempo e experiência. Por esse motivo, o tempo de experiência e formação passam a ser um propositor de transformação, e neste caso, de adaptação à nova realidade em tempos de pandemia.

Cabe considerar, nesse sentido, que o grande desafio se volta à maneira pela qual a população é educada, como nos alerta Friedman (2017), afinal o ciclo de experimentação em que se encontra o lugar de sucesso e fracasso, é um decurso que tem um recomeçar constante, e a isso o olhar deve estar sempre voltado para o local onde queremos atingir, isto é: aonde queremos chegar.

Dando continuidade à apresentação dos dados demográficos, no Gráfico 5, será exibido os cursos do ensino superior em que os docentes pesquisados atuaram no segundo semestre do ano de 2020.

Gráfico 5 - Cursos em atuação profissional no segundo semestre de 2020.



Fonte: A autora, 2021.

No Gráfico 5 fica claro a multiplicidade de atuação profissional dos docentes que foram pesquisados, no qual perpassa tanto por áreas humanas quanto de cálculo. No campo das Ciências Contábeis, Direito e Administração temos 2 (dois participantes), como representantes em cada área. Independentemente da formação profissional, assim como área de atuação este 'Ser' docente desempenha muito mais que uma prática educacional específica, por vezes proposita prática reflexiva indo ao encontro de dar e ter respostas à grande diversidade na qual está inserido. Como se pode observar temos um representante nos cursos de Psicologia e Medicina, Engenharia Civil, Minicursos e Designer de Moda.

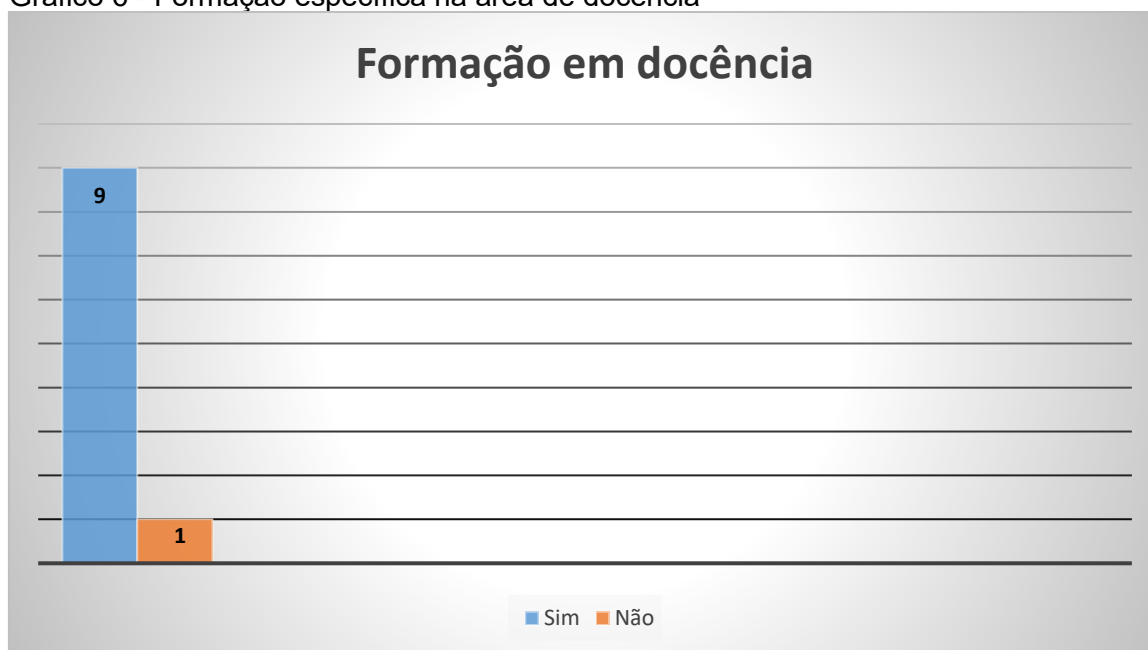
Os confrontos e desafios da escola de hoje, como ressalta Montero (2005) vão além de um conhecimento específico, pois dependem de uma atitude de vários níveis, exigindo de certa forma “[...] uma grande capacidade reflexiva, investigativa para se adaptar e intervir nos processos de mudança (MONTERO, 2005, p. 138) independentemente do ambiente no qual o docente é atuante.

Nesse sentido, este mesmo profissional, em sua modernidade e ou contemporaneidade, demanda estar aberto para enfrentar situações complexas, singulares e conflitivas, realidade que faz parte da atualidade civilizatória e educacional, propositando com isso, a mudança de comportamento no local que comunica, compreendendo a realidade na qual está inserido.

Independentemente da área de atuação profissional, sendo este um docente do Ensino Superior, o que se pretende é a busca e o acesso à solução dos problemas, assim como em oferecer oportunidade quanto ao aprofundamento do conhecimento em um 'complexus' como nos traz Morin (2003), no qual os elementos, mesmo que separados passam a ser um constitutivo de um todo entre o objeto do conhecimento e seu contexto, em que as uniões das unidades formam uma multiplicidade. Sendo desse modo, a diversidade de atuação dos docentes pesquisados passa a ser mais um incremento para a composição do todo que é a experiência vivida em um campo efervescente que é a educação em suas pluralidades.

Seguindo com a apresentação dos dados demográficos, no Gráfico 6 está sendo apresentada a formação do docente no que tange à área da docência e se possui, quais são os cursos específicos dessa capacitação.

Gráfico 6 - Formação específica na área de docência



Fonte: A autora, 2021.

Quanto à formação específica na área de docência 9 (nove) dos docentes pesquisados ressaltam ter formação, no qual D2 (docente 2) afirmam ser pós-graduados com mestrado e disciplinas voltadas à docência do ensino superior; D3 formação docente; D4 gestão em educação; D5 especialização em direito e ciências históricas; D6 estágio docente e participação em grupos de estudos e pesquisa no ensino superior; D7 artes e educação artística; e D9 além de o mestrado,

especialização em ciências jurídicas com disciplinas do ensino superior. O D1 afirma não possuir formação específica na área docente.

Vale evidenciar que de certa forma, os docentes possuem experiência versus formação na docência do ensino superior, já que percorreram tanto por disciplinas na pós-graduação quanto fazem parte de grupos de estudos específicos dessa área, além de envolver-se nas formações de professores, que a própria instituição proporciona a cada semestre letivo, quando os assuntos educacionais são a pauta de discussão.

Nesse local são oportunizados tanto cursos quanto oficinas e palestras que versam sobre temas norteadores da educação e tecnologia. Como as palestras e oficinas devem ser cumpridas de acordo com a carga horária de trabalho no semestre dos professores, o profissional tem a possibilidade de escolher o tema e ou atividade que mais lhe chama atenção, seja por necessidade e ou interesse.

A isso, a visão da instituição vai ao encontro do que Sartori (1998) ressalta quanto à premência de uma reconstrução associada ao sujeito e sua história, pois o afeto deve estar trilhando caminhos semelhantes a ideias conceituais, proporcionando significado ao que se faz, isto é, necessidade e demanda versus prazer (escolha). Nesse sentido, tal formação docente está alinhada ao que se observa como anseio, pois vai ao encontro do que se remonta desde os anos 80, sendo este um incremento da prática laboral e não apenas um formador sem sentido como ressalta Montero (2005).

A formação profissional, por vezes é associada às especializações, as quais em determinados contextos restringem a visão do todo, de quem atua, portanto, quando esse profissional expande sua visão, neste caso olhando para a docência do ensino superior, e não somente ao seu campo de atuação, os problemas podem ser amenizados, pois se passa a perceber sua ação profissional com procedimentos que atendam ao sujeito humano e não a processos específicos de cada área.

Quando nos colocamos como docentes, neste lugar de quem ocupa espaço de 'capitão do navio', como afirma De Masi (2014), enxergamos além de o campo restrito de cada área percorrendo mares nada previsíveis com diferentes percursos, na qual a contínua insatisfação nos faz buscar mais e mais, preparando-nos para as constantes turbulências que este navegar nos proposita.

Vale salientar, todavia, que esse exercício de navegar ou estar à deriva, nos remete a um lugar onde, de certo modo temos que estar atentos à responsabilidade

que nos cabe, afinal estamos em um espaço de conhecimento, troca de experiências, em que se torna primordial nos atentarmos às questões voltadas à construção do saber, os impactos das tecnologias e informação, aos valores pessoais e sociais, assim como a todas as variáveis contemporâneas, que de certo modo nos atinge e faz refletir.

Ademais, o compromisso com o desenvolvimento da formação docente é uma prática, que por vezes ocorre de forma muda em nossa realidade, pois ela pode ocorrer independentemente da oferta das instituições de ensino, afinal como tão bem pontuado por Monteiro (2005), a responsabilidade do professor ultrapassa a transmissão do conhecimento, passa pela promoção e evolução da capacidade humana em fazer um movimento para o crescente desenvolvimento dos conhecimentos, e para proporcionar essa habilidade no outro, o próprio professor precisa experimentar.

A saber, o que cabe salientar, é que muito mais que um discriminador de conceitos, teorias e técnicas ao docente concerniria priorizar o desenvolvimento humano, de forma a não isolar esses sujeitos da sociedade em que vive, mas sobremaneira conduzi-lo à reflexão da extrema necessidade de SER em detrimento do TER. Nesse movimento, esse profissional sim, seria capaz de efetivar infinitos projetos que o levariam a caminhos inimagináveis, tendo como bússola o caráter social da educação para enriquecer o processo ensino aprendizagem.

4.2 PERCEPÇÃO DOS DOCENTES

Na seção seguinte, a análise se volta à percepção dos docentes quanto às categorias da pesquisa e às questões disponibilizadas aos pesquisados, com as quais se referem. Vale salientar que foram mantidas as respostas tais quais se apresentaram no instrumento, isto é, de acordo com o próprio discurso dos pesquisados para manter de forma fiel suas percepções (SIC- segundo informação colhida), sendo dessa forma, desnecessário o uso de aspas para assinalar tal identificação. No entanto, quando me referi ao que consta no conteúdo do discurso dos docentes pesquisados, busquei parafrasear, identificando apenas o docente e não sua fala *ipsis litteris*.

4.2.1 Categoria de pesquisa – Docente do Ensino Superior

Nesta categoria de pesquisa se buscou levantar as demandas dos docentes no que tange ao seu fazer pedagógico, levando em conta seu contexto como um todo, tanto institucional quanto de relação pessoal, isto é, sua relação com alunos, com os conteúdos tecnocientíficos, assim como em relação à tecnologia e a relação que se estabelece entre essas interfaces. Com a questão aberta quais as demandas que emergem de seu cotidiano pedagógico e de que forma lidam ou as administram, o docente tem a liberdade de além de elencar suas necessidades, ter um espaço de troca em relação às possíveis fortalezas e fraquezas no que tange à tal tema.

Ao analisar tais respostas se descortina muito do que foi buscado compreender na pesquisa bibliográfica, na qual de forma contundente me vi repetindo, por vezes, que em nenhum momento esse cotidiano pedagógico deve ter a pretensão de estabelecer regras ou criar manuais, mas de considerar de forma subjetiva cada uma das necessidades, em um movimento abrangente, porém não generalista. E sendo dessa forma, volto-me ao papel e ou função do docente no qual, segundo Goble (1980, p. 57-57) afirma que “[...] a responsabilidade do professor vai muito além da mera transmissão de conhecimentos [...] passa a ser [...] um catalizador que promove encontro entre as capacidades humanas e o caudal crescente de conhecimentos”.

No Quadro 2 a seguir, estão expostas as respostas dos 10 (dez) docentes participantes da pesquisa, de forma integral como já explicitado.

Quadro 2 - Quais são as demandas que emergem de seu cotidiano pedagógico? De que forma o (a) Sr. (a) lida ou as administra?

Docentes	Respostas
D1	Demandas pedagógicas: Diferentes metodologias para estimular os alunos (minha percepção). Outra demanda que julgo importante: edição de vídeos (é um tipo de recurso pedagógico muito bom, mas a edição é a minha limitação porque às vezes precisamos apenas um trecho do filme). Demanda maior nas aulas: Administrar os problemas emocionais dos alunos.
D2	Atualização.
D3	Demanda digital.
D4	Autodidata e formação institucional.
D5	Buscar atualização.
D6	Demandas: tornar o conteúdo teórico atraente para o (a) estudante. Tornar o conteúdo palpável às demandas do mercado. Como lido: estudo empírico com profissionais das áreas (entender questões que consideram fundamentais); estudo teórico em bibliografias pedagógicas, ouço os (as) alunos e tento compreender suas dores e necessidades.
D7	Neste momento as demandas maiores são as preparações dos conteúdos, aplicando-os às <i>take-homes</i> , que requerem novas pesquisas para que o

	conteúdo atinja os acadêmicos. É como reler todo o conteúdo e buscar novos parceiros teóricos.
D8	Procuro encontrar as soluções.
D9	Atualizações em tecnologias e práticas diferenciadas de ensino aprendizagem. Procuro me atualizar e buscar as práticas com que eu e a turma nos adequamos da melhor forma.
D10	Atualização diária quanto à disciplina lecionada. Foco, disciplina e organização.

Fonte: A autora, 2021.

No que se refere à categoria Docentes do Ensino Superior e suas demandas, fica notório que a maioria dos pesquisados traz como principal solicitação a capacitação quanto ao uso de novas tecnologias que possam alicerçar seu fazer diário, principalmente na prática metodológica. Evidentemente, neste momento ímpar do qual vivemos na educação (COVID19), com as aulas em *take-home* e ou modelo híbrido, a atualização e adaptação teve que ocorrer de forma imediata, sem dar oportunidade de muitos docentes buscarem acomodar esse novo conhecimento. As exigências de adaptação imediata provocaram diversas reações, desde a ansiedade na busca de superação quanto o mesmo sentimento por se reconhecerem incapazes para tal movimento, aliado com a possível não aceitação dos alunos quanto a esse formato. Outros preocuparam-se em como 'dariam conta' de comunicar o conhecimento sem a presença pessoal, pois muitos dependiam do quadro e outros recursos de sala de aula para comunicar o que deveria ser aprendido, principalmente, as disciplinas de cálculo e ou atividades práticas.

Quando voltamos ao Gráfico 1, que demonstra a idade dos docentes pesquisados, fica claro que a maioria poderia ter apresentado tal preocupação, pois na sua formação profissional eles não tiveram, em sua maioria, a oportunidade de contato com tais instrumentos e plataformas tecnológicas. Não obstante (D8) traz à tona uma questão de grande relevância quando ressalta que sua necessidade estava centrada na busca por solucionar problemas.

Claro que esses problemas podem ser analisados sob diversos âmbitos, mas levando em conta as infinitas variáveis pelas quais passamos na educação, que se mostra como reflexo da sociedade, podemos considerar que tais inquietudes podem estar relacionadas tanto com o cotidiano profissional quanto pessoal - social, já que estes não podem ser olhados em contraposição, por estarmos olhando o 'Ser' como um todo.

A isso, Sloterdijk (2019) aponta que, quando o humano se torna criativo, olhando o todo em busca de resolver problemas, adquire a competência de deixar no mundo sua alma inteligente; e, por ser dessa forma, torna-se capaz de criar e inventar 'não sendo determinado', como afirma Nietzsche, pois passa a ser um 'sujeito colocado ao lado de si mesmo'. Quando isso ocorre, a abundância citada por Diamandis e Kothler (2012) faz sentido, visto que os obstáculos estão presentes no processo diário de viver, e por vezes as respostas podem estar em fácil acesso, dependendo apenas dos indivíduos que se proponham a encontrar o caminho interior e não mais o exterior.

Em resposta a isso, a recompensa está na conquista e não na satisfação, assim como no anseio por mais e mais. O sucesso alimenta ambições e não distante estaremos em busca da imortalidade, felicidade e divindade como afirma Harari (2016), "Tendo elevado a humanidade acima do nível bestial da luta pela sobrevivência, nosso propósito será fazer dos humanos deuses e transformar o *Homo sapiens* em *Homo deus*" (*ibidem*, p. 30), movimento este que parece estar presente na sensação de alguns pesquisados que buscam de forma contundente ultrapassar seus limites, mesmo quando se sentem incapazes por não ter conhecimento e domínio de todos os recursos e instrumentos.

Christensen (2014) ressalta que professores, administradores e ex-alunos, em um mundo ideal, serão capazes de compreender e construir a universidade para a sociedade, sendo fiéis ao espírito da autorregulação, desempenhando o papel de revitalização de suas instituições, sendo qualificados por determinar seu próprio destino, levando a universidade a patamares mais altos. Ao fazer esse movimento, desempenharão a tarefa de compreender não só a realidade presente, mas a ameaça de uma disrupção competitiva, de modo que as universidades terão evolução ao longo dos anos por estarem preparadas para o enfrentamento dos obstáculos.

Todavia D2 mostra-se atento e ou colocando sua atenção na necessidade em olhar de forma mais aprimorada para a administração dos problemas emocionais dos alunos, e nesse sentido, o DNA universitário torna-se semelhante à identidade de um organismo vivo, no qual se busca uma sobrevivência, bem como o seu crescimento. Quem sabe deveríamos nos atentar justamente neste âmbito da saúde emocional de todos os envolvidos na educação, não somente com os alunos, afinal docentes e outros colaboradores vivem e convivem com esta geração *iGen* (nascidos a partir de 94). Essa diferença geracional demanda que os sujeitos sejam capazes de

ressignificar suas próprias crenças e costumes para estabelecer uma relação menos conflituosa com quem se relaciona.

Não cabe aqui questionar ou afirmar que a geração, da maioria dos discentes (*iGen*), deve permanecer como está, se é boa ou ruim, certa ou errada, mas no meu ponto de vista, torna-se necessário realizar um movimento de empatia, nada apática, na qual nós profissionais sejamos sim os ‘adultos da relação’ e busquemos formas de alinhar a confiança e o bem-estar, para aí conquistarmos espaços que podem ter sido perdidos quando se faz competição com os *smartphones* e ou aplicativos.

Precisamos mais do que nunca surpreender, indo ao encontro da ruptura de padrões na qual nossa capacidade simbólica e de nossa linguagem (diálogo analítico e crítico) seja sim, a grande ferramenta de transformação, levando todos para o caminho que se quer alcançar. Quando o humano se torna criativo adquire a competência de deixar no mundo a sua alma inteligente, sendo capaz de criar, inventar e não mais ser ‘determinado’ colocando-se de lado, sendo sua própria existência e saindo da estranheza de viver o que não é (SLOTERDIJK, 2019).

Quanto ao como lida com a situação que demanda, o D6 ressalta que busca em estudos empíricos com seus parceiros da área profissional, assim como em estudos bibliográficos a compreensão e superação de suas necessidades. Além disso, D9 procura práticas que sejam mais condizentes consigo e com a turma de alunos de modo a se adequar da melhor forma.

Com relação a este movimento de adequação e superação me valho de Bazzo (2016), que nos alerta para a premente necessidade de se construir um projeto coletivo, na qual a educação possa ser promotora de ações que levem em conta as variáveis que estão implícitas em todos os contextos, compreendendo os valores que são necessários para a harmonia e felicidade, garantindo dessa forma, uma educação libertadora na qual o professor- docente seja capaz de refletir sobre seu próprio valor e saber. Compreende-se, nesse sentido que a afetividade aqui citada, é em relação a um estado de existência, em que a realização ocorre. Na sequência trata-se da variável contemporânea, no que diz respeito ao uso da tecnologia no cotidiano educacional.

4.2.2 Categoria de pesquisa – Variáveis contemporâneas

Quadro 3 - No seu ponto de vista, a Tecnologia contribui (facilita) ou dificulta o desenvolvimento de suas práticas cotidianas? Como?

Docentes	Respostas
D1	Facilita, propicia mais interação com os alunos. A maior dificuldade nas aulas <i>take-home</i> é que alguns recursos não estão à disposição para todos os alunos, então limita o uso. Outros recursos, a limitação é minha, não saber usar (edição de Filmes).
D2	Contribui, pois permite várias formas diferentes de aprendizagem.
D3	Vem a auxiliar.
D4	Contribui para levantamento e tratamento de dados discentes.
D5	Facilita.
D6	Contribui. Contudo penso que a tecnologia é somente uma ferramenta. Quem manuseia a ferramenta é a pessoa. Então a depender da pessoa, ela pode auxiliar ou dificultar. Mostrar isso para o aluno é fundamental para que ele(a) reflita sobre seu papel dentro do universo tecnológico.
D7	Por um lado, facilita, pois, amo ser estimulada. E penso que, por incrível que pareça, cria uma certa intimidade com os acadêmicos, por causa da casa. Por outro lado, é bem mais cansativo, e penso que o tempo de aula deveria ser um pouco menor.
D8	Facilita, pois, no caso específico dos cursos que leciono, eles estão diretamente ligados às novidades tecnológicas.
D9	Facilita. Torna as atividades mais dinâmicas, especialmente com o gerenciamento e melhor aproveitamento do tempo.
D10	Contribui para o acesso às informações, assim como o dinamismo do conhecimento.

Fonte: A autora, 2021.

No que diz respeito ao uso da tecnologia, para facilitar e ou contribuir, todos os docentes se posicionam positivamente ficando claro, dessa forma, que eles aprovam o uso de ferramentas e instrumentos que estão disponíveis para seu fazer pedagógico. Kelly (2017) sustenta que estamos nos transformando mais rapidamente que a nossa capacidade de nos civilizar quanto ao uso do que inventamos, quando o consenso social é deveras lento, assim como é nossa capacidade de pensar a respeito das implicações dos comportamentos que são necessários para compreender e domar nossas invenções.

O referido autor endossa que todo progresso e evolução está na tecnologia, e nesse sentido estamos entre o que poderia ser e o que é, em um fluxo constante o qual constitui o mundo moderno. Prova disso é o processo científico que, por causa da invenção da metodologia para a ciência, criaram-se infinitas possibilidades imediatas e com isso as constantes mudanças e geração de infinitos produtos. Afiança que estamos vivendo uma época de protopia, em que as coisas são melhores hoje que ontem, mas só um pouco, por ser uma melhoria incremental, branda e que

apresenta mais problemas que soluções, na qual o progresso se torna líquido (KELLY, 2017).

Diante o exposto, as percepções dos docentes estão alinhadas com a realidade, já que eles estão fazendo parte desse processo de inovação versus adaptação, em que os resultados ainda estão sendo considerados e a sociedade não obteve respostas quanto ao que vai ocorrer. André (2010, p. 177) confirma, que: “[...] esse fato causa muita preocupação porque ainda há muito a conhecer sobre como preparar os docentes para enfrentarem os desafios da Educação no século XXI”.

Quando D6 alerta para a tecnologia ser somente uma ferramenta e que é fundamental refletir sobre o papel do aluno dentro do seu universo, volto-me a Souza (2018), que nos lembra que precisamos ter muito cuidado no que diz respeito a olhar esses sujeitos (SER), de modo a não classificá-los como soltos no mundo ou descontextualizados, pois em função disso, podemos correr o risco de percebê-los como pessoas incapazes de articular seus próprios valores, e isso os impossibilitaria de possuir orientação quanto às escolhas existenciais.

O mesmo autor traz à tona as fontes do *self*, como propositoras da motivação, que passa a ser condição implementadora do encontro das procedências morais e dos bens constitutivos da cultura, fazendo-nos capazes de discriminar entre o certo e o errado, superior e inferior, assim como nos proporciona parâmetros quanto aos desejos e vontades individuais, tão urgentes quando se faz uma escolha e se estabelece uma identidade. Nesse viés as escolhas, assim como as identificações, passam a ser um plano valorativo para a formulação da ideia sobre nossas vidas, assim como da avaliação que conduzirá o próprio sujeito moderno.

A isso, Kelly (2017, p. 262) ressalta que:

[...] um mundo de respostas superinteligentes e ubíquas encoraja a busca pela pergunta perfeita. [...] as melhores perguntas não são as que levam a respostas, uma vez que estas tendem a se tornar cada vez mais abundantes e baratas. Uma boa pergunta tem de equivaler a um milhão de boas respostas.

Com base nisso D7 expressa sua preocupação quanto à sensação de cansaço com o tempo de aula, quando em *take-home*, salientando que estas deveriam ser mais curtas. Tal dificuldade em relação à tecnologia, para o desenvolvimento das práticas pedagógicas no cotidiano, corroboram com a constituição do sujeito, afinal não cabe aqui a mensuração de valores quanto ela ser boa ou ruim, essa se mostra

inevitável e, sendo assim, as respostas ainda não estão estabelecidas. Ademais, a sensação de ser cansativo é própria do sujeito que se encontra nesta nova realidade, e mais uma vez essa sensação é subjetiva e varia de sujeito a sujeito.

Dessa forma, Cardoso; Batista e Graça (2016) avaliam o cenário da identidade docente que se mostra em crise, trazendo quatro problemas que se inter-relacionam e servem como debate na modernidade contemporânea sendo estes: a) a problematização do autoconhecimento que decorre a não transparência do sujeito a si mesmo; b) a valorização da autorrealização no mundo, fruto da secularização da sociedade; c) o aumento do individualismo e da moralidade social em função do acesso a novas identidades; e d) a flexibilidade na autodefinição, em que a identidade é moldável por meio dos fundamentos mutáveis.

Para estes, a reconstrução da identidade nada mais é do que um processo que envolve a passagem de um nível passivo para o reflexivo, de aceitação e aquiescência, para uma atividade reflexiva e crítica que perscrutam a transformação, quer unido ao pessoal, quanto no nível profissional. Nessa concepção, o D6 mostra a transparência em relação às suas sensações e expressa de forma clara, demonstrando de certa forma o conhecimento de si e de suas limitações até mesmo físicas (autoconhecimento).

4.2.3 Categoria de pesquisa – Saberes tecnocientíficos

Quadro 4 - Em seu cotidiano, o(a) Sr.(a) se percebe privilegiando somente os saberes tecnocientíficos de modo a cumprir as ementas dos cursos? Se não, o que mais privilegia?

Docentes	Respostas
D1	Cumpro os saberes tecnocientíficos de forma a privilegiar, mas os temas das ementas que permitem e sempre contemplo valores humanos, políticas públicas, ética e outras discussões humanísticas.
D2	Não, os saberes me permitem me manter atualizado com os assuntos.
D3	Vem privilegiar o fomento para novos saberes.
D4	Me preocupo que o aluno realmente aprenda e que seja protagonista do processo.
D5	Fazer trabalhos de pesquisa com os acadêmicos.
D6	Privilégio saberes tecnocientíficos, porém recordo sempre o(a) aluno(a) que por detrás da tecnologia sempre, sempre haverá um olhar humano. Por isso, uso de ferramentas analógicas também, como: gamificação analógica, conversas e reflexões que em aula se dão inclusive por aproximação física, necessidade da empatia como bússola para as tecnologias, observação participante etc.

D7	Nunca privilegiei somente os sabres tecnocientíficos, bem antes desse momento peculiar, acredito que o conhecimento se dá também e, especialmente, com a subjetividade humana.
D8	Sim.
D9	Não. Busco a interação pessoal da turma, mesmo no ambiente virtual.
D10	Privilegia a conexão com as áreas do conhecimento. Tornando o conhecimento multi e inter disciplinar.

Fonte: A autora, 2021.

Na totalidade dos docentes pesquisados, eles se mostram privilegiando os saberes tecnocientíficos, porém acentuam que além destes buscam alinhar valores também importantes. O docente D1 acrescenta que além de valores humanos, busca reforçar as políticas públicas e ética, promovendo discussões humanísticas, e nesse sentido percebo que a educação do indivíduo (SER) está pautado como uma de suas necessidades.

Em decorrência disso, valho-me de Lipovetsky e Serroy (2011), os quais alertam para o grande desafio, ao educar os indivíduos, e ao mesmo tempo formar espíritos livres em um momento em que o nosso universo está repleto de informações e as respostas encontram-se na cultura cuja curiosidade, por vezes, está atrelada à superficialidade das coisas.

Isso leva a muitos casos, a uma incapacitação quanto à análise da realidade, tanto individual quanto coletiva, pois, como bem afirmam os referidos autores, estamos vivendo em um mundo de hiperconsumo no qual estamos cada vez mais homogêneos, vestindo, bebendo, comendo e possuindo as mesmas necessidades. Assim sendo, quando se discute valores humanos, públicos e humanísticos, de certa forma não se reforça o individual, e sim o coletivo.

Na atualidade, a maioria dos indivíduos frequenta os mesmos lugares e consome os mesmos molhos do *fast food*, assim como de certa forma obtém os mesmos *smartphones*, isto é, acabamos tendo as mesmas demandas e/ou necessidades, por conseguinte, as mesmas expectativas e experiências.

Ao olhar por esse viés, estamos nos colocando na posição igualitária da 'produção', reproduzimos o que a 'massa' determina, e é por esse motivo que necessitamos sair da letargia quando voltaremos a ter real controle sobre o que desejamos, fazemos, e escolhemos, para somente aí, sermos capazes de nos tornarmos felizes e de termos a sensação de completude.

De tal forma D4 sobressai que sua preocupação está no aluno que realmente aprenda, sendo protagonista do seu processo. Quando se vê o protagonismo como um movimento de libertação e possibilidade de escolha, o que se pode antever é a felicidade, e a isso Dupas (2006) afirma que o progresso não melhora necessariamente a qualidade de vida, apesar de termos telefones celulares e internet, assim como telas de plasma e ou LCD. Possuímos a delicada tarefa de conceituar a 'Tal Felicidade'. Nesse sentido, a natureza humana é regada de paixões e desejos, entendendo a história como cíclica, repleta de altos e baixos.

Em alguma medida, o presente apresenta-se melhor que o passado, e o futuro seria melhor que o presente. Evidentemente que para isso ocorrer necessitamos fazer este movimento de reflexão e autorresponsabilização por todas as escolhas, inclusive quando optamos por nos manter nas zonas de conforto, nas quais nada muda muito menos se transforma.

Em consonância a isso D7 releva que o entendimento do que deve ser aprendido, além de depender dos conhecimentos tecnocientíficos estão especialmente relacionados com a subjetividade humana. Para ser fiel a isso a escola (instituição de ensino), de certa forma precisa se converter em 'centros de insubordinação', em que a homogeneização pode levar a todos para um lugar decrescente. Alves (2014), todavia, nos convida a refletir sobre tal homogeneidade alertando que todos nós raciocinamos e que nosso pensamento é tão importante quanto do outro, e a partir do momento que aprendermos a "[...] ruminação [...]" (p. 121), seremos capazes de afirmar e assumir o que ponderamos sem pensar que devemos estar presos ao aprofundamento de outrem.

Diamandis e Kotler (2012) atentam que, no sistema educacional atual, as aprendizagens factuais advindas da internet tornam instantaneamente os fatos acessíveis, de certa forma, levando todos ao pensamento do outro, e sendo dessa forma:

[...] estamos treinando nossos filhos em habilidades de que raramente precisam, enquanto demoramos aquelas absolutamente necessárias. Ensinar as crianças como cultivar sua criatividade e curiosidade, ao mesmo tempo fornecendo uma base sólida e pensamento crítico, leitura e matemática, é a melhor forma de prepará-las para um futuro de mudança tecnológica cada vez mais rápida" (DIAMANDIS; KOTLER, 2012, p. 35).

Os autores anteriormente citados constatarem que a mudança tecnológica que se aproxima é ainda melhor, contrária ao modelo genérico do sistema educacional atual, quando a educação estaria centrada na centralização personalizada. A personalização refere-se ao ajustado das necessidades, assim como os estilos de aprendizagem que são preferidos pelos indivíduos, apesar de essas melhorias, no que tange à interatividade, por muitos, não serem consideradas benéficas.

Não obstante, os mesmos autores asseguram que o sistema educacional atual não está preocupado com a qualidade, e sim com a quantidade de coisas que vão aprender. Fazer a pergunta certa no século XXI, demanda não estar imerso em um ambiente de mídia, em meio à internet, videogame e 500 canais de TV a cabo. Todos esses recursos competem com a atenção, sendo assim, de que forma o sistema educacional vai ser eficaz e altamente divertido, já que, apesar de todas as possibilidades, alguns ainda se encontram no tédio, sendo esta a causa número um da evasão escolar? E a isso os autores sancionam que, “Se quisermos realmente preparar nossas crianças para o futuro, o aprendizado precisa se tornar investigador” (DIAMANDIS; KOTLER, 2012, p. 224).

Tais entrelaçamentos levam-nos a compreender que, a partir do momento em que os docentes estão fazendo o movimento de ir além de os conteúdos tecnocientíficos, o transpor dos obstáculos ocorrerá, pois este faz parte da evolução da humanidade, mesmo que, por vezes, faça-se necessário retroceder para avançar.

Vale endossar que a educação crítica e reflexiva pode e deve ser proporcionada pelo fazer em ação do professor, na busca de como isso ocorre, e se ocorre. O conhecimento, a aprendizagem, o questionar e o encontro de respostas parece estar presente nesse contexto pesquisado, pois ficou claro por meio das respostas dessa questão que os docentes estão se deslocando para além de os conhecimentos tecnocientíficos e que os fenômenos subjetivos, como: sensação, emoção e pensamento fazem parte de seus olhares atentos. Tão logo voltamos atenção a mais uma categoria da pesquisa no que diz respeito às práticas pedagógicas.

4.2.4 Categoria de pesquisa – Práticas Pedagógicas

Quadro 5 - Em seu fazer pedagógico, o (a) Sr.(a) instiga uma educação crítica, reflexiva e libertadora? Quais são as práticas pedagógicas e de que forma isso ocorre?

Docentes	Respostas
D1	Estímulo tanto por meio da aula expositiva, bem como nas discussões de estudo de casos, nos quais as realidades socioeconômicas, cultural e de saúde permitem ver diferentes pontos de vista sobre o mesmo tema.
D2	Sim, fazer o aluno pensar e a buscar soluções para questões – casos problemas.
D3	Não tenho domínio para esta resposta.
D4	Procuro sempre relacionar os temas- conteúdos com a prática e cotidiano do aluno. A PBL se presta muito a isso.
D5	Pesquisa acadêmica.
D6	Sempre. Senão nem estaria aqui! Rs. Em cada atividade que fazemos em sala, deixo claro os objetivos ao qual se propõe. No final da atividade, vemos juntos se cumprimos esses objetivos ou não. Valorizo quando o (a) aluno possui uma opinião contrária. Instigo a pesquisa e autonomia.
D7	Como professora na área de criatividade e arte, as práticas sempre trabalham com exercícios criativos e inovadores e no afã de provocar inquietações e saídas da zona de conforto.
D8	Quando a disciplina permite, sim. Diante de uma situação problema, provoço a discussão com os alunos.
D9	Penso que sim. Por meio de reflexões sobre teoria e casos práticos.
D10	Com certeza, minhas práticas pedagógicas procuram levar os alunos a uma reflexão diária sobre os diversos assuntos tratados em sala de aula. Utilizo de dinâmicas, filmes, vídeos e músicas. Assim como, o acesso aos jornais internacionais. Além disso, busco sempre estar atualizada com o que ocorre no mundo e no Brasil, dentro e fora da minha área de atualização.

Fonte: A autora, 2021.

Diante o exposto, pelo relato dos docentes pesquisados, é premente considerar que eles têm realizado movimentos para ir ao encontro de uma prática que propõe reflexão, crítica e, por conseguinte, ação libertadora. Todavia o D3 se abstém de responder afirmando que não possui domínio para tal resposta. Independentemente disso, o D7 enfatiza que por ser da área das artes sempre trabalha com a criatividade e inovação, de modo a provocar inquietude para a saída da zona de conforto. A isso é importante considerar que esse movimento se torna imperioso em função de proporcionar aos envolvidos o desenvolvimento de habilidades, de sensação e percepção, tão prementes para o aquecimento de uma análise e crítica.

Feyerabend (2011) nos chama a atenção quanto ao conhecimento se modificar de acordo com as decisões e materiais sociais que nos são proporcionados,

pois não basta uma 'ciência pura', já que ela se encontra repleta de lacunas e contradições que impedem o crescimento.

Para o autor acima, quando uma prática emerge de outra práxis, esta pode conduzir a mudanças, e, quando isso ocorre, pode provocar ligeiras modificações da ação original, resultando no surgimento de uma tradição que pouco se parece com qualquer um dos elementos interagentes. Essas interações, por conseguinte, são acompanhadas por graus cambiantes de consciência, '*awareness*', daqueles que participam do processo. Nesse sentido, as 'ideias novas' com frequência não serão suficientes para explicar as mudanças que ocorriam, muito menos explicam as coisas.

Ademais, "[...] isso não significa que a interação entre exigência e prática não possa ser tratada e avaliada como uma interação prática" (FEYERABEND, 2011, p. 283), mas essa diferença deve estar condizente com a atitude do observador e a do participante, de um lado, defendendo a objetividade, seus valores, tradição, em vez de examiná-la e, de outro lado, a diferença que propositará tal unilateralidade.

Dessa maneira, observa-se o relato de D6, quando pontua que instiga a pesquisa e autonomia como meio de valorizar as opiniões contrárias. Nesse aspecto, Harari (2018) enfatiza a importância de analisarmos as situações de modo a ir ao encontro de uma compreensão quanto aos comportamentos e pensamentos, privilegiando o que acontece a cada momento, para somente, assim, tornar-se capaz de ter consciência dos desafios e escolhas de hoje, e isso fica elucidado nos relatos dos docentes, afinal estão fazendo o movimento de experimentação versus ação versus reflexão.

Sobre isso, Kelly (2017) afirma que, o desenvolvimento da linguagem passa a ser um meio de autogeração que pode transformar as novas ideias. Sem a estrutura cerebral da linguagem, seria impossível acessar nossa própria atividade mental e nos levaria à incapacidade de fazer diferente. Porém esse fator não pode, de certa forma ser confundido com a qualidade do conhecimento, mas com a sensibilidade de uma educação nada superficial. Nesse ínterim: "[...] não é indubitável aquilo em que acreditaram tantos educadores e filósofos otimistas, ou seja, que uma educação liberal, ao alcance de todos, garantiria um futuro de progresso, paz, liberdade e igualdade de oportunidades, nas democracias modernas" (LLOSA, 2013, p. 17-18), sendo necessário muito mais, isto é, docentes e discentes com a expertise em 'Ser e Fazer' uma educação crítica e libertadora.

Diante essa posição Roldão (2007) sustenta que outro fator a ser alavancado é a capacidade analítica e o aspecto da prática reflexiva, que está diretamente relacionado ao agir docente de forma rotineira, mesmo quando relacionado ao conhecimento técnico o qual legitima o saber docente em seu cotidiano. Esse fator está associado à natureza mobilizadora e interrogativa que os pesquisados mostram frequentemente em suas respostas, o qual no contexto social, busca-se uma mobilização do conhecimento D10, que permanentemente acessa jornais nacionais e internacionais em busca de manter-se atualizado dentro e fora de sua área de atuação, pois dessa forma, por meio da atualização, leva os alunos à reflexão dos diferentes assuntos.

Outro fator gerador de especificidade, está relacionado à meta-análise, assim como da habilidade e circulação, na qual a meta-análise se relaciona à desconstrução e desocultação e a articulação dos saberes. Ao tratar da prática docente como uma ação de ensinar, sendo essa ação inteligente e fundada em um domínio seguro. O autor supradito assegura que o saber depende de diversos saberes formais e experienciais, advindos de um processo mobilizador e transformativo, de um pedagógico contextual prático e singular (ROLDÃO, 2007).

Por conseguinte, no Quadro 5, a análise se volta aos valores humanos que os docentes percebem emergir de suas práticas sendo estes: a ética, respeito interpessoal, empatia, ênfase aos direitos sociais e políticos, assim como a resiliência.

4.2.5 Categoria de pesquisa – Valores Humanos

Quadro 6 - Quais são os valores humanos que o (a) Sr.(a) percebe emergir no desenvolvimento de suas práticas?

Docentes	Respostas
D1	Empatia, respeito com certeza são os mais trabalhados. Outros valores como ética, amorosidade.
D2	O trabalho em equipe, a valorização do indivíduo.
D3	Transparência nas ações.
D4	Ética e responsabilidade. Sustentabilidade também é algo que fomento.
D5	Vejo positivo, pois temos o resultado na contratação de acadêmicos do curso de contábeis - UNIFEFE.

D6	Empatia. Carinho. Amor. Segurança. Respeito. Autoconfiança. Senso de equipe.
D7	Valor para si, valor para seu meio, para sua cidade, seu estado, seu país, e o mundo como um todo - pois não isolo o indivíduo dessas questões em seu cotidiano de aprendizagem e troca.
D8	Respeito e igualdade.
D9	Respeito, empatia, solidariedade.
D10	Integridade, busca pelo conhecimento, igualdade, honestidade, empatia, trabalhar com causas minoritárias: indígenas, amor e justiça.

Fonte: A autora, 2021.

Tendo em vista o emergir dos valores humanos em suas práticas, os docentes pesquisados apresentam-se voltados a desenvolver tais competências e ou habilidades, mostrando de modo unânime ser importante considerar a ética, amorosidade, trabalho em equipe, valorização do indivíduo, transparências nas ações, responsabilidade, sustentabilidade, empatia, carinho, amor, segurança, respeito, autoconfiança, igualdade, solidariedade, justiça, assim como as causas minoritárias como a dos indígenas.

Por esse enfoque o olhar ao outro, em um movimento de empatia, torna-se imprescindível, independentemente da profissão no futuro. Mostrar-se empático é olhar além de si, ver este 'Outro' como a 'Si- Mesmo', e esse movimento nem sempre é tarefa fácil ou rotineira, muito em função da vida acelerada que estamos vivendo, quando, por vezes, o que mais importa é o Ter em detrimento do Ser.

Dentre os valores prementes a serem desenvolvidos, os docentes citam inclusive o valor para Si e o valor ao meio (cidade, estado e seu país) D7, deixando claro uma visão tanto micro como macrossistêmica, sendo essas questões trabalhadas no cotidiano pedagógico em um movimento de troca. Tal ideia nos remete ao que Harari (2016) trata no que diz respeito ao tão necessário aprimoramento das sensações e sensibilidades no que tange ao nosso externo, muito embora não seja possível experimentar algo em sua integralidade quando não desenvolvemos a sensibilidade para tal. Nesse sentido, parece claro que tal profissional pode ser considerado 'sensível', por trazer à tona esses valores, sendo cauteloso em buscar desenvolver tais requisitos, proporcionando aos seus discentes a experiência em um movimento sequencial como ressalta o referido autor.

Esses valores ultrapassam a educação padronizada, como asseveram Staker e Horn (2015), advinda de um modelo industrial que foi eficaz em um momento no qual os objetivos eram voltados à industrialização.

Atualmente, em plena Era da Revolução 4.0 (Sociedade e Educação contemporânea), a tônica se volta ao mundo econômico na riqueza gerada com muito menos trabalhadores, isto é, os 'bens de informação', com custos praticamente nulos de armazenamento, transporte e replicação, exemplo disso: o *Instagram* e o *WhatsApp*.

Nesse sentido, Schwab (2016) nos revela que as tendências passam a ser:

- a) o uso de veículos autônomos;
- b) impressão em 3D;
- c) robótica avançada;
- d) novos materiais;
- e) Internet das Coisas (IoT);
- f) dispositivos conectados à internet;
- g) economia sob demanda e/ou compartilhada;
- h) redução dos custos e aumento da facilidade do sequenciamento genético e, ultimamente, na ativação ou edição de genes;
- i) biologia sintética;
- j) desenvolvimento de novas maneiras de incorporar e empregar dispositivos que monitoram nossos níveis de atividade, nossa composição sanguínea e relacionar tudo isso à produtividade, à saúde mental e ao bem-estar em casa e no trabalho;
- k) entre outros, que parece claro não estar relacionado ao desenvolvimento de valores subjetivos.

Evidentemente o que está posto na contemporaneidade já se mostra uma realidade, porém, atualmente a mudança está pautada no FIB (Felicidade Interna Bruta) e não mais no PIB (Produto Interno Bruto). As pessoas não querem somente produzir, mas serem felizes, já que a produção material está voltada para a satisfação das necessidades e para a felicidade. Nesse sentido, a felicidade está em segundo lugar na eleição das pessoas quanto aos seus objetivos, porém nem tudo é assim tão fácil, em função da felicidade não ser um estado que se possa ter quando se deseja (HARARI, 2016).

Por mais que tenhamos todos os recursos tecnológicos e máquinas à nossa disposição, de acordo com autor citado anteriormente, assim como somos mais livres

quanto ao sexo, os níveis de percepção quanto à felicidade não aumentaram, permanecendo os mesmos desde 1950.

A felicidade está relacionada à percepção e sensação de prazer e esse estado não se mantém constantemente em nosso corpo, assim como não vamos apagar o mundo de ontem e substituir pelo novo, o que podemos fazer na qualidade de docentes é trabalhar de forma coletiva para a comunidade colaborativa, na qual as estratégias educacionais possam estar alinhadas para as soluções dos problemas sociais, dedicando parte do tempo de aula para discutir e levantar questões relacionadas a atitudes e aptidões perceptivas que levam a todos para uma visão valorativa de toda sociedade.

Medicar e diagnosticar patologias está sendo uma saída 'fácil' para o enfrentamento dos problemas sociais, educacionais e funcionais, tudo em nome de entorpecer e ter a débil sensação de felicidade e bem-estar. "[...] para o rolo compressor capitalista, felicidade é prazer. Cada ano que passa diminui nossa tolerância em relação às sensações que não oferecem prazer e aumenta nossa ânsia por sensações que o provocam" (HARARI, 2016, p. 51).

Diante disso, Torodov (2010) destaca que o passo decisivo para direção de uma civilização mais aprofundada é reconhecer que existem culturas diferentes da nossa, que organizam sua sociedade de forma também dissemelhante, que possui costumes diferenciados e que ter uma cultura não significa ficar confinado nela, afinal pode-se aspirar valores desiguais a uma civilização. Considera-se, nesse sentido, a pluralidade das culturas que não impede a unidade da humanidade, pois nenhuma cultura traz em seu bojo a marca da barbárie por não ter nenhum povo definitivamente civilizado. Esse é o caráter próprio da espécie humana.

Para tal, apesar de os docentes pesquisados terem elencado valores humanos semelhantes, dentre estes houve formas de expressar valores próprios de Si, levando em conta a sua cultura individual como D5 afirma, que os resultados da formação levam os acadêmicos a contratações pelo mercado de trabalho, assim como (D10) quando cita as minorias (povos indígenas), como já ressaltado.

Diante de tal situação Lipovetsky (2007) afiança que as modificações ocorrem tanto no meio social quanto no individual, e o que se busca é um encadeamento dos pensamentos para se compreender tal mudança. Quando não concebemos a necessária transformação podemos correr o risco de nos decepcionar, e esse

resultado pode ser em decorrência de Si e de seus valores primordiais, isto é, os padrões tidos por alguns como tradicionais.

Souza (2015) a isso sugere que a educação brasileira, por vezes, tem sido pautada em ‘falsos mitos’, em que a percepção do mundo de fora explica as dualidades quanto à exploração e injustiça que por vezes ocorre na sociedade, porém ao tratar da valorização do indivíduo (humano) como eleger D2, passamos a canalizar a atenção àquilo que mais importa, o humano, que em sua humanidade se responsabiliza por suas atitudes e escolhas, envolvendo-se em seu processo de aprender e corrigindo as deformações que o impede de analisar e refletir sobre Si e seu Mundo.

Sendo dessa forma, os valores humanos, citados pelos docentes, quando realmente são privilegiados, engrossam o ‘caldo’ da vida e da cultura e preparam os jovens para fluírem na sociedade, assim como no mundo de trabalho, tão carente de uma ação exclusivamente humana na qual a compreensão de ‘para onde vamos’, deixa de ser uma ideia, para ser uma ação ao encontro dos infinitos desafios e barreiras presentes nas relações tanto individuais quanto sociais e dos grupos.

Dando sequência à análise dos docentes do Ensino Superior, no Quadro 6 está sendo apresentado os resultados no que se refere à categoria de pesquisa Educação no processo civilizatório.

4.2.6 Categoria de pesquisa – Educação no processo civilizatório

Quadro 7 - Como o (a) Sr. (a) compreende a relação entre os saberes tecnocientíficos com as variáveis contemporâneas em seu cotidiano laboral?

Docentes	Respostas
D1	Uma relação que pode ser boa quando usada de forma saudável, as tecnologias podem somar muito no processo ensino aprendizagem, mas observa-se que os alunos usam de forma pouco proveitosa para o conhecimento. Ficam presos às redes sociais apenas para “falarem de alguém ou coisa”, não usam os recursos tecnológicos em busca de sites confiáveis, de documentários, textos produtivos.
D2	Minha profissão exige muita atualização, e os saberes Tecnocientíficos permitem que essa atualização aconteça de forma mais eficaz.
D3	Representa um desafio constante, um compromisso diário em nossas atividades.
D4	É sempre um desafio a tecnologia a serviço da prática pedagógica. O aluno precisa se tornar proficiente no uso da tecnologia e não apenas alfabetizado. Mas ao mesmo tempo deve-se zelar para a tecnologia não se tornar o único propósito da aula. Tecnologia é ferramenta e não fim.

D5	Procurando desenvolver o saber crítico.
D6	Penso que um ensino contemporâneo está completamente concatenado aos saberes tecnocientíficos. Mesmo que a tecnologia seja mais próxima de uns que de outros, devido às diferenças sociais e culturais, a realidade do mundo contemporâneo é tecnológica. Por isso, a ciência hoje se mescla com a tecnologia. Para isso, vejo fundamental o papel do professor como facilitador atento e sensível às necessidades e demandas dos alunos.
D7	Compreendo que o mundo está mudando, e esses saberes estão em franca metamorfose, então acredito muito na adaptação intencional, e penso que as questões técnicas e científicas estão fortemente voltadas para um saber mais líquido, ou menos gasoso.
D8	No caso da minha realidade, acredito que estejamos muito próximas, uma nascendo da outra, ou vice-versa.
D9	Penso que neste período de pandemia, a relação é de simbiose.
D10	Compreendo que esta relação deve estar alinhada ao bem comum, ao desenvolvimento de uma educação libertadora a todos. Parafraseando Paulo Freire: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Aqui podemos alinhar os saberes tecnocientíficos com as variáveis contemporâneas. E podemos ir além ... podemos usar os saberes tecnocientíficos como um instrumento de educação libertadora: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”. Acredito que tudo começa pela formação docente! Professores: educadores que podem transformar vidas e destinos de uma pessoa ... e de uma nação.

Fonte: A autora, 2021.

Ao analisar os dados obtidos, no que tange à Educação no processo civilizatório, que leva em conta a relação dos saberes tecnocientíficos e as variáveis contemporâneas, os docentes compreendem e consideram que os conteúdos a serem ministrados podem ser associados ao uso das tecnologias quando essa relação se mostra saudável, pois elas podem ter o potencial de agregar valores no processo de ensino e aprendizagem como ressalta D1, a qual afirma que a tecnologia pode ser proveitosa quando os discentes não ficam presos a redes sociais, e quando utilizam sites confiáveis em busca de documentários e textos produtivos.

Todavia a consciência do que fazer e como conceber neste caso, parte novamente da escolha de quem gera, e aí, nesse sentido, cabe ao docente planejar sua ação pedagógica voltada a expandir as possibilidades de atuação, que não alicerce a cultura do descarte, mas sim das múltiplas possibilidades.

A isso, Bazzo (2014, p. 195) enfatiza que:

[...] a humanidade vive uma *aventura desconhecida*, ninguém se arvera a afirmar contundentemente o que será o amanhã. São todos obrigados por isso mesmo a tomar consciência da aventura humana, no plano científico-tecnológico, técnico, moral etc., e ao mesmo tempo são convocados a cuidar do planeta como um todo, sendo a educação do humano tomada como ponto de partida. Portanto, discutir sobre o homem, o ambiente e a educação requerem também a proposição de indicativos de ação e de pessoas comprometidas com a sua execução.

A isso, Sartori (1998) assegura que as civilizações se desenvolviam no século anterior, por meio das escritas e pelo trânsito da comunicação (imprensa) e esse percurso teve seu ápice no século XVIII e XIX. No século passado inicia um novo e diferente ciclo do avanço tecnológico com o telescópio e a televisão. Com estes desaparecem a distância e empobrecimento da comunicação imediata, quando por meio do rádio essa diferença desaparece, ou melhor é eliminada, visto que se difunde a natureza simbólica do homem. Sobre isso, atualmente Bazzo (2014, p. 19) sustenta que “[...] os recém-formados parecem não mais atender às questões contemporâneas que, mais do que nunca, não estão simplesmente atadas aos assuntos que dizem respeito somente às técnicas”.

E nesse sentido D3 salienta que todo esse processo se torna um desafio constante e um compromisso diário, afinal para D4 o aluno precisa se tornar proficiente e não somente alfabetizado na tecnologia, apesar de este não dever ser um único propósito para a aula. Nessa argumentação destaco Sartori (1998), quando discute o processo tecnológico como temido ou rechaçado em que em um primeiro momento passou ao homem a impressão de ser substituível.

Atualmente, levando em conta o que o docente D4 traz, observa-se o contrário, pois ele concebe a tecnologia como um desafio, mas dessa vez sendo a serviço de uma prática pedagógica, não se configurando em um único meio, mas D6 declara ser uma mescla, na qual o professor tem um papel fundamental como um profissional atento e sensível quanto às necessidades e demandas dos alunos.

Dentro desse contexto, o autor acima destaca que o progresso, no que tange à evolução do conhecimento, deve ser entendido no sentido significativo da qualidade da nova civilização, e esse conceito é aceito por amplos segmentos da sociedade como novidade, já que o conceito de progresso livraria o homem do medo e dissolveria os mitos e afirmaria a superioridade humana pelo saber e não pela imaginação. Nesse panorama D7 reconhece que compreende que os saberes passam por uma

metamorfose, em que as questões técnicas e científicas estão fortemente voltadas para um saber mais líquido ou menos gasoso.

Consonante a isso, Dupas (2006) releva que o sujeito se coisifica quando elimina sua consciência, transformando-se em um mito; e a razão, em um instrumento universal de economia. O que temos, por consequência, é o aumento das necessidades individuais e a ânsia pelo prazer material, desencadeando a cobiça nas diferentes esferas sociais, na qual tudo é pressa e agitação em busca de maiores estímulos para prazeres intensos. “No discurso dos financiadores da ciência e da tecnologia, a única disputa que interessa é a do poder para aumentar a acumulação” (p.116).

Bazzo (2014, p. 25), entretanto, enfatiza que no que diz respeito à educação:

[...] precisamos levar em consideração esses aspectos e ter sempre em mente que a condição humana deve ser o objeto essencial do ensino. Precisamos estar conscientes que, ao atuarmos na educação tecnológica, trabalhamos o reconhecimento da unidade e da complexidade humana, reunimos e organizamos conhecimentos dispersos [...].

Corroborando a isso D10 sanciona que podemos ir além, sendo possível usar os saberes tecnocientíficos como um instrumento na educação libertadora, e que este mesmo professor é capaz de transformar vidas e destinos, até mesmo de uma nação. Assim sendo, convém destacar Schwab (2016), o qual afirma que a Era da Revolução Digital não está transformando apenas o que fazemos, mas quem somos, e seus impactos sobre os indivíduos são múltiplos, afetando nossa identidade e as diversas facetas relacionadas a ela, assim como: nosso senso de privacidade, nossas noções de propriedade, nossos padrões de consumo, o tempo que dedicamos ao trabalho e ao lazer, a forma de desenvolvermos nossas carreiras e cultivarmos nossas competências, podendo, assim, transformar toda nossa vida como destaca D10.

Cabe considerar, nesse ínterim, que a pandemia COVID-19 de certa forma, em algum sentido pode ser a causadora de uma relação simbiótica com a tecnologia como traz D9, em que essa nova revolução pode alterar a forma como:

[...] conhecemos as pessoas e consolidamos nossos relacionamentos, as hierarquias das quais dependemos, nossa saúde, e talvez mais cedo do que pensamos, poderá levar a formas de aperfeiçoamento humano que nos farão questionar a própria natureza da existência humana (SCHWAB, 2016, p. 99).

A única certeza que parece estar sendo privilegiada pelos agentes da pesquisa, é que à humanidade requer um olhar prospectivo no qual sejam levados em conta os valores humanos, associados aos conteúdos técnicos e às variáveis contemporâneas (IA- inteligência artificial; internet das coisas, mídias, fome mundial, pandemias, falta de emprego, desequilíbrio emocional, geração internet, entre outros), e tudo mais que rodeia nossa realidade pessoal e social, assim como nossas necessidades no cotidiano como um todo, inclusive na formação e atuação profissional.

Cabe neste momento destacar Bazzo (2019, p. 202), o qual sustenta que:

[...] a novas variáveis contemporâneas, que nos acantonam como humanos perante o desenvolvimento tecnológico, serão supridas por uma educação que nomeie metaforicamente, neste ensaio, de “desobediente”. Isso é fundamental e é a gênese para uma refundação dos modos de relação, produção e distribuição de bens entre os homens, as mulheres e as crianças.

A rigor, as variáveis postas levam o humano a voltar sua atenção aos valores humanos, aos saberes tecnocientíficos e tecnologias, levando em conta que suas atitudes podem e devem ser alicerçadas na sua ação versus reflexão. No Quadro 8 os pesquisados, nesse mesmo viés analisar os saberes tecnocientíficos, assim como os valores humanos e buscam descrever como estes ocorrem em seu fazer educacional, analisando de modo mais contundente a categoria Educação no processo civilizatório novamente, como apresentado a seguir.

Quadro 8 - Como docente do Ensino Superior, você se percebe fazendo um movimento de trazer à tona discussões que possibilitam o desenvolvimento dos saberes tecnocientíficos, aliados aos valores humanos na sociedade contemporânea? De que forma isso ocorre?

Docentes	Respostas
D1	Conforme descrevi antes, trabalho muito com estudos de caso, e insiro muito os dados socioeconômicos, culturais, ambientais, além de discussão de fatos de mídia que permitem a reflexão de diferentes temas. Conversas em intervalos (aula presencial). Também permitem muito essa troca.
D2	Eu trabalho da forma que devemos usar os saberes para uma melhor sociedade.
D3	Não.
D4	Entendo estar contribuindo para isso. Especialmente a atuação na pós-graduação <i>stricto sensu</i> na disciplina de metodologia de ensino superior procuro refletir muito sobre tornar a própria prática docente objeto de pesquisa. Nesse sentido, a docência no ES (ensino superior) exige pesquisa de duas vias ao profissional, qual seja, na área do conhecimento específica e na docência propriamente dita. Na graduação, procuro sempre refletir sobre a própria estratégia de ensino escolhida com os alunos, para que percebam os processos mentais pelos quais o conhecimento é constituído.

D5	Este movimento ocorre pelas vantagens que se tem nesta época atual.
D6	Essa é uma das minhas maiores batalhas. Como antropóloga, busco constantemente fazer refletir sobre esse tema. É urgente enxergar a tecnociência como um instrumento, não como um ser vivo com vontades próprias, mas como ferramenta que é conduzida pelo ser humano. É urgente colocar o ser humano como guia e condutor da tecnologia, tirando-o da posição de vítima passiva. Mas para isso, é necessário reflexão e postura para assumir seu papel. Gosto muito de debater sobre tudo o que fazemos em sala. Instigo para metodologias que visam a autonomia e o questionamento.
D7	Sim! Busco tornar as questões tecnocientíficas menos estranhas ... trazendo-as para o cotidiano e justamente tornando-as não como um mistério, mas como uma busca do ser humano.
D8	Sim. A partir de discussões sobre temáticas que surgem.
D9	Creio que sim. Procuramos associar o acesso à justiça, hoje completamente pela via tecnológica, com a necessidade da compreensão do ser humano e suas necessidades vitais.
D10	Sim, com certeza! 11 anos de formação na área de ciência política há uma interação permanente com prática de vida e prática pedagógica. Ver o que se transmite! Acho que aqui mora a educação o que liberta! Os alunos sentem muito isso. Entendemos quando há uma conexão com prática e teoria na vida do docente. E em sala de aula, os exemplos revigoram a educação, a aprendizagem.

Fonte: A autora, 2021.

Complementando o que foi analisado anteriormente, esta última questão traz à tona novamente a percepção dos docentes quanto à necessidade de se levar em conta os valores humanos, assim como o desenvolvimento dos saberes tecnocientíficos na sociedade contemporânea, e como os docentes lidam com estas no cotidiano pedagógico.

Somente um dos docentes participantes da pesquisa revela que não se percebe fazendo um movimento de trazer à tona tais discussões D3, em contrapartida D4 afirma que sempre busca refletir com os alunos sobre suas estratégias de ensino para que eles percebam os processos mentais pelo qual o conhecimento é constituído, e nessa perspectiva, Perrenoud (2000, p. 15) apresenta o termo competência, o qual destaca ser uma “[...] capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação”, ou seja, não são elas mesmas (as competências) saberes, habilidades (*savoir-faire*) ou atitudes, mas mobilizam, integram e orquestram tais recursos em situações singulares.

Ademais, entende-se que o exercício da competência depende de operações mentais complexas, subentendidas por esquemas de pensamento que permitem determinar e realizar uma ação relativamente adaptada à situação. Assim como, a

construção das competências profissionais acontece no labor diário de um professor, de uma situação de trabalho à outra.

Ao conceber tal prospectiva, os aprendizes não são uma tábula rasa, pelo contrário, pensam e já fazem parte daquilo que se deseja lhes ensinar, possuindo suas concepções prévias, e “Até mesmo ao final dos estudos científicos universitários, os estudantes retornam ao senso comum [...] como se o ensino teórico expulsasse, na hora da aula e do exame, uma ‘naturalidade’ prestes a reaparecer a todo vapor nos outros contextos” (PERRENOUD, 2000, p. 28).

O conhecimento já construído na mente do aluno obstaculiza o ensino, e, neste caso, o professor deve trabalhar a partir das representações dos aprendizes, dando-lhes direitos nas aulas, dialogando com eles, fazendo com que avaliem suas concepções de modo que se aproximem dos conhecimentos científicos a serem ensinados, pois passa a ser dessa forma, que se pode ir ao encontro de ‘uma sociedade melhor’ D2.

Martins (2015) ratifica que, de certa forma, há muito tempo vem sendo discutido pelo caminho equivocado o processo de ensino-aprendizagem, pois o que ensinar está na contramão da concepção da consciência. Na visão consensual, trava-se uma batalha quanto ao reconhecimento do que ensinar, uma vez que este conteúdo deve ser parte de um processo de transformação, para, somente após isso, chegar à sala de aula, tendo como premissa a simplificação e ajustes, pois como afirma D9 ao menos no acesso à justiça hoje, por meio tecnológico e digital, torna-se necessário a compreensão do Ser humano e suas necessidades vitais.

Nesse ínterim, Pérez *et al.* (2017) entendem que as ações dos cientistas são influenciadas pelos problemas e circunstâncias do momento histórico que refletem, dessa forma, no meio físico e social em que estão inseridos. Em consequência disso, mais uma vez acentua-se que fazer ciência não deve ser entendido como uma tarefa de ‘gênios solitários’, desligados da realidade, preocupados tão somente com a transmissão de conteúdos e treinamento de algumas destrezas, mas se deve levar em conta “[...] os aspectos históricos, sociais, culturais, políticos, que caracterizam o trabalho científico no seu contexto, bem como o desenvolvimento científico” (*ibidem*, 138).

Diante do exposto, de modo que se favoreça a construção de conhecimentos científicos e se corrija as deformações na ciência, entende-se ser primoroso que os professores incluam novos aspectos no currículo de ciências, de modo que não se

caia em visões simplistas sobre ela, iniciando-se pela apresentação de situações problemas que despertem o interesse dos seus alunos. Nesse aspecto, solicita-se realizar uma significativa análise que lhes permita formular perguntas operativas de modo a chegar à formulação das hipóteses quanto ao conhecimento disponível, bem como de refletir sobre os possíveis conflitos que surgem após o resultado das concepções iniciais.

Tendo em vista a isso, D10 sustenta que sua formação na área de ciências políticas o faz manter uma interação com a prática pedagógica, pois acredita que a educação liberta, ao entender que ocorre conexão do que se estuda em sala de aula com a vida, afinal os exemplos revigoram. Acredito que muito mais que revigorar, como afirma D10 esses exemplos se perpetuam na ação e fazem desse conhecimento algo possível de se apaixonar.

Nesse sentido, como é possível tornar o conhecimento apaixonante por si mesmo? Essa é uma competência que perpassa pela identidade e projeto pessoal do professor, que deve saber se comunicar, seduzir, encorajar e mobilizar, envolvendo-se como pessoa. “A paixão pessoal não basta, se o professor não for capaz de estabelecer uma cumplicidade e uma solidariedade verossímeis na busca do conhecimento” (MARTINS, 2015, p. 38).

Outrossim:

Para que aprendam, é preciso envolvê-los em uma atividade de uma certa importância e de uma certa duração, garantindo ao mesmo tempo uma progressão visível e mudanças de paisagem, para todos aqueles que mesmo têm a vontade obsessiva de se debruçar durante dias sobre um problema que resiste (*ibidem*, p. 36).

Portanto, entende-se que o professor ao buscar esse conhecimento com seus alunos, renuncie à concepção de que sabe tudo, demonstre suas próprias divagações e ignorâncias, proporcionando com isso uma realidade multidimensional, na qual a dialética ocorre, num jogo de interretroação em contínuo movimento, em que as novas invenções e criações técnicas, culturais e ideológicas podem produzir as transgressões, a fim de modificar os princípios da evolução.

Cabe considerar, todavia que, o jogo do ‘vir a ser’ é percebido como um complexo processo de transgressões, crises, perturbações e rupturas que podem causar desvios e realinhamentos dos processos, já que os fins se transformam em meios e esses se transvertem em fins. Substancialmente, nesse viés D1 assinala que

as conversas em intervalos de aulas também permitem uma troca, e a meu ver em algumas situações muito formadoras, por todos estarem em um ambiente de livre percepção e livre aceitação.

Diante dessa prerrogativa, o futuro enche o presente de incertezas, levando o ser humano a buscar o enfrentamento de sua realidade e dificuldade atual, que está aportado no movimento do mundo em que vive, considerando o entrelaçamento entre passado/presente/futuro de modo que se possa explorar as turbulências do presente *na e com a incerteza* (MORIN, 2012).

Para tal, “A diferença essencial entre a cultura do passado e o entretenimento de hoje é que os produtos daquelas pretendiam transcender o tempo presente, durar, continuar vivos nas gerações futuras, ao passo que os produtos deste são fabricados para serem consumidos no momento e desaparecer” (LLOSA, 2013, p. 27). Vê-se, desse modo, que neste novo tempo é necessário o desaprender e desconstruir os preceitos que estão designados à educação, afinal ela vai além do transmitir e construir conhecimentos, esta deve estar articulada com as diversidades de tudo que é ‘humano’, tanto no aspecto físico como biológico, psíquico, cultural, social e histórico.

Cabe, nesse sentido, um movimento de acolhimento a este humano, privilegiando a aprendizagem em detrimento do ensino meramente burocrático a favor de um conhecimento que promova “[...] apreender os problemas globais para nele inserir os conhecimentos parciais e locais que servem de chave mestra para reverter a falta de contextualização empreendida em nossas lições técnicas” (BAZZO; PEREIRA; BAZZO, 2016, p. 22), em que o aprender e desaprender passa a ser a tônica da educação em um exercício que romperá modelos antigos, adequando-os à civilização contemporânea, em um movimento que leve em conta os valores humanos, no qual se desenvolvam habilidades e competências promotoras de análise crítica tanto individual quanto coletiva, ainda mais neste momento em que o distanciamento social é a prerrogativa de nossa sobrevivência.

5 CHEGADA AO DESTINO

Que destino seria este? Dentre muitas estradas e diversos caminhos trilhados, percebo que nunca chego a algum lugar confortável ao ponto de me estabelecer e parar. Sei que muito tenho a caminhar, e como uma eterna inquieta compreendo que *a priori*, não vou me contentar e dizer: cheguei a um lugar definitivo!

Esta tese reitera mais uma vez essa busca insurgente da qual vivi por toda minha existência, regada de muitos momentos os quais me vi permanecendo em alguns lugares, mas nunca parando por muito tempo, pois creio que a vida nos proporciona infinitos momentos de sensação e completude, mas nunca de estar completa a ponto de estagnar. Desde o início, de certa forma, sabia que desfrutaria de momentos de relax, mas que teria que buscar e descobrir incessantemente, afinal a educação, a sociedade e a tecnologia nos impelem a ir mais e mais, já que ela está em um fluxo interminável como a sociedade é, um ir e vir de interferências e interconexões.

Como toda trajetória, este trabalho me fez conceber que as possibilidades de superação e percepção são múltiplas e, por isso agora me vejo com a sensação de quero mais, pois, apesar de compreender, ainda não me satisfiz por completo e acredito que até que tenha vida existencial isso permanecerá. Não vejo esse sentimento como algo que parece insatisfação de Ser, mas como uma mola propulsora para experienciar as infinitas perspectivas que se abrem diante do que se tem.

Quando me perguntei no princípio: De que forma os docentes do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBS) percebem a educação do ensino superior no que se refere aos saberes tecnocientíficos, os valores humanos e as variáveis contemporâneas, no processo civilizatório, estou perguntando a mim mesma o que isso significa, para que serve, e de que modo posso ou podemos fazer uma educação mais condizente com a nossa verdade, isto é, como tudo isso significa nosso conceber diário, sem que este fazer seja contrário a tudo que engloba o nosso SER, afinal de nada vale saber fazer, se este está atrelado somente ao TER.

Quanto à compreensão desse contexto, busco em autores contemporâneos e nos clássicos uma estrada mestra, a fim de balizar o que poderia me dar um norte nessa busca. Com grande prazer entrei em contato com diversas visões, que por vezes se mostraram contrárias em função de suas epistemologias, e foi justamente

nesse campo que encontrei a grande riqueza, pois a meu ver as contrariedades é que propositam as infinitas discussões e análises. Dentre estes, a princípio mergulhei nas obras de Walter Antonio Bazzo que neste momento é o autor que trata de forma mais veemente sobre as variáveis implícitas na sociedade e as influências e ou interferências da tecnologia, aquecido por sua página e seu grupo de estudo NEPET.

Após este aprofundamento parto para a pesquisa empírica, e nesse sentido me preencho de satisfação ao perceber que os docentes, parceiros de trajetória, corroboram com a minha sensação e desejo de um mundo e sociedade mais humanizados, em que os valores humanos sejam levados em conta, nos quais os saberes tecnocientíficos, sim, podem e devem ser considerados. Em que o nosso papel de agente de transformação ultrapassa todo e qualquer mecanicismo, em cujo caminho suplanta os procedimentos fechados e vão ao encontro da reflexão e do conhecimento, passando por uma compreensão do que é para que, em uma dinâmica múltipla da subjetividade humana. Isto é, no respeito do que cada um de nós é capaz de realizar, buscando soluções plausíveis e não utópicas, mas sempre com a certeza de que, por meio das provocações e exercícios práticos de reflexão, somos capazes de transcender.

A isso, o Ensino Superior, assim como os sujeitos que ali transitam, e ou permanecem por um tempo, possuem sim, algumas demandas, mas estas se voltam a superar certas necessidades técnicas e tecnológicas, que acredito podem estar vinculadas a uma atualização, que a meu ver está implícita nessa busca de mais e mais, em uma dinâmica de ter mais palpável aquilo que se desconhece *a priori*. Estudar, buscar e superar limitações me parece fazer parte do humano que não se contenta em estagnar, e foi nesse sentido que percebi os colegas, nessa busca de atualização em sua prática, mesmo porque neste momento enfrentamos múltiplas variáveis, tanto sociais quanto educacionais, em meio às incertezas diárias com o convívio, em época de pandemia (COVID-19), e nesse cenário como já mencionado, a UNIFEBE proporciona suporte, tanto em cursos de capacitação quanto na formação educacional e institucional.

Quando esta tese foi pensada em 2017, discutir as variáveis contemporâneas, por vezes limitava-se a obras que tive contato, como exemplo, Bazzo (2019), entre outras, e a variável pandemia, na obra de Harari (2016). Em momento algum, naquela época poderia imaginar, hoje estar convivendo tão intensamente cada uma dessas situações. Estar neste tempo, na prática cotidiana, tanto da sociedade como na

educação, faz-me olhar mais a fundo a prática do cotidiano educacional, e de que forma os saberes tecnocientíficos e os valores humanos proporcionam e propositam uma educação crítica, reflexiva e libertadora.

Acredito que por estar nesse contexto, e neste momento ímpar, pude viver intensamente cada um dos sentimentos que muitos colegas pesquisados viveram e vivem e que de certa forma deixam explícito em seus relatos, de grandes incertezas, porém, com uma enorme possibilidade de fazer crescer em Si a subjetividade humana regada de medos, dúvidas e incertezas, mas com um grande cabedal de questões a serem discutidas no vivido, sem utopias ou fantasias, mas no real vivencial, sustentado na existência e transparência. A isso percebo que emerge os tais valores humanos que, prioritariamente, buscava ver crescer na educação e na sociedade.

Ademais, confesso que me preenchi de felicidade ao ver resplandecer e crescer o cuidado consigo e com os outros nos quais a ética, a amorosidade, a transparência nas ações, a responsabilidade, a sustentabilidade, o respeito, a autoconfiança, a igualdade, a empatia, entre outras, florescem nos discursos e ações dos docentes, como algo a trabalhar e buscar alcançar, isto é, fazendo emergir esses valores em meio aos fazeres tecnocientíficos e todas as outras exigências educacionais mais burocráticas.

Por ser dessa forma, as variáveis contemporâneas, assim como a tecnologia, passam a ser um propositor da prática laboral e não um obstaculizador, sendo vistos por muitos como um incremento a ser somado no processo de ensino aprendizagem, e a isso me vem à mente Kelly (2017), o qual nos alertava para não colocarmos a tecnologia como uma ameaça, e sim como mais uma possibilidade deste *técnico* ser sim nosso aliado. Quanto a esse contexto, de forma simplista, percebi nesta trajetória que a maioria dos docentes corroboram com essa ideia, pois ressaltam que ela faz parte da cultura e sociedade atual, e que o cuidado deve ser voltado a não utilizá-la para transformar as relações em estado líquido (P7), isto é, que nosso olhar seja, todavia, voltado para o que efetivamente interessa, utilizar estas tecnologias que estão a nosso dispor como mais um instrumento e não um fim, aliado ao desenvolvimento de uma educação libertadora a todos como nos pontua (P10).

Mediante a isso, as práticas pedagógicas da Educação no processo civilizatório, faz-nos ponderar sobre nosso papel na qualidade de educador, professor, docentes, no qual, em sua função de facilitador atento e sensível a todas as

necessidades e demandas, precisamos sim estar atentos à nossa própria identidade, que, por si só, não pode ser vislumbrada unicamente na coletividade.

Neste propósito me volto à Psicologia da Gestalt (Perls), a qual salienta que é por meio do contato que construímos nossa identidade, mas um contato consigo mesmo, com a significação e percepção do que ocorre em Si, e é nesse viés que o movimento dialético acontece, fazendo desenvolver um infinito potencial de autoconhecimento e crescimento humano, no qual tudo é possível na essência do Ser em Si, para somente após esse momento se voltar ao coletivo e tocar a alma de outrem, afinal a consciência não é algo que está dentro de nós protegida com um invólucro, mas se encontra na mediação entre o mundo e a intencionalidade do sujeito que transcende sua realidade.

Tendo isso como premissa que me volto à escolha de Feyerabend (2011) e Morin (1998), como epistemólogos que me guiam neste momento, pois eles me cedem licença para ser livre e até mesmo insubordinada, pois acredito que as percepções ocorrem a partir de uma individualidade essencial, isto é, de uma essência que é própria e individual. Essa essência que fala de mim e de outros e que merece antes de tudo um grande respeito, tanto pela transcendência quanto pela escolha da estagnação.

No que consiste a isso, respeitando tais individualidades, não separo ou qualifico a epistemologia dos autores que tive contato, mas levo suas falas, pensamentos e concepções, em um fluxo, como se o caminhar fosse permitido juntos, apesar de mostrarem-se por vezes controversos, afinal acredito que as diferenças, sejam elas quais forem, podem estar sendo somadas e ou agregadas quando se respeita as potencialidades, assim como as limitações, tal qual ocorre diversas vezes ao analisar os discursos dos sujeitos que se pesquisa, afinal o que importa nestes casos são os fenômenos e não os julgamentos, no qual o homem é repleto de possibilidades abertas e incompletas, indo ao encontro de uma completude constante.

Tais entrelaçamentos de individualidade e coletividade (docentes pesquisados) me levam a pensar uma forma de transcrever tais percepções, e pedindo licença a cada subjetividade, arrisco em afirmar que intuída por minha essência, construo a seguinte significação que resulta do pensamento do coletivo, mesmo sendo analisado pelo discurso individual, como mostrado na Figura 3.

Enfatizo que tais significações dizem respeito às categorias da pesquisa *a priori*, as quais permaneceram presentes e se mostram separadas e ou desprendidas

por uma questão didática, pois elas, na realidade estão em constante fluxo de engrenagens, que interferem uma na outra, assim como se modificam diante de tais interposições e influências.

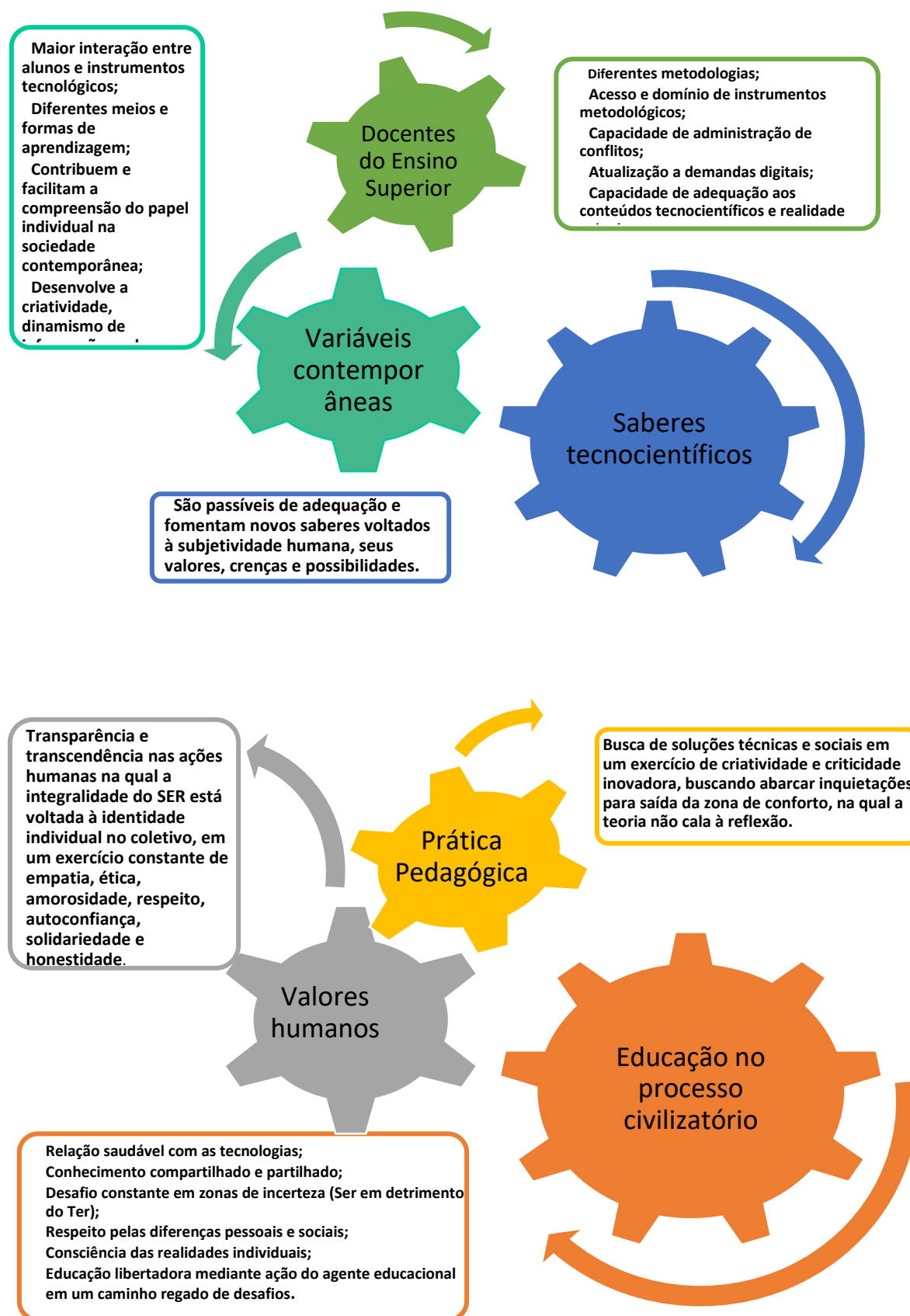
Tais engrenagens são manifestações naturais, limitadas pelo extra consciente das relações, que não dependem de uma teoria explicativa, pois são balizadas pela insuficiência de nossa própria existência humana, em busca de compreensão e vivência no real, com um papel decisivo no romper dos estreitos limites entre utopias e realidades. Tais reflexões nos levam à elaboração de uma figura, que de modo rudimentar representa estas significações, fruto da subjetividade dos sujeitos que se propuseram a se lançar no desconhecido caminho da pesquisa.

Em última análise, podemos conceber cada engrenagem como um complemento da outra para que o movimento e o fluxo ocorram. Quando concebemos engrenagens em funcionamento nos vem à mente uma máquina, mas longe disso esse conceito se efetiva, pois estamos tratando de Seres Humanos que em seu funcionamento natural e desejável se afasta de forma longínqua de mecanismos.

Juntamente a tais engrenagens em pleno funcionamento, rotativo e livre, encontram-se as significações e representações destacadas pelos colegas de profissão que acrescentam de forma ímpar o preencher de cada processo. Esses aspectos são valiosos de serem lembrados, pois ao se observar com este olhar de fluxo e funcionamento livre, tal figura pode ser concebida em movimento, indo ao encontro de mais um caminho.

Na Figura 3 a seguir, apresenta-se a ótica dos docentes do Ensino Superior da UNIFEDE, no que se refere às categorias da pesquisa.

Figura 3 - A educação no processo civilizatório e suas categorias sob a ótica dos docentes da UNIFEPE



Fonte: A autora, 2021.

Concomitante à apreciação de tal figura volto a olhar ao caminho no qual se constrói esta tese, levando em conta que cada engrenagem compõe uma grande máquina que nada mais é que nossa vida pedagógica e social. Fazemos sim parte de um grande mecanismo que mobiliza em nós força e significação ao fazer diário, o qual somos impelidos a buscar mais e mais em um fluxo interminável de superação e ultrapassar de barreiras. Quando somos capazes de perceber isso nos tornamos hábeis em conceber que esse caminho não tem fim, isto é, os passos são intermináveis, pois a cada dia estamos sendo impulsionados a observar cada pedra, paisagem, horizontes e outras estradas, colocando-nos no lugar de quem pode e deve escolher estar ou não nesse lugar.

Mais especificamente quando afirmo que podemos escolher trilhar os caminhos incertos da educação, que modifica a cada instante, por estar em uma sociedade alucinada por grandes transformações tecnológicas, recheada de variáveis contemporâneas, como ressalta Bazzo, estou dando licença a cada um de nós de analisar e determinar o que desejamos ou não. Muito embora escolher não seja uma tarefa fácil, concebo que fica insustentável buscar soluções inovadoras, ser criativo e ou abarcar nossas inquietações de forma propositiva, se não fizermos este movimento de escolher, no qual o 'como queremos levar nossas vidas', se na estrada de infinitas encruzilhadas, ou trilhando um caminho certo e definido, passa a ser nossa realidade.

Sim, somos sujeitos assujeitados a todo instante, e por ser dessa forma, estamos em constates transformações, assim como a educação e sociedade é, por isso nossa responsabilidade de fazer parte desse caminho se torna mais e mais complexa, pois temos que estar cientes de nossa sensatez ao fazer cada movimento, já que somos sim uma engrenagem e quem sabe todas ao mesmo tempo.

Sobre isso, somos alguém que favorece ou facilita este processo de aproximação da educação - sociedade – tecnologia, e como isso nos parece recente para realidade brasileira, passamos a ser inovadores quando pensamos e fazemos de forma consciente e com discernimento. Voltando-me novamente à Psicologia da Gestalt destaco que a liberdade humana não é plena, mas está a todo o tempo evocando às circunstâncias históricas da existência e, por isso passamos muito tempo procurando superar, ou não, os obstáculos que nos são apresentados, marcados por sofrimento, angústia e fracasso, no qual tudo que o mundo inclui, ou pode incluir é inevitavelmente dependente do sujeito e para o sujeito.

Quando percebo no relato dos colegas pesquisados que estão buscando atualização e superação de suas lacunas para o manejo de suas práticas, assim como quando afirmam que necessitam se capacitar para lidar com os conflitos, e que buscam alicerçar seus alunos de modo a conceber os valores humanos, fica claro que o movimento de fazer crescer a humanidade está presente. Mesmo de forma não consciente o caminho está sendo trilhado e o que interessa efetivamente está ocorrendo, pois ao fazer isso todos os envolvidos passam a fazer parte de um cenário que pensa além de os conhecimentos tecnocientíficos, e valorizam as relações humanas, associadas e todas as possibilidades que podem facilitar as ações humanas por meio das tecnologias disponíveis, mostrando com isso que se movimentam em direção a uma representação do mundo e de modo intuitivo, incluem-se neste mesmo mundo.

Este diálogo com os docentes, representado pela Figura 3, proporcionou esta visão na qual a estrada da Educação no processo civilizatório possui diversos entroncamentos, e não obstáculos, o qual se concebe trilhar o caminho em uma relação saudável com as tecnologias, o compartilhar e a atualização dos conhecimentos podem e devem ser compartilhados, e os desafios são múltiplos, pois vivemos, mais do que nunca em um mundo de incertezas no qual o Ser deve ser privilegiado em detrimento do Ter.

O respeito pelas individualidades pessoais e sociais demandam estar voltadas à consciência de cada realidade, assim como a ação pedagógica de cada agente da educação passa a ser libertadora e consciente a partir do momento em que ocorre a transformação social, em uma perspectiva que o caminho é interminável, mas que cada passo é de suma importância para o alcance de cada lugar, mesmo que este seja apenas um espaço de parada segura e de descanso.

Sob esse aspecto, o que se concebe é fruto de uma realidade vivida, agora na prática, em que somos levados a analisar e criticar a todo o tempo nossa ação, não somente na educação, mas na sociedade, pois sem isso nada seríamos. E é nesse sentido que me torno novamente grata por ter tido a oportunidade de vivenciar todo este processo, indo e voltando toda vez que foi necessário, contando sempre com pessoas (sujeitos assujeitados), que me fizeram questionar, reescrever, visitar, enfim, REALIZAR.

Por este prisma é que a tese se efetiva, afinal quando contamos com uma educação que nos possibilita liberdade e crítica, temos o espaço de superação tão

necessário para a ação pedagógica, que seja condizente com a transformação social tão desejada, na qual os valores humanos são a pauta de discussão, e o fazer diário possibilita o significar e ressignificar das variáveis contemporâneas presentes nesse contexto. Portanto, urge a necessidade em se abrir cada vez mais espaços para tais discussões, levando a cada docente a oportunidade de elaborar e reelaborar seus pensamentos e sensações diante do que mobiliza tais mudanças e, assim, realizar.

Por isso, sou gratíssima a cada um, em especial, a todos os colegas de jornada, quanto aos parceiros pesquisados, avaliadores, e ao professor Bazzo, por me proporcionar essa possibilidade de avançar e retroceder.

Neste lugar de reconhecimento e gratidão somo a esse espaço meus parceiros de leitura e correção em nome da minha filha Athena, meu irmão Régulo e colega parceiro André, pois cada um me proporcionou o revisar do que estava sendo comunicado, ou o que pretendia comungar.

E, para finalizar, agradeço por ter tido a oportunidade da vida, em vivenciar cada momento de crescimento intelectual e pessoal, pois acredito que todo experimentar me proporciona mais uma possibilidade de 'Ser' melhor, e aí mais uma vez sou convidada a escolher o CAMINHO QUE DESEJO SEGUIR, assumindo toda a responsabilidade pelo processo e pelo resultado que possa ter.

Assim sendo, peço mais uma vez licença para compartilhar a ciência da Psicologia da Gestalt, a qual me baliza há muitas décadas, e convido a todos junto de mim realizar a Oração que Frederick Perls (1893- 1970), presenteou-nos como forma de reflexão, não olhando esta como uma individualidade até mesmo individualista, mas como a possibilidade de ela ser um propositor de reflexão quanto à individuação tão necessária nestes tempos atuais, na qual a percepção de Si tem grande importância, e isso nos encaminha para um olhar atento às necessidades na sociedade contemporânea e de todos que a compõe.



REFERÊNCIAS

ALVES, Ruben. **Ostra feliz não faz pérola**. 2. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2014.

AMIGUES, René. Trabalho do professor e trabalho de ensino. *In*: MACHADO, Anna Rachel (org.). **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004. Cap. 2. p. 35-53.

ANDRÉ, Marli. **Formação de Professores**: a Constituição de Campo de Estudo. Educação, v.33, n.3, p. 174-181, 2010.

ANGELI, Gustavo; SILVA, Grasielle Rosvadoski; BONFIGLIO, Simoni Urnau. Psicologia: novos contextos e perspectivas na contemporaneidade. Brusque. Editora Unifebe. 2018.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

BARROS FILHO, Clóvis de; POMPEU, Júlio. **A filosofia explica grandes questões da humanidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

BAZZO, Walter Antonio. **De técnico e humano**: questões contemporâneas. 3. ed., atual., ampl.- Florianópolis: Ed. da UFSC, 2019

_____. Ponto de Ruptura Civilizatória: a Pertinência de uma Educação “Desobediente”. **Revista Iberoamericana CTS**, Buenos Aires, v. 11, n. 33, p. 73-91, set. 2016. Disponível em: <http://www.revistacts.net/volumen-11-numero-33/322-dossier-cts/754-ponto-de-ruptura-civilizatoria-a-aertinencia-de-uma-educacao-desobediente>. Acesso em: 12 out. 2016.

_____. Walter Antonio; PEREIRA, Luiz Teixeira do Vale; BAZZO, Jilvania Lima dos Santos. **Conversando sobre educação tecnológica**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

_____. **De técnico e de humano**: questões contemporâneas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015.

_____. **Ciência, tecnologia e sociedade**: e o contexto da educação tecnológica. 4. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BONFIGLIO, Simoni Urnau; BAZZO, Walter Antonio. **Sobre a educação**: perspectivas, interfaces e desafios contemporâneos.. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 142 p. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Sobre_a_educacao%3%A7%3%A3o_perspectivas_interface.html?id=vZj6DwAAQBAJ&source=kp_book_description&redir_esc=y Acesso em: 2 set. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A sociologia é uma ciência?** La Recherche. L'actualité des sciences no memsário. Nº 99 de maio de 2000. Tradução: Ione Ribeiro Valle.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. A autoconfrontação simples aplicada à formação de docentes em situação de trabalho. Scripta, Belo Horizonte, v. 28, n. 15, p. 205-224, 2011. Semestral. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4316>. Acesso em: 4 fev. 2017.

BREGMAN, Rutger. **Utopia para realistas**: como construir um mundo melhor. Rio de Janeiro: Sextante, 2018. Tradução de Leila Couceiro.

CARDOSO, Maria Inês S, T,. BATISTA, Paula Maria F., GRAÇA, Amândio Braga S. A identidade do professor: desafios colocados pela globalização. **Revista Brasileira de Educação**. v.21, n. 65, p. 371-390, abr/ jun, 2016.

CASTI, John. **O colapso de tudo**: os eventos externos que podem destruir a civilização a qualquer momento. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012. Tradução Ivo Korutowski, Bruno Alexandre.

COLAUTO, R. D.; BEUREN, I. M. Coleta, análise e interpretação dos dados. *In*: Beuren, i. M. (org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em Contabilidade: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: atlas, 2012. p. 117-144.

CHRISTENSEN, Clayton; EYRING, Henry J. **A universidade inovadora: mudando o DNA do ensino superior de fora para dentro**. Porto Alegre: Bookman, 2014.

DE MASI, Domênico. **A felicidade**. São Paulo: Globo, 2011. Tradução de Maria Margherita de Luca.

_____. **O futuro chegou: modelos de vida para uma sociedade desorientada**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014. 768 p. Tradução de Marcelo Costa Sievers.

_____. **O Mundo ainda é jovem: conversas sobre o futuro próximo**. Maria Palieri/ Domênico De Masi; tradução Sieni Cordeiro Campos, Reginaldo Francisco. -- 1. ed.-- São Paulo: Vestígio, 2019.

DIAMOND, Jared. **O mundo até ontem: o que podemos aprender com as sociedades tradicionais?** / Tradução Maria Lúcia de Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

DIAMANDIS, Peter H.; KOTLER, Steven. **Abundância: o futuro é melhor do que você imagina**. São Paulo: HSM Editora, 2012. Tradução de Ivo Korytowski.

DUBAR, Claude. **A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais**. Porto/Portugal: Porto Editora, 1997 [capítulo 1 a 4].

_____. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUFAUX, Ermance. **Laços de afeto**. Belo Horizonte: Editora Dufaux, 2009.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso: ou progresso como ideologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Trad. Cezar Augusto Mortari. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FRIEDMAN, Thomas L. **Obrigada pelo atraso: Um guia otimista para sobreviver em um mundo cada vez mais veloz**. Thomas Friedman: tradução Claudio Figueiredo. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

GARCÍA ALONSO, María Luisa. **Inovação curricular, formação de professores e melhora da escola: uma abordagem reflexiva e construtiva sobre a prática da inovação/formação**. Tese de Doutorado, Universidade do Minho, Braga, 1998.

GIANNETTI, Eduardo. **Trópicos utópicos: uma perspectiva brasileira da crise civilizatória**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOBLE, Norman M. El professor en un mundo en cambio. *In*: GOBLE, Norman M.; PORTER, James F. **La cambiente funcion del profesor: perspectivas internacionales**. Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones, 1980. Cap. 1 ao 5. p. 13-101. Tradução de Aurora Carmeno e Nieves Boyd. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001360/136043so.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2017.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Tradução de Paulo Geiger.

_____. The meaning of life in a world without work. Publicado em 8 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2017/may/08/virtual-reality-religion-robots-sapiens-book> Acesso em: 12 maio 2018. Tradução nossa.

_____. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 6. ed. Porto Alegre: L&PM, 2015. Tradução de Janaína Marcoantonio.

KELLY, Kevin. **Inevitável: as 12 forças tecnológicas que mudarão nosso mundo**. Tradução de Cristina Yamagami. – São Paulo: HSM, 2017.

_____. **Para onde nos leva a tecnologia**. Tradução: Francisco Araújo da Costa. Porto Alegre: Bookman, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. Tradução Maria Lúcia Machado. 1. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Entrevista coordenada por Bertrand Richard; tradução Braio Ara. Barueri, SP: Manole, 2007.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. Tradução de Ivone Benedetti.

MARTINS, André Ferrer P. Natureza da Ciência no ensino de ciências: uma proposta baseada em “temas” e “questões”. *In*.: **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, n. 3, p. 703-737, dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7941.2015v32n3p703>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

MOLINA Fernando Tula. Nueva cultura de la técnica: ¿hacia una civilización elevada? **Revista CTS**, nº 39, vol. 13, Octubre de 2018.

MONTERO, Lourdes. **A construção do conhecimento profissional docente**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005. (Horizontes Pedagógicos). Tradução: Armando Pereira da Silva.

MORIN, Edgar. **Para onde vai o mundo?** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **A cabeça bem feita: Repensar e reforma- Reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2003. 128 p. Tradução Eloá Jacobina. Disponível em: [http://www.uesb.br/labtece/artigos/A Cabeça Bem-feita.pdf](http://www.uesb.br/labtece/artigos/A%20Cabe%C3%A7a%20Bem-feita.pdf). Acesso em: 6 maio 2015.

_____. **Ciência com Consciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Berhand, 1998.

NÓVOA, Antônio. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico**. Educa. Lisboa, 2002.

PÉREZ, Daniel Gil *et al.* Para uma imagem não deformada do trabalho científico. **Ciência & Educação**, v. 7, n. 2, p. 125-153, 2001. Acesso em: 12 ago.2017.

PEDUZZI, Luiz. O.; RAICIK, Anabel. Cardoso. **Sobre a natureza da ciência: asserções comentadas para uma articulação com a história da ciência**. Agosto, 2017, 51 p. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: www.evolucaodosconceitosdafisica.ufsc.br. Acesso em: 12 ago.2017.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar: convite à viagem**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

POSTMAN, Neil; WEINGARTNER, Charles. **Contestação: nova forma de ensino**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971. Tradução de Álvaro Cabral.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994. Tradução de Reinaldo Guarany.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais. *In*: BEUREN, Ilse Maria et al (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em Contabilidade: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**. v.12, n. 34, jan/abr.2007.

RUIZ, Castor M.M. Bartolomé. Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas. **Cadernos Ihu Ideias**, São Leopoldo, v. 19, n. 314, p. 1-26, 2021. Quinzenal. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/314cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 1º maio 2021.

SARTORI, Giovanni. **Homo videns: la sociedad teledirigida**. Ed Taurus, Alfaguara-Buenos Aires. De la tracucción: Ana Díaz Soler. 1998.

SAUJAT, Frédéric. O trabalho do professor nas pesquisas em educação: um panorama. *In*: MACHADO, Anna Rachel (org.). **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004. Cap. 1. p. 5-34.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo designer para o ensino e a aprendizagem. Tradução Roberto Cataldo Costa- Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016. Tradução de Daniel Moreira Miranda.

SLOTERDIJK, Peter. **Pós-Deus**. Petrópolis, RJ: Vozes. Tradução de Markus A. Hediger. 2019.

SOUZA, Jessé. **Subcidadania brasileira**: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

_____. **A radiografia do golpe**: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: Leya, 2015.

_____. (Org.). **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

STAKER, Heather; HORN, Michael B.. **Blended**: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015. 320 p. Maria Cristina Gularte Monteiro.

TWENGE, Jean M. **iGen**: por que as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparados para a idade adulta; Tradução Thais Costa. - 1. ed.- São Paulo; Versos, 2018.

TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros**: para além do choque das civilizações. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VALLE, Ione Ribeiro; HUMDAN, Juliana Cesário; DAROS, Maria das Dores (org.). **Moderno, modernidade e modernização**: a educação nos projetos de Brasil - século XIX e XX. Belo Horizonte: Mazza, 2014.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; ARAUJO, José Carlos Souza; KAPUZINIAK, Célia. **Docência**: Uma construção ético-profissional. Campinas: Papirus Editora, 2005.

APÊNDICE A - Questionário de pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Sr.(a) Professor(a),

Gostaria de agradecer por sua colaboração e participação voluntária, ao responder este instrumento de coleta de dados que serve como fonte primária para o desenvolvimento de uma tese de doutorado.

Este trabalho tem como objetivo analisar a percepção dos docentes do Ensino Superior quanto aos saberes tecnocientíficos, os valores humanos e as variáveis contemporâneas, na civilização 4.0.

Quanto aos **saberes tecnocientíficos**, serão considerados os conteúdos a serem desenvolvidos, de acordo com as ementas das disciplinas que devem estabelecer relação com as habilidades e competências pertencentes à formação do futuro profissional, independentemente do curso ou área. Estes saberes estão imersos à tecnociência a qual está submerso à Inteligência Artificial, assim como a Internet das Coisas, tal qual as questões voltadas às configurações sociais, políticas e culturais na atualidade.

No que tange às **variáveis contemporâneas**, é importante compreender que a abrangência atinge a soma das tecnologias, associadas à tecnociência e aos valores humanos, assim como as relações que os indivíduos estabelecem com isso no seu cotidiano social.

Em tempo, gostaria de ressaltar que as respostas serão mantidas em sigilo absoluto quanto à identidade, assim como quanto ao curso de atuação do docente. Para análise dos dados, será utilizada a nomenclatura D1, D2 [...] (Docente 1) como forma de identificação, pois, neste momento, são consideradas apenas as impressões pessoais e não o curso ou a formação do docente.

Por fim, importa anotar que não cabe, a este instrumento de coleta de dados, o julgamento quanto a opinião ou explanação de ideias particulares. Logo, a sua probidade e sinceridade ao responder este questionário aberto são fundamentais para a construção científica desta pesquisa.

Novamente agradeço imensamente por sua disponibilidade e por sua contribuição para o desenvolvimento desta tese de doutoramento no programa Educação Científica e Tecnológica/ USFC, sob orientação do Prof. Dr. Walter Antonio Bazzo, intitulada **CIVILIZAÇÃO 4.0: reflexões e saberes no Ensino Superior**.

Número de pesquisa: _____(dados do pesquisador)



QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Data: ____ / ____ / ____

Assinale com um X a opção desejada:

1. Idade _____
2. Sexo _____
3. Formação acadêmica _____
4. Possui pós-graduação () Mestrado () Doutorado em _____
5. Tempo de atuação de docência no Ensino Superior independente da IES _____
6. Cursos em atuação profissional no segundo semestre de 2019 _____
7. Possui formação específica na área docente? Quais? _____

8. Para eventuais contatos futuros, por gentileza, forneça-nos os seguintes contatos pessoais:
 - a) E-mail: _____
 - b) Número do telefone celular com prefixo: _____
 - c) Número do telefone residencial com prefixo: _____

Obs.: Todos os seus contatos serão mantidos no mais absoluto sigilo!



QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Quais são as demandas que emergem de seu cotidiano pedagógico? De que forma o(a) Sr.(a) lida ou administra as mesmas?

- 1- No seu ponto de vista, a tecnologia contribui (facilita) ou dificulta o desenvolvimento de suas práticas cotidianas? Como?
- 2- Em seu cotidiano, o(a) Sr.(a) se percebe privilegiando somente os saberes tecnocientíficos, de modo a cumprir as ementas dos cursos? Se não, o que mais privilegia?
- 3- Em seu fazer pedagógico, o(a) Sr.(a) instiga uma educação crítica, reflexiva e libertadora? Quais são as práticas pedagógicas e que de forma isso ocorre?
- 4- Quais são os valores humanos que o(a) Sr.(a) percebe emergir no desenvolvimento de suas práticas?
- 5- Como o(a) Sr.(a) compreende a relação entre os saberes tecnocientíficos com as variáveis contemporâneas em seu cotidiano laboral?
- 6- Como docente do Ensino Superior, você se percebe fazendo um movimento de trazer à tona discussões que possibilitam o desenvolvimento dos saberes tecnocientíficos, aliados aos valores humanos na sociedade contemporânea? De que forma isso ocorre?

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO*

1. Identificação do Projeto de Pesquisa	
Título do projeto: Civilização 4.0: reflexões e saberes no Ensino Superior	
Área do conhecimento: Ciências Humanas	
Curso: Administração; Arquitetura e Urbanismo; Ciências Contábeis; Designer de Moda; Designer Gráfico; Direito; Educação Física, bacharel e licenciatura; Engenharia Civil; Engenharia de Produção; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Gestão Comercial; Jogos digitais; Letras – Inglês, Pedagogia; Processos Gerenciais; Psicologia; Publicidade e Propaganda; Sistemas de Informação e Medicina.	
Número de participantes no centro: 189	Número total de participantes: 189
Patrocinador da pesquisa: próprio	
Instituição onde será realizada: Centro Educacional de Brusque - UNIFEBE	
Nome dos pesquisadores e colaboradores: Simoni Urnau Bonfiglio	

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima identificado. Este documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir, a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

2. Identificação do Participante da Pesquisa	
Nome (opcional):	
Data de nascimento:	Nacionalidade:
	Profissão:

3. Identificação do Pesquisador Responsável	
Nome: Simoni Urnau Bonfiglio	
Profissão: Psicóloga	Número do registro no Conselho: CRP 12/01506
Endereço: Rua Luxemburgo 1077. Bairro Santa Regina, Camboriú/SC	
Telefone: (47) 99993 6675	E-mail: simonibon7@gmail.com

Eu, participante da pesquisa, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do projeto de pesquisa acima identificado. Discuti com o pesquisador responsável sobre a minha decisão em participar e estou ciente de que:

1. O(s) **objetivo(s)** desta pesquisa é de analisar a percepção dos docentes Centro Educacional de Brusque (UNIFEBE) quanto aos saberes tecnocientíficos e os valores humanos e as variáveis contemporâneas na civilização 4.0., e como objetivos secundários: a) Investigar as demandas dos docentes do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) quanto aos saberes tecnocientíficos, os valores humanos e as variáveis contemporânea; b) Compreender como as práticas educacionais evidenciam os saberes tecnocientíficos e os valores humanos a fim de proporcionar uma educação crítica, reflexiva e libertadora; c) Apresentar proposta de formação educacional, no qual o fazer pedagógico esteja aliado aos saberes tecnocientíficos e as variáveis que constituem a equação civilizatória na sociedade contemporânea.
 2. O **procedimento** de coleta de dados quanto ao problema classifica-se como qualitativa; quanto aos objetivos: exploratória e quanto aos procedimentos técnicos: estudo de caso. A população da pesquisa será uma amostra probabilística aleatória simples (corpo docente do Centro Universitário de Brusque- Unifebe) dos cursos presenciais e ocorrerá por meio de um questionário aberto sendo analisado o conteúdo dele. O Centro Universitário conta com 189 docentes do ensino superior e a todos será disponibilizado o questionário, e a doutoranda se servirá dos 20 (vintes) primeiros questionários que forem respondidos, tratando dos dados destes.
 3. O(s) **benefício(s)** espera-se com este estudo, que o roteiro de pesquisa seja um propositor para a premente análise da realidade educacional e ao final da tese, se possa propor um fazer pedagógico para o Ensino Superior mais condizente com a realidade da Educação 4.0, o qual os saberes tecnocientíficos, assim como os valores humanos estejam aliados a prática educacional, formando profissionais capazes de desempenhar suas funções de forma crítica, reflexiva e libertadora, indo aos encontro das infinitas variáveis da sociedade contemporânea. A pesquisa deverá contribuir com o progresso da ciência, principalmente no que tange à educação científica e tecnológica que hoje está carente de estudos que defendam uma educação mais humanizadora e menos técnica. Portanto, espera-se que a comunidade pesquisada possa ser capaz de colher os benefícios deste estudo por meio da reflexão de seu ser e fazer educacional adequando o que achar necessário e relevante em direção a uma inovação do processo ensino aprendizagem aliado aos preceitos de uma educação contemporânea, em que os resultados estarão voltados à formação mais humana, reflexiva e crítica de seus professores. Posteriormente os pesquisados podem ser beneficiados com um programa de formação continuada desenvolvida de acordo com suas reais demandas e expectativas, já que o intuito final da tese será de propiciar um programa mais condizente com a realidade do Ensino Superior.
1. O(s) **desconforto(s)** e/ou o(s) **risco(s)** esperado(s) é(são): Toda coleta de dados que envolve humanos acarreta um tipo de risco seja este moral, social, psicológico ou físico, porém no caso desta pesquisa os riscos para os participantes serão minimizados, buscando que estes não prejudiquem os participantes. Neste sentido esclarece-se que o instrumento será encaminhado via e-mail e o pesquisado terá a liberdade de responder ou se negar a participar, já que ele fará a leitura e assinatura

deste documento (TCLE) antes de ter acesso ao instrumento de pesquisa, lembrando que este se configura como um meio razoável de comunicação por proporcionar garantia de autenticidade e tempestividade dos documentos (data/hora). No caso do aceite o risco está relacionado ao desconforto quanto ao tempo dispensado para elaboração total das respostas, mas mesmo assim o participante encontra-se protegido por não ter limitação de tempo para resposta, podendo proceder a mesma em diferentes momentos, fazendo a devolução do instrumento preenchido somente após a sua finalização sem prazo estipulado. Outro risco a ser esclarecido está relacionado ao sigilo, e nesse sentido os pesquisadores irão identificar os questionários com números, de acordo com a ordem de recebimento sem identificar cursos e ou outro dado que possa reconhecer o pesquisado. Quanto a possíveis sentimentos negativos ao responder o instrumento, os pesquisadores contam com um atendimento psicológico na Clínica Escola da própria instituição para o suporte emocional, caso seja necessário encaminhar qualquer pesquisado. No caso da realização das entrevistas individuais (caso ocorra), os participantes terão o mesmo tratamento, sendo reservado o direito desta entrevista ser cancelada a qualquer momento, assim como os dados serão analisados de forma anônima (identificado por número de acordo com agendamento da entrevista). Para isso as pessoas possuem a livre escolha de participar e os dados pessoais servirão tão somente como formulação de dados estatísticos. As entrevistas, se ocorrerem, obedecerão às questões do instrumento de pesquisa caso os retornos dos questionários não alcançar os 10% da amostra total. Quanto aos riscos financeiros os participantes estão salvaguardados já que toda e qualquer despesa será um custo do próprio pesquisador. Para isso, as pessoas possuem a livre escolha de participar e os dados pessoais servirão tão somente como formulação de dados estatísticos. Quanto aos riscos financeiros, os participantes estão salvaguardados, já que toda e qualquer despesa será um custo do próprio pesquisador tendo o pesquisado seus direitos assegurados segundo a resolução CNS 466/12 item IV 3.h, quanto à garantia de indenização, assim como quanto à garantia de transporte e ou alimentação mesmo quando esta seja improvável de acordo com Resolução 466/12, item IV.3.g e Resolução 510/16, ART. 17, inc. VII. No caso de outros danos materiais do pesquisado que envolvam a pesquisa, a pesquisadora fica responsável mesmo estes não sendo previstos por sua improbabilidade.

2. A **participação do pesquisado** contribuirá de forma importante para o levantamento dos dados extremamente necessários para que se atinja os objetivos acima mencionados, favorecendo com isso para a elaboração de tese e de futuros trabalhos que dela possam surgir, tendo sigilo ético quanto à identificação tanto pessoal quanto ao curso que se ministra aula, assim como quanto aos correios eletrônicos, sendo estes dados puramente estatísticos e sigilosos.
3. A **participação do pesquisado é isenta de despesas**, assim como deve ter ciência de que não será remunerado(a) pela participação na pesquisa, todavia qualquer despesa que possa ter que envolve pesquisa, mesmo as improváveis, como transporte, fotocópias e alimentação serão de responsabilidade exclusiva da pesquisadora.
4. Dar-se-á o **direito ao pesquisado** a não desejar responder essa pesquisa e nesse sentido não terá qualquer obrigação e ou consequência, basta não proceder à assinatura deste instrumento (TCLE) e sua devolutiva por e-mail, que não receberá o questionário de pesquisa.

5. O participante terá a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração nesta pesquisa a qualquer momento/no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
6. Sua **desistência** não causará nenhum prejuízo à saúde ou bem-estar físico, social, psicológico, emocional, espiritual e cultural. Sua desistência não interferirá em nenhuma instância pessoal ou laboral.
7. Os dados pessoais do participante serão mantidos em sigilo, e ao publicar os dados científicos da pesquisa eles não serão mencionados.
8. Será possível consultar o **pesquisador responsável** (acima identificado- item 3) sempre que entender necessário obter informações ou esclarecimentos sobre o projeto de pesquisa e sua participação na pesquisa.
9. O pesquisado tem a garantia de tomar conhecimento, pessoalmente, do(s) resultado(s) parcial(is) e final(is) desta pesquisa.
10. O pesquisado autoriza a **gravação** em áudio e/ou vídeo do conteúdo da pesquisa caso isso ocorra, tendo ciência que as imagens não serão de modo algum divulgadas em qualquer ocasião. Será utilizado a gravação parcialmente para os resultados dessa pesquisa de forma transcrita.
11. O pesquisador cumprirá o que determina a Resolução CNS 466/12.6) e garantirá o acompanhamento e assistência em todas as etapas da pesquisa, por meio do contato direto com a pesquisadora, assim como pelo endereço da instituição como prevê a resolução CEPESH-UFSC (item IV.5.d da res. 466/12 e art. 17 inc. IX da res. 510/16): Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, Contato: (48) 3721-6094, cep.propesq@contato.ufsc.br.7)

Declaro que obtive todas as informações necessárias e esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e, por estar de acordo, assino o presente documento em duas vias de igual teor (conteúdo) e forma, ficando uma delas em minha posse.

Brusque ___ de _____ de 2020.

Simoni Urnau Bonfiglio
**Nome do pesquisador responsável pela
obtenção do consentimento**

Participante da pesquisa e/ou responsável

Walter Antônio Bazzo
Membro e Orientador da pesquisa

Testemunhas:

Nome:
RG ou RNE:
CPF/MF:
Telefone:

Nome:
RG ou RNE:
CPF/MF:
Telefone:

Testemunhas serão exigidas caso o voluntário não possa, por algum motivo,
assinar o termo.

ANEXO B- Parecer substanciado do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SABERES TECNOCIENTÍFICOS: docentes do Ensino Superior na civilização 4.0

Pesquisador: Simoni Urnau Bonfoglio

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 23480019.7.0000.0121

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.911.438

Apresentação do Projeto:

Projeto de Doutorado de Simoni Urnau Bonfoglio, orientado pelo Prof. Dr. Walter Bazzo no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Busca analisar a percepção dos docentes do ensino superior quanto aos saberes tecnocientíficos e as variáveis contemporâneas fruto da civilização 4.0. Os participantes da pesquisa serão docentes da UNIFEBE (SC) que responderão a um questionário aberto estruturado.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a percepção dos docentes do ensino superior quanto aos saberes tecnocientíficos e as variáveis contemporâneas fruto da civilização 4.0.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos elencados envolvem desconfortos por concessão de tempo individual ou mobilização de sentimentos por ter que responder ao questionário e participar de entrevistas. Os riscos foram redimensionados pelos pesquisadores.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram anexados.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

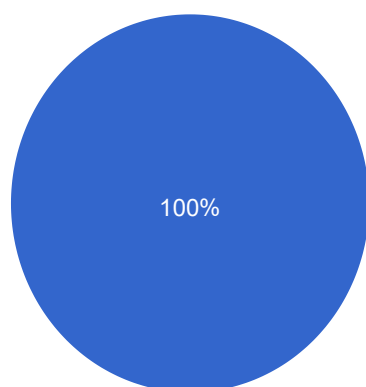
ANEXO C - Questionários para análise e levantamento de dados, relatório *Google form*.

Pesquisa: Civilização 4.0 reflexões e saberes no ensino superior

10 respostas

[Publicar análise](#)

4 respostas



● Opção 1

Sem título

Idade

10 respostas

44

49

51

39

65

35

60

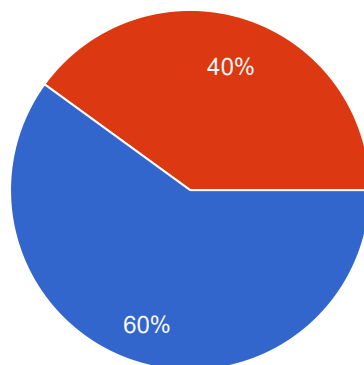
48

50



Sexo

10 respostas



● Feminino
● Masculino



Formação acadêmica

10 respostas

Farmacêutica

Ciências Contábeis

Engenharia Civil

Teologia e Administração

Especialista

Doutorado em Antropologia

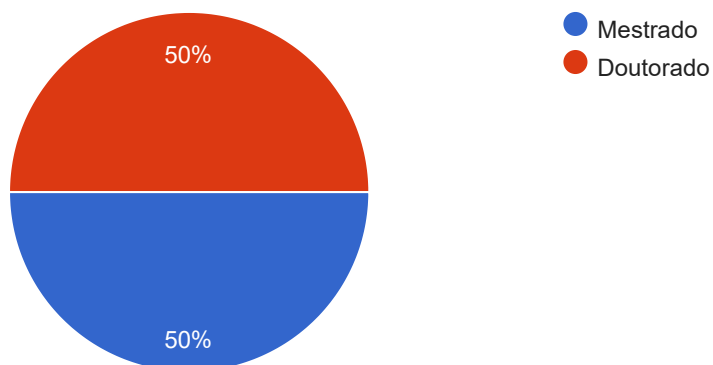
Mestre em Artes - Processos Artísticos Contemporâneos

Contabilidade e administração

Ensino superior Direito

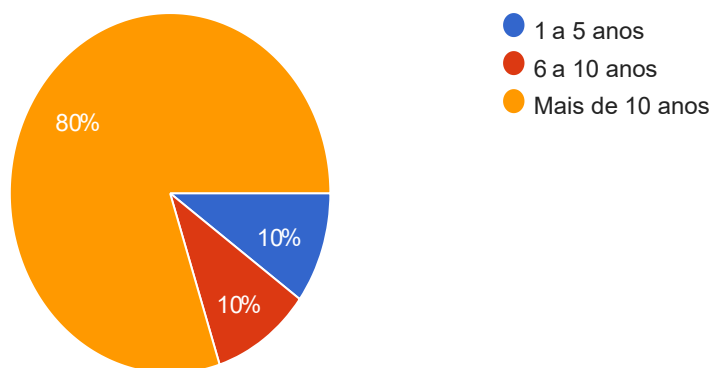
Possue Pós Graduação?

10 respostas



Tempo de atuação de docência no Ensino Superior independente da IES

10 respostas



Cursos em atuação profissional no segundo semestre de 2020

10 respostas

Psicologia e Medicina

Ciências Contábeis

Curso de Engenharia Civil

Somente ministrei cursos

Contábeis

Design de Moda e Publicidade e Propaganda

Design de Moda; Design Gráfico, Publicidade e Propaganda

Contabilidade e administração

Direito

Possui formação específica na área docente? Quais?

10 respostas

Não

Mestrado

Docente

Apenas Gestão da Educação

Direito, Estudos Sociais e história

Estágios docentes. Participação em Grupos de Pesquisa que estudam o Ensino Superior.

artes e educação artística

sim

Especialização e Mestrado em Ciência Jurídica, com disciplinas de metodologia do

Quais são as demandas que emergem de seu cotidiano pedagógico? De que forma o(a) Sr.(a) lida ou administra as mesmas?

10 respostas

Demandas pedagógicas: diferentes metodologias para estimular os alunos (minha percepção). Outra demanda que julgo importante: edição de vídeos (é um tipo de recurso pedagógico muito bom, mas a edição é a minha limitação - porque as vezes precisamos apenas de um trecho do filme). Demanda maior nas aulas: administrar os problemas emocionais dos alunos.

Atualização

Demandas digitais

Autodidata e formações institucionais

busca atualização

Demandas: tornar o conteúdo teórico atraente para o(a) estudante. Tornar o conteúdo palpável às demandas do mercado. Como lido: estudo empírico com profissionais das áreas (entender questões que consideram fundamentais); estudo teórico em bibliografias pedagógicas; ouço os(as) alunos(as) e tento compreender suas dores e
id d

No seu ponto de vista, a tecnologia contribui (facilita) ou dificulta o desenvolvimento de suas práticas cotidianas? Como?

10 respostas

Facilita, propicia maior interação com os alunos. A maior dificuldade nas aulas take-home é que alguns recursos não estão a disposição para todos os alunos, então limita o uso. Outros recursos, a limitação é minha, não saber usar (edição de filmes).

Contribui, pois permite várias formas diferentes de aprendizagem

Vem a auxiliar

Contribui para levantamento e tratamento de dados discentes

facilita

Contribui. Contudo penso que a tecnologia é somente uma ferramenta. Quem manuseia a ferramenta é a pessoa. Então a depender da pessoa, ela pode auxiliar ou dificultar. Mostrar isso para o aluno(a) é fundamental para que ele(a) reflita sobre seu papel dentro do universo tecnológico.

Por um lado facilita, pois amo ser estimulada. E penso que, por incrível que pareça,

Em seu cotidiano, o(a) Sr.(a) se percebe privilegiando somente os saberes tecnocientíficos, de modo a cumprir as ementas dos cursos? Se não, o que mais privilegia?

10 respostas

Cumpro os saberes tecnocientíficos de forma privilegiada, mas os temas das ementas me permitem e sempre contemplo valores humanos, políticas públicas, ética e outras discussões humanísticas.

Não, os saberes me permitem me manter atualizado com os assuntos.

Vem privilegiar o fomento para novos saberes

Me preocupo que o aluno realmente aprenda e que ele seja protagonista do processo.

fazer trabalhos de pesquisa com os acadêmicos

Privilégio saberes tecnocientíficos, porém recorro sempre o(a) aluno(a) que por detrás da tecnologia sempre, sempre haverá um olhar humano. Por isso, uso de ferramentas analógicas também, como: gamificação analógica, conversas e reflexões que em sala de aula se dão inclusive por aproximação física, necessidade da empatia como bússola para as tecnologias, observação participante etc.

Em seu fazer pedagógico, o(a) Sr.(a) instiga uma educação crítica, reflexiva e libertadora? Quais são as práticas pedagógicas e que de forma isso ocorre?

10 respostas

Estímulo tanto por meio da aula expositiva bem como nas discussões de estudo de casos, nos quais realidades socioeconômicas, cultural e de saúde permitem ver diferentes pontos de vista sobre o mesmo tema.

Sim, fazer o aluno pensar e a buscar soluções para questões/casos problemas

Não tenho domínio para esta resposta.

Procuro sempre relacionar os temas/conteúdos com a prática e cotidiano do aluno. A PBL se presta muito para isso.

pesquisa acadêmica

Sempre! Senão nem estaria aqui! rs. Em cada atividade que fazemos em sala, deixo claro os objetivos ao qual se propõe. No final da atividade, vemos juntos(as) se cumprimos esses objetivos ou não. Valorizo quando o(a) aluno(a) possui uma opinião contraditória. Instigo a pesquisa e a autonomia.

Quais são os valores humanos que o(a) Sr.(a) percebe emergir no desenvolvimento de suas práticas?

10 respostas

Empatia, respeito com certeza os mais trabalhadores, outros valores como ética, amorosidade.

O trabalho em equipe, a valorização do individuo

Transparência nas ações.

Ética e responsabilidade. Sustentabilidade também é algo que fomento.

Vejo positivo, pois temos o resultado na contratação de acadêmicos do curso de Contábeis da Unifebe

Empatia. Carinho. Amor. Segurança. Autonomia. Respeito. Autoconfiança. Senso de Equipe.

valor para si, valor para seu meio, para sua cidade, seu estado, seu país, e o mundo como um todo - pois não isolo o indivíduo dessas questões em seu processo de aprendizado e troca

Como o(a) Sr.(a) compreende a relação entre os saberes tecnocientíficos com as variáveis contemporâneas em seu cotidiano laboral?

10 respostas

Uma relação que pode ser boa quando usada de forma saudável, as tecnologias podem somar muito no processo ensino=aprendizagem, mas observa-se que os alunos usam de forma pouco proveitosa para o conhecimento. Ficam presos as redes sociais apenas para "falarem de alguém ou coisas", não usam os recursos tecnológicos em busca de sites confiáveis, de documentários, textos produtivos.

Minha profissão exige muita atualização, e os saberes tecnocientíficos permite que essa atualização aconteça de forma mais eficaz.

Representa um desafio constante, um compromisso diário em nossas atividades

É sempre um desafio por a tecnologia a serviço da prática pedagógica. O aluno precisa se tornar proficiente no uso da tecnologia e não apenas alfabetizado. Mas ao mesmo tempo deve-se zelar para a tecnologia não se tornar o único propósito da aula. Tecnologia e ferramenta e não fim.

Procurando desenvolver o saber crítico

P i t â t á l t t t d b

Como docente do Ensino Superior, você se percebe fazendo um movimento de trazer à tona discussões que possibilitam o desenvolvimento dos saberes tecnocientíficos, aliados aos valores humanos na sociedade contemporânea? De que forma isso ocorre?

10 respostas

Conforme descrevi antes, trabalho muito com estudo de casos, e insiro muito os dados socioeconômicos, culturais, ambientais, além de discussão de fatos de mídia que permitem a reflexão de diferentes temas. Conversas em intervalos (aula presencial) também permitem muito essa troca.

Eu trabalho da forma que devemos usar os saberes para uma melhor sociedade.

Não

Entendo estar contribuindo para isso. Especialmente a atuação na pós-graduação stricto sensu na disciplina de metodologia de ensino superior procuro refletir muito sobre tornar a própria prática docente objeto de pesquisa. Nesse sentido, a docência no ES exige pesquisa de duas vias ao profissional, qual seja, na área de conhecimento específica e na docência propriamente dita. Na graduação, procuro sempre refletir sobre a própria estratégia de ensino escolhida com os alunos, para que percebam os processos mentais pelos quais o conhecimento é constituído.

Este movimento ocorre pelas vantagens de se tem nesta época atual